

**ADRIANA DOS SANTOS CUNHA**

**POLÍTICA EDUCACIONAL, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: A FALA  
DOS PROFESSORES SOBRE OS IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DA  
REFORMA CURRICULAR PAULISTA**

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO  
SÃO PAULO  
2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ADRIANA DOS SANTOS CUNHA**

**POLÍTICA EDUCACIONAL, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: A FALA  
DOS PROFESSORES SOBRE OS IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DA  
REFORMA CURRICULAR PAULISTA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação sob orientação do Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho.

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO  
SÃO PAULO  
2010**

Cunha, Adriana dos Santos.

Política educacional, currículo e avaliação : a fala dos professores sobre os impactos da reforma curricular paulista. / Adriana dos Santos Cunha. 2010.

165 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2010.

Orientador (a): Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho

1. Política educacional. 2. Currículo. 3. Reforma educacional.

CDU 37

**ADRIANA DOS SANTOS CUNHA**

**POLÍTICA EDUCACIONAL, CURRÍCULO E AVALIAÇÃO: A FALA  
DOS PROFESSORES SOBRE OS IMPACTOS DA IMPLANTAÇÃO DA  
REFORMA CURRICULAR PAULISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho  
UNINOVE/SP  
Orientador

---

Profa. Dra. Roberta Gurgel Azzi  
UNICAMP/SP  
Professora convidada

---

Prof. Dr. Miguel Henrique Russo.  
UNINOVE/SP  
Professor do programa

Nota: \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ )

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

*Dedico este trabalho aos meus familiares,  
principalmente ao meu pai Antonio, que me  
apoiou no prosseguimento dos meus estudos  
e em muitos momentos de minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Dirigente de Ensino Professor Ms. Michel Abou Assali, que me possibilitou a flexibilização do cumprimento de horário de trabalho e apoiou a realização de meus estudos no mestrado.

Ao Professor Luiz Carlos Tozetto, pelo apoio e compreensão de minhas atividades durante o curso.

A Universidade Nove de Julho, por me possibilitar o acesso ao mestrado.

Ao Professor Dr. Celso do Prado Ferraz de Carvalho, que pacientemente me auxiliou nessa pesquisa e me possibilitou a ampliação de conhecimentos em minha formação acadêmica.

Ao Professor Dr. Miguel Henrique Russo e a Professora Dra. Roberta Gurgel Azzi, pela disposição e apontamentos de sugestões na realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas e ex-colegas de trabalho que de alguma forma me auxiliaram e me incentivaram, Rinaldo Molina, Francisco Rocha, Lilian Pessôa, Divo Maciel, Irene Inês Antoniazzi, Márcia Mecca, Ester Gryga, Robson da Silva e demais Professores Coordenadores da Oficina Pedagógica Norte-1.

A minha irmã Renata Cunha, pelo carinho e incentivo.

Ao meu namorado Paulo Santiago, pela compreensão e paciência durante meus estudos.

A Professora Coordenadora Sandra Regina de Lima Belli, por possibilitar a realização das entrevistas com as docentes de sua unidade escolar e pelo incentivo.

A Professora Maria Cecília Carnovalli, pela ajuda na tradução em inglês.

Ao Professor Saulo Ferreira dos Santos Braghini, pela atenção dada na revisão gramatical.

## RESUMO

CUNHA, Adriana dos Santos. *Política Educacional, Currículo e Avaliação: A Fala dos Professores sobre os Impactos da Implantação da Reforma Curricular Paulista*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2010.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo apresentou em 2007 uma nova proposta curricular para a educação pública, que faz parte de um conjunto maior de propostas, denominado *Programa São Paulo Faz Escola*. Iniciada em 2008, teve como base um conjunto de metas a serem alcançadas, entre elas, a melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos, indicador a ser verificado pelo IDESP, o Índice de Desenvolvimento Educacional do Estado de São Paulo. Esta pesquisa teve como objetivo compreender os impactos produzidos por essa reforma educacional no cotidiano escolar e a representação que os professores da rede pública estadual de ensino dela possuem. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e análise documental. As categorias que serviram de referência para a análise dos dados foram currículo, cultura escolar, prática escolar e políticas públicas. Os resultados obtidos mostram que as ações de aceitação ou resistência dos professores decorrem mais de condições postas pela cultura e prática escolar do que efetivamente de uma compreensão do significado político da reforma proposta pelo Estado.

Palavras Chave: Política Educacional; Currículo; Reforma Educacional.

## ABSTRACT

CUNHA, Adriana dos Santos. Education Policy, Curriculum and Evaluation: talks of teachers on the impacts of deployment of Curricular Reform Paulista. Masters dissertation. São Paulo: Nove de Julho University, 2010.

The State Secretary of education of São Paulo presented in 2007 a new curricular proposal for public education, which is part of a larger set of proposals, called *Programa São Paulo Faz Escola*. Its implementation began in 2008 based on a set of goals to be achieved, among them to improve the quality of student learning, which is to be verified by the IDESP, the index of educational development of the State of São Paulo. This research goal was to understand the impacts produced by this educational reform in the school routine and the understanding of the representation that teachers of the public network have about it. This research was performed through semi-structured interviews and documentary analysis. Categories that served as reference for the analysis of data were: curriculum, school culture, practice and public policy. The results show that the actions of acceptance or resistance of teachers derive more from conditions offered by the school of culture and practice than an effectively understanding of the political significance of reform proposed by the State.

Keywords: Education Policy; Curriculum; Educational Reform.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Reformas Educacionais .....	70
Tabela 2 – Trabalho em Sala de Aula .....	74
Tabela 2.1. – Trabalho com Competências e Habilidades .....	76
Tabela 2.2. – Interdisciplinaridade .....	78
Tabela 2.3. – Ensino Contextualizado .....	80
Tabela 3 – Avaliação .....	85
Tabela 3.1. – Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes .....	87
Tabela 3.2. – Avaliação Externa .....	89
Tabela 4 – Planejamento .....	94
Tabela 5 – Material Didático/ Pedagógico .....	97
Tabela 6 – Progressão Continuada .....	102

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APEOESP – Associação dos Profissionais de Ensino Oficial do Estado de São Paulo

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

CRE – Centro de Referência em Educação Mário Covas

DAC – Diversidade de Apoio ao Currículo

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação para Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos profissionais da educação

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de valorização do magistério

HTPC – Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo

ID – Indicador de Desempenho

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDESP – Índice de Desenvolvimento Educacional do Estado de São Paulo

IF – Indicador de Fluxo

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

OFA – Ocupante de Função Atividade

PC – Professor Coordenador

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCOP – Professor Coordenador da Oficina Pedagógica

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PISA – Programa Internacional de Avaliação Comparada

PNE – Plano Nacional de Educação

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SEADE – Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados

SEE/SP – Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>1- O Panorama das Políticas Educacionais.....</b>	<b>17</b>
1.1. Histórico do Plano Nacional de Educação .....	19
1.2. O Plano de Desenvolvimento da Educação .....	21
1.3. A Política Educacional do estado de São Paulo a partir de 1995 ...	23
1.3.1. Gestão Rose Neubauer (1995 – 2002) .....	23
1.3.2. Gestão Gabriel Chalita (2002 – 2006) .....	26
1.3.3. Gestão Maria Lúcia Vasconcelos (2006 – 2007)/ Maria Helena Guimarães de Castro (2007 – 2009)/ Paulo Renato Souza (2009 – Atual) .....	28
1.4. Sistemas de Avaliação do Currículo .....	38
1.5. O Currículo Oficial do Programa São Paulo Faz Escola .....	44
<b>2- A Reforma Curricular e o Trabalho Docente: uma primeira     aproximação .....</b>	<b>48</b>
2.1. A fala dos professores .....	50
<b>3- Os Impactos da Reforma Curricular Paulista: a fala dos professores     da Rede Pública Estadual .....</b>	<b>69</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>104</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>108</b>
Anexo – Transcrição das Entrevistas .....	113

## Introdução:

Desde a década de 1990, em São Paulo, a educação pública passou por algumas reformas educacionais, tivemos a implantação da Progressão Continuada, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de diversas teorias acerca do preparo do indivíduo para o trabalho e para a cidadania. Houve um direcionamento da educação em acompanhar as demandas do sistema capitalista.

A autora dessa pesquisa obteve sua formação em Ciências Sociais, com complementação em Licenciatura Plena de Geografia, vivenciando esse processo de reformas educacionais como professora desde 1999. Atualmente é efetiva da rede pública estadual e encontra-se designada como professora coordenadora de geografia lotada na Diretoria Regional de Ensino Norte-1, no setor da Oficina Pedagógica.

As reformas educacionais, principalmente as que foram formuladas a partir do ano de 2007 em São Paulo, são os elementos gerais dessa pesquisa. A forma como os professores da rede pública estadual sofreram os impactos decorrentes desse processo, principalmente com a implantação do Currículo Oficial, é o elemento central dessa pesquisa.

O Programa *São Paulo Faz Escola* foi lançado em meados de 2007 pela Secretaria Estadual de Educação do estado de São Paulo (SEE/SP). O objetivo anunciado é o de homogeneizar o currículo a ser trabalhado pelas escolas públicas da rede estadual com o intuito de melhorar a qualidade do ensino oferecido. O programa anunciado está estruturado a partir de dez metas<sup>1</sup> a serem alcançadas até o ano de 2010. A Proposta, que se transformou no Currículo Oficial, estabelece os conteúdos mínimos a serem trabalhados pelos professores com os discentes, além do cumprimento de metas estipuladas pelo Índice de Desenvolvimento Educacional do Estado de São Paulo (IDESP) para cada unidade escolar. A fase de implementação teve início em 2008, logo após as férias dos docentes, que ficaram surpresos com a forma pela qual a proposta, seus conteúdos e objetivos lhes foram apresentados.

---

<sup>1</sup> As dez metas estão especificadas no capítulo I desse relatório.

Ficou decidido então, investigar o Programa São Paulo Faz Escola, principalmente para compreender como se deu sua implantação, a forma como os profissionais da educação o receberam e seus impactos no trabalho do professor.

A questão central de nosso estudo pode ser apresentada da seguinte forma:

Quais são os impactos no cotidiano escolar produzidos pela implantação do Currículo Oficial em 2008 pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo?

Essa pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

- compreender os impactos referentes ao Currículo Oficial da SEE/SP em uma das escolas públicas estaduais paulistas que apresenta baixo índice no IDESP;
- verificar se o Currículo Oficial produziu ou não mudanças no trabalho dos professores;
- verificar se o Currículo Oficial melhorou os indicadores de qualidade educacional através do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo (SARESP).

Nossa hipótese de trabalho é a de que os processos de implantação de reformas educacionais encontram nas escolas espaços/discursos de aceitação e resistência que somente podem ser compreendidos por meio da cultura e da prática escolar. Nesse sentido a ação dos professores não pode ser a priori definida como de aceitação ou de resistência, mas sim, compreendidas a luz da cultura e das práticas escolares.

Ao longo desta pesquisa coletamos informações de uma unidade escolar pertencente à Diretoria Regional de Ensino Norte<sup>1</sup>, localizada no distrito de Brasilândia, no município de São Paulo. Uma escola que apresenta baixo índice de qualidade educacional e que está localizada em um bairro de periferia, com altos índices de violência em seu entorno.

Atualmente o distrito de Brasilândia, conforme apontam dados da Fundação de Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE, 2008), apresenta as seguintes características:

- moradores de renda média e baixa;
- índice elevado de adolescentes grávidas;
- número elevado de população em idade escolar dos 07 aos 17 anos;
- alta vulnerabilidade juvenil;
- altos índices de violência.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma série de entrevistas semi-estruturadas, com questões previamente definidas às quais outras foram acrescentadas, o que permitiu maior liberdade e espontaneidade das respostas por parte das entrevistadas e a análise qualitativa das entrevistas. Segundo Laille e Dionne (1999):

As características desse tipo de entrevista distanciam-se então daquelas de tipo estruturado, mas não sem inconvenientes: a flexibilidade adquirida se traduz por uma perda de uniformidade, que atinge agora tanto as perguntas quanto as respostas. Ainda que todas as entrevistas sejam feitas pela mesma pessoa, ainda que essa pessoa retome o mesmo núcleo de perguntas de uma entrevista a outra e não se autorizem senão variações em torno desse núcleo central, as diferenças correm o risco de ser grandes de uma entrevista a outra. (p. 188).

[...] Em compensação, sua flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores [...]. (p. 189).

Foram realizadas cinco entrevistas com docentes que lecionam nessa unidade escolar acima descrita e que apresentam um tempo de trabalho na área da educação entre 15 a 20 anos, sendo:

- Uma professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II;
- Duas professoras de Língua Portuguesa do Ensino Médio;
- Duas professoras do Ciclo I.

Inicialmente, as entrevistas seriam direcionadas apenas às docentes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, entretanto, pensou-se em incluir as docentes do Ciclo I, já que nesse segmento a SEE/SP também estruturou o *Programa Ler e Escrever*, que possui enfoque na alfabetização aos alunos da rede pública estadual paulista.

Além das entrevistas semi-estruturadas realizamos também uma pesquisa documental tendo como fontes as resoluções, os materiais didáticos de gestores, docentes e discentes e a matriz curricular do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) lançadas pela SEE/SP.

Fizemos também um levantamento bibliográfico com o intuito de encontrar subsídios que nos ajudassem na análise dos dados obtidos. Assim, mencionamos aqui alguns autores que foram importantes nesse processo. Gimeno Sacristán, que em seu livro *“O Currículo”*, trouxe contribuições acerca dos estudos sobre o currículo, mostrando como ele é direcionado pelas políticas educacionais e como é trabalhado na prática, existindo um descompasso entre a teoria e a prática educacional, fato que somente pode ser revelado pelo que ele denomina de currículo oculto. João dos Reis Silva Júnior e Celso João Ferretti, que em *“O institucional, a organização e a cultura da escola”*, analisaram os impactos das reformas educacionais da década de 1990, principalmente com relação ao preparo para o mundo do trabalho no ensino médio, ao acesso no ensino superior e a inserção no mercado de trabalho. Vitor Henrique Paro, no livro *“Políticas Públicas e Educação Básica”*, trata dos estudos sobre as reformas educacionais formuladas pelas políticas públicas e os seus impactos no cotidiano escolar e no Estado de São Paulo, analisou de que modo os professores receberam a Progressão Continuada, iniciada na década de 1990 nas escolas públicas e que permanece até hoje.

Essa pesquisa está estruturada da seguinte forma: No primeiro capítulo, intitulado: *“Panorama das Políticas Educacionais”*, apresentamos um panorama geral das políticas públicas educacionais implementadas pelo governo federal, com destaque para o Estado de São Paulo, enfoque de nossa pesquisa. Tal capítulo se tornou necessário em razão da necessidade que sentimos de nos apropriarmos do processo mais amplo das reformas educacionais para podermos entender as proximidades e distanciamentos que a reforma paulista apresenta.

No segundo capítulo, com o título: *“A reforma curricular e o trabalho docente: uma primeira aproximação”*, apresentamos um perfil da unidade escolar pesquisada e a visão das professoras entrevistadas sobre os impactos que o Currículo Oficial do Estado de São Paulo causou no trabalho docente. Nesse capítulo nos limitamos a

mostrar o conteúdo das falas da forma mais ampla, dando voz aos professores e procurando extrair dessas falas os elementos mais significativos.

No terceiro capítulo: *“Os Impactos da Reforma Curricular Paulista: a fala de professores da rede pública estadual”*, procuramos criar, a partir da fala dos professores, um conjunto de categorias de análise, que nos proporcionasse uma melhor condição de organizar e compreender e, se possível, responder a questão central que orientou nossa pesquisa, ou seja, quais são os impactos no cotidiano escolar dos professores produzidos pela implantação do Currículo Oficial em 2008 pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

## 1 O panorama das Políticas Educacionais.

No Brasil, a partir da década de 1990, com o governo de Fernando Collor de Mello, temos a entrada do país na lógica mais ampla das políticas neoliberais e que terá prosseguimento e aprofundamento no governo de Fernando Henrique Cardoso com a política de privatizações, abertura do sistema de telecomunicações, desregulamentação etc.

No setor educacional, segundo os princípios neoliberais, é importante a presença do Estado na formulação das diretrizes a serem seguidas, entretanto, é necessário que haja abertura para participação de outras instituições. Conforme apontam estudos da UNESCO e do Banco Mundial, a educação apresenta elevada importância no avanço da economia do país, devendo estar associada ao preparo para o mercado de trabalho.

No Brasil, conforme afirmam Silva Júnior e Ferreti (2004), principalmente a partir da segunda metade da década de 1990, houve a intensificação das reformas institucionais, principalmente do Estado e da educação, além das privatizações de estatais. A organização mundial e brasileira apresentava os seguintes aspectos:

...a) disseminação do novo paradigma de organização das corporações em nível mundial; b) desnacionalização da economia brasileira; c) desindustrialização brasileira; d) transformação da estrutura do mercado de trabalho; e) terceirização e precarização do trabalho em função de sua reestruturação; f) reforma do estado e restrição do público conjugada com a ampliação do privado; g) flexibilização das relações trabalhistas; h) enfraquecimento das instituições políticas de mediação entre a sociedade civil e o Estado, especialmente dos sindicatos, centrais sindicais e partidos políticos; i) trânsito da sociedade do emprego para a sociedade do trabalho, isto é, a tendência ao desaparecimento dos direitos sociais do trabalho; e j) reorganização da sociedade civil tendo como eixo central a privatização política dos direitos sociais e subjetivos dos cidadãos – com destaque da força e das organizações de que se armou o terceiro setor. (pp. 36-37).

Nessa mesma década ocorreu a *Conferência Mundial sobre Educação para Todos*, em Jomtien, Tailândia, que apresentou em seu documento final um plano de ação para o atendimento das necessidades básicas de aprendizagem da população, um tratado internacional entre os países, em que os mais avançados ajudariam financeiramente os países periféricos. Conforme essa conferência, a educação é vista como meio para se obter o avanço cultural, econômico e social de um país, além de contribuir para a cultura ambiental e cooperação entre países. Criaram-se

metas a serem alcançadas até o ano de 2000, entre elas a redução dos índices de analfabetismo, cujos objetivos deveriam ser estipulados pelos diferentes governos através de planos educacionais.

Após esta conferência, o Brasil elaborou o Plano Decenal de Educação para Todos (MEC, 1993), formulando as metas a serem atingidas no período de 1993 a 2003 e que estabeleciam sete objetivos:

- satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, jovens e adultos, provendo-lhes as competências fundamentais requeridas para a participação na vida econômica, social, política e cultural do país, especialmente as necessidades do mundo do trabalho;
- universalizar, com equidade, as oportunidades de alcançar e manter níveis apropriados de aprendizagem e desenvolvimento;
- ampliar os meios e o alcance da educação básica;
- favorecer um ambiente adequado à aprendizagem;
- fortalecer os espaços institucionais de acordos, parcerias e compromisso;
- incrementar os recursos financeiros para manutenção e para investimentos na qualidade da educação básica, conferindo maior eficiência e equidade em sua distribuição e aplicação;
- estabelecer canais mais amplos e qualificados de cooperação e intercâmbio educacional e cultural de caráter bilateral, multilateral e internacional. (s/p).

No espaço mais amplo desse processo foram criados, além do Plano Decenal de Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), este já no governo Lula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais lançados em 1997 servem como diretrizes a orientarem o currículo escolar. Contemplam os recursos tecnológicos e o desenvolvimento científico e estabelecem os seguintes objetivos com relação ao ensino fundamental:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais [...];
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro [...], posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente [...];

- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades [...] para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- conhecer e cuidar do próprio corpo, [...] agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- utilizar as diferentes linguagens [...] como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los [...]. (pp. 107-108).

O Plano Nacional de Educação estabelece que estados e municípios devem elaborar planos decenais com base no plano nacional de educação, além disso, institui que a União deve promover avaliações para acompanhamento das metas.

Esse contexto das reformas políticas encaminhadas pelos governos de Fernando Collor de Mello (1990-1992), Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e Luiz Inácio Lula da Silva (2003-), segundo Silva Júnior e Ferreti (2004):

Contribui para alterações no horizonte de possibilidades das práticas escolares. Tais alterações não se realizam de forma linear, mas de forma contraditória em função da densidade histórica de cada instituição escolar, do quanto a cultura escolar está consolidada na instituição sustentando sua identidade, de forma conservadora ou transformadora em alguma medida, especialmente quando a cultura social faz-se intensa na escola. O que, como decorrência, pode ou não concorrer para a realização dos objetivos pretendidos pelos reformadores tendo em vista o novo pacto social demandado pelas transformações gerais do capitalismo, podendo gerar mais desagregação, como se vê no país. (pp. 40-41).

Ou seja, as políticas educacionais iniciadas na década de 1990, realizadas pelos diferentes governos do período, que têm como objetivo maior adequar a educação tendo em vista os interesses do sistema capitalista, a preparação dos trabalhadores para o mercado de trabalho, de preparar o indivíduo para essa sociedade, não alcançam seus objetivos de forma linear, pois são mediadas pelas formas históricas que assumem a cultura e a prática escolar.

### **1.1. Histórico do Plano Nacional de Educação:**

Em 1932 é lançado o manifesto dos pioneiros da educação, elaborado por um grupo de elite do país constituído de 25 pessoas. Esse manifesto, que propunha um plano unitário e de bases científicas, ganhou relevância histórica ao ter uma de suas reivindicações incorporada no artigo 150 da Constituição Brasileira de 16 de julho de

1934, que especificava ser competência da União “fixar o Plano Nacional de Educação (PNE), compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do País”. (BRASIL, 2000a, p.6).

O primeiro PNE surgiu em 1962, na vigência da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961, não era um projeto de lei, somente um conjunto de metas estipuladas para serem alcançadas no período de oito anos, sofreu revisão e em 1966 passou a se chamar Plano Complementar de Educação que “introduziu importantes alterações na distribuição dos recursos federais, beneficiando a implantação de ginásios orientados para o trabalho e o atendimento de analfabetos com mais de dez anos”. (BRASIL, 2000a, p.6).

Somente em 1988, a Constituição Federal, em seu artigo 214, contemplou a obrigatoriedade em haver um Plano Nacional de Educação.

A Lei de Diretrizes de Bases (LDB) 9.394/96 estabeleceu em seus artigos 9º e 87º:

[...] cabe à União, a elaboração do Plano, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e institui a Década da Educação. Estabelece ainda, que a União encaminhe o Plano ao Congresso Nacional, um ano após a publicação da citada lei, com diretrizes e metas para os dez anos posteriores, em sintonia com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos. (BRASIL, 2000a, p.6).

Em 1998, o deputado Ivan Valente apresentou o Projeto de Lei nº 4.155 para o Plenário da Câmara dos Deputados, que se tornaria o Plano Nacional de Educação.

O PNE (2000) teve como subsídios a Constituição Federal de 1.988, a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e a emenda constitucional nº 14 de 1995, que instituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do ensino fundamental e de valorização do magistério, além do Plano Decenal de Educação para Todos. O PNE tem como objetivos: a elevação global do nível de escolaridade da população; a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso na educação pública e democratização da gestão no ensino público. Estabelece como prioridades: garantia do ensino fundamental obrigatório de oito anos à todas as crianças de 7 a

14 anos; garantia de ensino fundamental a todos que a ele não tiveram acesso na idade própria ou que não o concluíram; ampliação do atendimento nos demais níveis de ensino; valorização dos profissionais de educação e desenvolvimento de sistemas de informação e de avaliação em todos os níveis e modalidades de ensino.

## **1.2. O Plano de Desenvolvimento da Educação**

O Plano de Desenvolvimento da Educação (2008), que estabeleceu que a educação não pode ser vista de forma fragmentada e previu uma articulação do ensino básico com o superior, sustentou-se em seis pilares: visão sistêmica da educação; territorialidade; desenvolvimento; regime de colaboração; responsabilidade e mobilização social.

Como programa de ação apresentou quatro eixos norteadores: educação básica, educação superior, educação profissional, e alfabetização; alterou o ensino obrigatório de oito para nove anos e substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de valorização do magistério (FUNDEF) pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos profissionais da educação (FUNDEB). Segundo o plano, essa mudança trouxe duas vantagens: ampliou de R\$ 500 milhões para R\$ 5 bilhões de investimento ao ano e instituiu um único fundo para toda a educação básica e não somente para o ensino fundamental.

Com relação à avaliação, o PDE estabeleceu conexões entre avaliação, financiamento e gestão. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), até 2005, era um exame aplicado a cada dois anos, porém sua amostra não era representativa quanto aos alunos de cada rede. A partir dessa época foi reformulado através da aplicação da Prova Brasil para alunos de 4<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries, tendo adesão de estados e municípios, os dados que eram amostrais, passaram a ser divulgados por rede e por escola, e o censo foi alterado de escola para aluno através do Programa Educacenso. Com isso, foram obtidos dados individualizados de promoção, reprovação e evasão de cada estudante.

Com a Prova Brasil e o Educacenso, criou-se o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), fixando metas de desenvolvimento educacional. Em 2005

a média foi de 3,8 e pretende-se alcançar até 2.021 a média 6,0, média apresentada pelos países desenvolvidos ligados à Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em 2.006, através de estudos em parceria com organismos internacionais, das escolas e redes que haviam conseguido boa avaliação, foram elencados um conjunto de boas práticas, formando vinte e oito diretrizes que atualmente compõem o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação:

- 1- estabelecer como foco a aprendizagem, apontando resultados concretos a atingir;
- 2- alfabetizar as crianças até, no máximo, os oitos anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico;
- 3- acompanhar cada aluno da rede individualmente, mediante registro da sua frequência e do seu desempenho em avaliações, que devem ser realizadas periodicamente;
- 4- combater a repetência, dadas as especificidades de cada rede, pela adoção de práticas como aulas de reforço no contra-turno, estudos de recuperação e progressão parcial;
- 5- combater a evasão pelo acompanhamento individual das razões da não-frequência do educando e sua superação;
- 6- matricular o aluno na escola mais próxima da sua residência;
- 7- ampliar as possibilidades de permanência do educando sob responsabilidade da escola para além da jornada regular;
- 8- valorizar a formação ética, artística e a educação física;
- 9- garantir o acesso e permanência das pessoas com necessidades educacionais especiais nas classes comuns do ensino regular, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas;
- 10- promover a educação infantil;
- 11- manter programa de alfabetização de jovens e adultos;
- 12- instituir programa próprio ou em regime de colaboração para formação;
- 13- implantar plano de carreira, cargos e salários para os profissionais da educação, privilegiando o mérito, a formação e a avaliação do desempenho;
- 14- valorizar o mérito do trabalhador da educação, representado pelo desempenho eficiente no trabalho, dedicação, assiduidade, pontualidade, responsabilidade, realização de projetos e trabalhos especializados, cursos de atualização e desenvolvimento profissional;
- 15- dar consequência ao período probatório, tornando o professor efetivo estável após avaliação, de preferência externa ao sistema educacional local;
- 16- envolver todos os professores na discussão e elaboração do projeto político pedagógico, respeitadas as especificidades de cada escola;
- 17- incorporar ao núcleo gestor da escola coordenadores pedagógicos que acompanhem as dificuldades enfrentadas pelo professor;
- 18- fixar regras claras, considerando mérito e desempenho, para nomeação e exoneração de diretor de escola;
- 19- divulgar na escola e na comunidade os dados relativos à área da educação, com ênfase no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, referido no art. 30;
- 20- acompanhar e avaliar, com participação da comunidade e do Conselho de educação, as políticas públicas na área de educação e garantir condições, sobretudo institucionais, de continuidade das ações efetivas, preservando a memória daquelas realizadas;
- 21- zelar pela transparência da gestão pública na área da educação, garantindo o funcionamento efetivo, autônomo e articulado dos conselhos de controle social;
- 22- promover a gestão participativa na rede de ensino;
- 23- elaborar plano de educação e instalar Conselho de Educação, quando inexistentes;

- 24- integrar os programas da área da educação com os de outras áreas como saúde, esporte, assistência social, cultura, dentre outras, com vista ao fortalecimento da identidade do educando com sua escola;
- 25- fomentar e apoiar os conselhos escolares, envolvendo as famílias dos educandos, com as atribuições, dentre outras, de zelar pela manutenção da escola e pelo monitoramento das ações e consecução das metas do compromisso;
- 26- transformar a escola num espaço comunitário e manter ou recuperar aqueles espaços e equipamentos públicos da cidade que possam ser utilizados pela comunidade escolar;
- 27- firmar parcerias externas à comunidade escolar, visando a melhoria da infraestrutura da escola ou a promoção de projetos socioculturais e ações educativas;
- 28- organizar um comitê local do Compromisso, com representantes das associações de empresários, trabalhadores, sociedade civil, Ministério Público, Conselho Tutelar e dirigentes do sistema educacional público, encarregado da mobilização da sociedade e do acompanhamento das metas de evolução do IDEB. (BRASIL, 2007a, pp. 9-11).

Ficou estipulado que todos os municípios e estados que aderirem ao Compromisso Todos pela Educação devem seguir essas diretrizes.

### **1.3. A Política Educacional do estado de São Paulo a partir de 1995**

#### **1.3.1. Gestão Rose Neubauer (1995-2002):**

No Estado de São Paulo, a partir de 1995, as mudanças na educação passam a ser implantadas na administração de Rose Neubauer por meio da Progressão Continuada, da reestruturação da rede pública e de mudanças no processo de atribuição de aulas aos docentes. Posteriormente, essas medidas foram acompanhadas por uma série de outras, notadamente à medida que os dispositivos de regulação, seja no âmbito estadual ou federal, eram produzidos.

Em um de seus artigos publicado no site do Centro de Referência em Educação Mário Covas (CRE), Neubauer (2001) faz uma retrospectiva sobre as práticas pedagógicas autoritárias do século XX até chegar aos novos modelos de práticas pedagógicas democráticas, citando educadores e estudiosos como Montessori, Paulo Freire, Emília Ferreiro, etc. Segundo ela, o modelo de progressão continuada surgiu após a Segunda Guerra Mundial em alguns países seguindo princípios das ciências modernas:

- o ser humano, desde o início de sua vida apresenta ritmos e estilos significativamente diferentes para realizar toda e qualquer aprendizagem - andar, falar, brincar, comer com autonomia, ler, escrever, etc.;
- toda aprendizagem, inclusive a cognitiva, é um processo contínuo, que ocorre em progressão e não pode nem deve ser interrompida ou sofrer retrocessos, pois isto

implica prejuízos enormes, tanto no que respeita à auto-imagem do aprendiz como na sua motivação para aprender;

- toda criança normal, sem traumas ou problemas mentais, quando exposta a situações motivadoras de ensino é capaz de aprender e avançar em relação a seus padrões anteriores de desempenho;
- aprendizagens cognitivas exigidas pela escola podem ocorrer com maior ou menor rapidez em função das características e estimulação dos ambientes sociais de onde as pessoas provêm;
- o desempenho cognitivo e acadêmico de crianças e jovens de diferentes extratos sociais tende a atingir, nos anos iniciais de escolaridade, patamares médios bastante semelhantes, se respeitadas as dificuldades e obstáculos iniciais dos alunos e garantida a aprendizagem continuada com reforço e orientação para aqueles com maiores dificuldades. (s/p).

Portanto, para a autora, ao tratar da retenção do discente, não era admissível que “[...] toda a aprendizagem feita por ele durante aquele ano era praticamente desconsiderada, “apagada” de sua memória e depois refeita no ano seguinte [...]” (NEUBAUER, 2001a, s/p).

Segundo Neubauer (2001), no início da década de 1990, havia mais ou menos 1,5 milhão de alunos que a cada ano eram expulsos ou fracassavam na unidade escolar. Segundo ela, antes da LDB 9394/96, houve tentativas de implantação da Progressão Continuada em 1968, com José Mario Pires Azanha em colaboração com Ulhoa Cintra, que implantaram os níveis I e II, em que não havia reprovações da 1ª a 4ª séries. Posteriormente essas pessoas foram retiradas do gabinete por serem consideradas subversivas.

Em 1984, com a abertura democrática, o Governador Montoro implantou o ciclo básico nas escolas estaduais, porém houve resistência dos professores e não foi dada continuidade a esse processo. Somente na década de 1990, na administração municipal de Luiza Erundina, e tendo Paulo Freire como secretário municipal de educação, foi implantado o sistema de três ciclos no ensino fundamental na cidade de São Paulo. Entretanto, com a LDB 9394/96, é que a progressão continuada foi consolidada:

É, portanto, na LDB de 1996, que já estão inscritas e garantidas as diferentes formas de organização do ensino que ampliam as possibilidades de avanço e respeito à aprendizagem dos alunos. É nela que está claramente proposta a aprendizagem em progressão continuada na forma de ciclos. Lá estão apontadas também as formas de fazê-la com sucesso: ampliação da jornada escolar, a recuperação paralela e contínua dos alunos com dificuldades de aprendizagem, as horas de trabalho coletivo remunerado do professor para avaliação e capacitação; a proposta de esquemas de

aceleração de aprendizagem para alunos multi-repetentes com grande defasagem idade-série; além do direito à reclassificação de estudos para todos aqueles que conseguiram aprender, independentemente da frequência às escolas. (NEUBAUER, 2001a, s/p).

Na gestão de Rose Neubauer outras mudanças foram feitas, tais como: a jornada escolar de 720 para 1000 horas no diurno e 800 horas no noturno, dois tipos de recuperação paralela, que ocorriam semanalmente e todo mês de janeiro, além de todas as escolas terem um ou mais coordenadores pedagógicos. Porém, foi somente no início de 1998 que o Conselho Estadual de Educação propôs a implantação do sistema de ciclos para o ensino público e privado no Estado de São Paulo.

Com relação à implantação dos Ciclos (Progressão Continuada) no Estado de São Paulo dentro das escolas públicas, Paro (2001a) faz o seguinte apontamento:

[...] A medida é inegavelmente inovadora, tanto do ponto de vista político quanto do pedagógico, porque, além de permitir a adequação do ensino às fases de desenvolvimento da criança, possibilita romper com a seriação escolar, induzindo a mitigação ou a eliminação das reprovações anuais. Com isso, o enfoque do ensino, tradicionalmente colocado sobre uma função credencialista (estudar para passar de ano ou para ter um diploma) e punitiva da escola, pode ser articulado com objetivos mais pedagógicos e educativos relacionados ao valor em si do saber e do aprendido, ou seja, pode-se passar da ênfase no “estudar para aprender”. Contudo, implementar mudanças mesmo dessa importância e potencialidade, ignorando os determinantes imediatos da prática escolar, pode significar o comprometimento da iniciativa no sistema como um todo, por não se considerarem os possíveis efeitos desses determinantes sobre a medida em foco [...] (p.36).

Além disso, faz considerações acerca do envolvimento entre os profissionais da educação (professores) que atuam no cotidiano escolar com os formuladores das políticas educacionais para haver uma eficácia no desenvolvimento da qualidade educacional.

O mais grave é que esse descompasso entre teoria sobre políticas públicas em educação e realidade das escolas públicas básicas traz prejuízos para a eficácia da educação escolar em sua desejável contribuição para a transformação social. Isso porque, além de a teoria, por vezes, não se apropriar de elementos relevantes da prática, abstraindo sua concretude, a prática dos professores e demais educadores escolares, freqüentemente, deixa de fazer uso de importantes contribuições teóricas presentes nos trabalhos dos estudiosos e idealizadores de políticas públicas. (p. 37).

### 1.3.2. Gestão Gabriel Chalita (2002-2006):

Na gestão de Gabriel Chalita ganhou destaque a questão do desenvolvimento dos valores humanos e afetivos tanto de docentes quanto de discentes, além do preparo para o discente empreendedor e capaz de se adequar ao trabalho. No documento a Política Educacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE, 2003a) essa questão é assim apresentada:

Nas salas de aula, educandos devem nutrir por seus professores um sentimento de admiração que inspire respeito e não deve haver lugar para o autoritarismo e para o medo. O desempenho, o sucesso e a ampliação do potencial dos aprendizes dependem de nossa sensibilidade para vê-los como seres humanos e não apenas como números registrados nas listas de chamada. Por meio dessa prática, nós educadores, poderemos ter a chance de ir além e de também aprender com nossos educandos. Educar é, sobretudo, nunca deixar de aprender e de acreditar. (Chalita apud SEE, 2003a, s/p).

Ressaltou-se também a preocupação de se preparar o indivíduo para o século XXI, desenvolvendo competências para que ele pudesse se *adequar* ao saber fazer e ao mesmo tempo tivesse capacidade de solucionar problemas. Foi dada continuidade ao sistema de progressão continuada e de educação inclusiva, além da preocupação da relação entre professor e aluno, baseado na amizade e na afetividade conforme aponta o documento:

Tal expectativa está sinalizada na Constituição Brasileira e explicitada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao estabelecer que a educação será ministrada, oferecendo igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, e inspirada nos princípios de liberdade de aprender, no pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas e nos ideais de solidariedade humana. Nesse espírito, o vínculo entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais é condição para o alcance das finalidades da educação nacional: o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Chalita apud SEE, 2003a, s/p).

Conforme documento da SEE (2003a), o ensino foi estruturado da seguinte forma:

**Ensino Fundamental**, organizado em dois ciclos, correspondentes a 1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries, em regime de progressão continuada;

**Ensino Médio**, estruturado em 3 anos em regime de progressão parcial, o que permite ao aluno, que não obteve êxito em até 3 componentes curriculares, matricular-se na série subsequente, cursando concomitantemente esses componentes;

**Educação de Jovens e Adultos**, oferecida por meio de cursos presenciais ou de cursos de atendimento individualizado e presença flexível, nesse caso, ministrados em telessalas ou nos Centros Estaduais de Educação Supletiva;

**Educação para Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**, desenvolvida segundo os princípios da educação inclusiva, com apoio específico e em classes especiais, quando for o caso;

**Curso Normal**, de nível médio, com duração de 4 anos, destinado à formação de professores de educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, ministrado em escolas de ensino médio ou nos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (CEFAM);

**Educação Indígena**, formulada de acordo com as tradições e costumes indígenas, é oferecida em escolas localizadas nas aldeias visando reafirmar a identidade étnica do aluno e suas memórias históricas, valorizar sua língua e cultura e, ao mesmo tempo, possibilitar o acesso às informações e conhecimentos prestigiados pela sociedade;

**Educação Profissional**, de nível técnico é oferecida de forma seqüencial ao ensino médio, com duração variável, dependendo da natureza da habilitação e também, por meio do Programa Profissão, em parceria com o SENAI, SENAC, Centro Federal de Educação Tecnológica e Centro Paula Souza, destinado aos concluintes da escola básica da rede estadual com o objetivo de garantir melhores condições de acesso ao primeiro emprego. (pp. 9-10).<sup>2</sup>

Também foi feito um Programa de Formação Continuada para os docentes, com o objetivo de aperfeiçoarem suas práticas. Um dos programas, Teia do Saber, universidades foram contratadas para oferecerem cursos de extensão aos profissionais da educação:

O Programa de Formação TEIA DO SABER, a ser implementado a partir do ano de 2003, representa estratégia eficiente de consolidação e articulação das ações que vêm sendo desencadeadas pela SEE com vistas a assegurar a construção de uma escola solidária, inclusiva e competente em sua tarefa de promover e assegurar, além do acesso e permanência, a melhoria contínua da aprendizagem, por meio do desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas, sociais e afetivas.

Nesse contexto, as ações do Programa, destinadas a todos os profissionais da rede, serão desenvolvidas a partir do modelo ação/ reflexão/ ação, articulando teoria e prática, em ações presenciais e a distância, com demandas formuladas a partir de indicadores, visando ao aperfeiçoamento do desempenho das equipes regionais e locais, sob a ótica da gestão democrática e participativa. (SEE, 2003a, p.29).

---

<sup>2</sup> Além disso, foi implantado o Programa Escola da Família, que desenvolve aos finais de semana atividades culturais junto à comunidade local. Atualmente este programa continua, porém não em todas as unidades escolares da rede estadual paulista.

Toda essa ação formativa foi atrelada ao sistema de avaliação:

Os programas de acompanhamento e avaliação, instituídos tanto em nível Estadual – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar de São Paulo – SARESP quanto Federal – Sistema de Avaliação do Ensino Básico – SAEB e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, fazem parte dos esforços do Estado para conduzir uma política pública que visa construir saberes que gerem competências e práticas capazes de:

- interrogar e levantar questões sobre a realidade;
- levantar possibilidades de ações;
- implementar as ações identificadas como pertinentes e necessárias;
- avaliar as ações implementadas e utilizar os dados dessa avaliação para reiniciar processos de transformação da realidade. (SEE, 2003a, p.34 -35).

Entre as considerações finais do documento estão a preocupação de se trabalhar valores para auxiliar na construção da cidadania, erradicar o analfabetismo e desenvolver competências leitora e escritora.

### **1.3.3. Gestão Maria Lúcia Vasconcelos (2006-2007)/ Maria Helena Guimarães de Castro (2007-2009)/ Paulo Renato Souza (2009- Atual):**

Em abril de 2006, a gestão da SEE/SP coube à Maria Lúcia Vasconcelos, que após alguns problemas de saúde saiu do cargo em julho de 2007, sendo o mesmo transferido para Maria Helena Guimarães de Castro. Nesse contexto é que foi elaborado o conjunto de dez metas do Plano Estadual de Educação que têm o objetivo de serem atingidas até o ano de 2010. São elas:

- 1- Todos os alunos de oito anos plenamente alfabetizados.
- 2- Redução de 50% das taxas de reprovação da oitava série.
- 3- Redução de 50% das taxas de reprovação do Ensino Médio.
- 4- Implantação de programas de recuperação de aprendizagem nas séries finais de todos os ciclos de aprendizagem (2ª, 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio).
- 5- Aumento de 10% nos índices de desempenho do Ensino Fundamental e Médio nas avaliações nacionais e estaduais
- 6- Atendimento de 100% da demanda de jovens e adultos de Ensino Médio com currículo profissionalizante diversificado.
- 7- Implantação do Ensino Fundamental de nove anos, com prioridade à municipalização das séries iniciais (1ª a 4ª séries).
- 8- Programas de formação continuada e capacitação da equipe.
- 9- Descentralização e/ou municipalização do programa de alimentação escolar nos 30 municípios ainda centralizados.
- 10- Programa de obras e melhorias de infra-estrutura das escolas. (SEE, 2007a, s/p).

Em 2008, como parte desse processo, a SEE/SP implementou uma Nova Proposta Curricular, por meio do Projeto São Paulo Faz Escola na rede estadual de São Paulo. Tal proposta foi apresentada em agosto de 2007 e a partir de 2009, tornou-se o Currículo Oficial, conforme aponta o Caderno do Gestor, volume1:

Para 2009, a Proposta foi revista e ampliada, considerando as sugestões dos professores e gestores. Ela agora também tem amparo legal: A Resolução SE/76, de 07/11/2008, que dispõe sobre a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ciclo II do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nas escolas da rede estadual, e passa a ser o referencial básico obrigatório para a formulação da Proposta Pedagógica das nossas escolas. Portanto, ela deixa de ser proposta e passa a ser Currículo Oficial do Estado de São Paulo. (SEE, 2009a, p.05).

Como já é do conhecimento de todos, o Currículo foi construído de modo a contemplar as necessidades e de se estabelecer referenciais comuns que atendam ao princípio de garantia de padrão de qualidade prevista pelo inciso IX do artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 e de subsidiar as equipes escolares com diretrizes e orientações curriculares comuns que garantam ao aluno acesso aos conteúdos básicos, saberes e competências essenciais e específicas a cada etapa do segmento ou nível de ensino oferecido. (SEE, 2009a, p.5).

Segundo Sacristán (2000), a idéia de currículo comum se assemelha a criar um projeto de cultura comum a uma determinada comunidade:

Em primeiro lugar, a prescrição de mínimos e de diretrizes curriculares para um sistema educativo ou para um nível do mesmo supõe um projeto de cultura comum para os membros de uma determinada comunidade, à medida que afeta a escolaridade obrigatória pela qual passam todos os cidadãos. A idéia do currículo comum na educação obrigatória é inerente a um projeto unificado de educação nacional. Numa sociedade autoritária expressa o modelo de cultura que o poder impõe. Numa sociedade democrática tem que aglutinar os elementos de cultura comum que formam o consenso democrático sobre as necessidades culturais comuns e essenciais dessa comunidade. Determinar esse núcleo em culturas e

sociedades mais homogêneas é uma tarefa menos conflitiva do que no caso de sistemas que acolhem culturas heterogêneas ou com minorias culturais de diversos tipos. (p.111).

Tal proposta foi elaborada por uma equipe contratada pela SEE/SP (professores de universidades públicas do Estado de São Paulo), que selecionou, organizou e determinou quais os conteúdos mínimos e necessários que os alunos deveriam aprender tendo por objetivo melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos.<sup>3</sup>

Sacristán (2000) discute em seu texto a relação entre currículo mínimo com a igualdade de oportunidades entre os indivíduos de uma sociedade:

De um ponto de vista social, portanto, principalmente num sistema educativo com centros privados e públicos que acolhem diferentes tipos de alunos, a existência dos mínimos curriculares regulares deve expressar uma cultura que se considere válida para todos. Isso supõe, desde uma política educativa progressista (para que não seja tachada de igualadora com os menos dotados, desvalorizando assim o sistema educativo e a qualidade de ensino), a necessidade de acompanhá-la dos meios para tornar essa cultura comum efetiva, que realmente garanta o direito a uma educação de qualidade aos que têm menos recursos para enfrentá-la com sucesso, buscando a igualdade de oportunidade à saída do sistema. O “mínimo” marca uma norma de qualidade de conhecimentos e aprendizagens básicas para todo o sistema, que precisa uma política compensatória para os mais desfavorecidos. Evitar esse problema suporia situar tais mínimos a um nível muito baixo ou esquecer-se de suas implicações sociais, isto é, de que nem todos poderão abordá-los com as mesmas probabilidades de sucesso. (p.112).

A chegada da Proposta às escolas do ensino fundamental II (EF) e ensino médio (EM) ocorreu em um período de cerca de quarenta e dois dias, em que alunos e professores receberam o “Jornal do Aluno”. Esse jornal continha conteúdos que, segundo a SEE/SP, apoiariam a superação de carências básicas dos alunos em leitura, escrita e operações matemáticas, construídas nos processos escolares vivenciados por ele, até então. O trabalho do professor era guiado pelo material, tanto com relação aos conteúdos, como na forma de desenvolvimento didático junto aos alunos. Posteriormente vieram os cadernos dos professores por disciplinas e bimestralmente para o encaminhamento das atividades, esses cadernos contemplam uma seqüência didática de conteúdos ou “itinerários de conteúdos” que

---

<sup>3</sup> Em 05 de Setembro de 2009 foi publicado em Diário Oficial que todos os municípios do estado de SP podem aderir tanto ao São Paulo Faz Escola quanto ao Programa Ler e Escrever, bastando procurar uma das Diretorias Regionais de Ensino do Estado de SP para efetuarem a adesão.

apresentam as atividades que estão articuladas com as competências e habilidades a serem desenvolvidas nos discentes pelas unidades escolares.

Segundo Sacristán (2000), para se implantar um currículo, é necessário que os professores estejam preparados para trabalhar com ele, ou seja, tenham uma boa formação. Em 2008, em visitas a algumas unidades escolares percebemos certas dificuldades dos docentes com relação a determinados conteúdos que precisavam desenvolver com seus alunos em sala de aula. Sobre essa questão Sacristán afirma que:

[...] Ao professor se propõem, hoje, conteúdos para desenvolver nos currículos muito diferentes dos que ele estudou, sem que compreenda o significado social, educativo e epistemológico das novas propostas frente às anteriores. As fontes da segurança profissional não podem vir de respostas fixas em situações volúveis. (2000a, p.95).

Ao mesmo tempo, propõe-se uma renovação na política educacional quando é necessário desenvolver sua qualidade:

Nos momentos em que se toma consciência da falta de qualidade no sistema educativo, a atenção se dirige para a renovação curricular como um dos instrumentos para sua melhora. Isso leva a se fixar imediatamente em dois aspectos básicos: os conteúdos do currículo e a metodologia nas aulas. Mas a prática escolar é uma prática institucionalizada, cuja mudança necessita remover as condições que a mediatizam, atuando sobre todos os âmbitos práticos que a condicionam, que ultrapassam muito claramente as práticas do ensino-aprendizagem nas aulas. Não basta estabelecer e difundir um determinado discurso ideológico e técnico-pedagógico para que mude, embora se materialize inclusive num plano estruturado, embora seja condição prévia necessária. (SACRISTAN, 2000, p.30).

Para Sacristán, como o currículo é espaço de disputa política, com repercussão na regulação administrativa, política e econômica dos sistemas educacionais, é natural que o governo intervenha na organização do currículo escolar.

A proposta de organização curricular do Estado de São Paulo tem sido implementada por meio dos seguintes documentos:

- Documento 1: Base (apresenta os princípios e conceitos da Proposta);
- Documento 2: Cadernos do Gestor (apresenta sugestões de organização do trabalho dos especialistas responsáveis pela gestão do currículo na escola; propostas de agenda, cronograma, atividades e organização de recursos para

apoiar o trabalho do diretor, do professor coordenador da escola, do professor coordenador da oficina pedagógica e do supervisor de ensino);

- Documento 3: Cadernos do Professor (propõe atividades docentes para todas as aulas, em todas as séries e disciplinas; organização bimestral com: indicação clara das competências e habilidades a ser desenvolvida pelos alunos em cada tema ou tópico dos conteúdos, sugestão de aulas, de material complementar, propostas de avaliação, projetos de recuperação paralela).
- Documento 4: Cadernos do Aluno (propõe atividades que estão articuladas com os cadernos do professor). (SEE, 2008b, s/p).

No documento 1 é informado que a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SEE, 2008a) tem o intuito de fomentar duas iniciativas:

[...] A primeira delas é realizar um amplo levantamento do acervo documental e técnico pedagógico existente. A segunda é iniciar um processo de consulta a escolas e professores, para identificar, sistematizar e divulgar boas práticas existentes nas escolas de São Paulo. Articulando conhecimento e herança pedagógicos com experiências escolares de sucesso, a Secretaria pretende que essa iniciativa seja, mais do que uma nova declaração de intenções, o início de uma contínua produção e divulgação de subsídios que incidam diretamente na organização da escola como um todo e nas aulas. (SEE, 2008a, p.8).<sup>4</sup>

Na apresentação da Proposta esses princípios estão estruturados da seguinte forma:

- *Uma escola que também aprende*: A escola passa de uma instituição que ensina para uma instituição que também “Aprende a ensinar” devido aos avanços tecnológicos e a soma de conhecimentos;

- *O currículo como espaço de cultura*, que apresenta a seguinte definição:

Currículo é a expressão de tudo o que existe na cultura científica, artística e humanista, transposto para uma situação de aprendizagem e ensino. Precisamos entender que as atividades extraclasse não são “extracurriculares” quando se deseja articular a cultura e o conhecimento. Neste sentido todas as atividades da escola são curriculares, ou não serão justificáveis no contexto escolar. Se não rompermos essa dissociação entre cultura e conhecimento não conseguiremos conectar o currículo à vida – e seguiremos alojando na escola uma miríade de atividades “culturais” que mais dispersam e confundem do que promovem aprendizagens curriculares relevantes para os alunos. (SEE, 2008a, p.13).

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que a consulta aos professores durante o ano letivo de 2008 foi realizada na fase de execução da implantação da Proposta através do site São Paulo Faz Escola.

Essa definição de currículo como espaço de cultura se assemelha com a interpretação de Sacristán (2000) em seu livro *O Currículo*:

Não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui à educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento, de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado, pelo que necessariamente tem de ser um tema controvertido e ideológico, de difícil concretização num modelo ou proposição simples. (p.15).

- *As competências como referência:*

Um currículo referido a competências supõe que se aceite o desafio de promover os conhecimentos próprios de cada disciplina articuladamente às competências e habilidades do aluno. É com essas competências e habilidades que ele contará para fazer sua leitura crítica do mundo, para compreendê-lo e propor explicações, para defender suas idéias e compartilhar novas e melhores formas de ser, na complexidade em que hoje isso é requerido. É com elas que, em síntese, ele poderá enfrentar problemas e agir de modo coerente em favor das múltiplas possibilidades de solução ou gestão. (SEE, 2008a, p.13-14).

O conceito de competências também é fundamental na LDB e nas Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação. O currículo referenciado em competências é uma concepção que requer que a escola e o plano do professor indiquem o que o aluno vai aprender. (SEE, 2008a, p.15).

- *Prioridade para a competência da leitura e da escrita:*

Por esse caráter essencial da competência de leitura e escrita para a aprendizagem dos conteúdos curriculares de todas as áreas e disciplinas, a responsabilidade por sua aprendizagem e avaliação cabe a todos os professores, que devem transformar seu trabalho em oportunidades nas quais os alunos possam aprender e consolidar o uso da Língua Portuguesa e das outras linguagens e códigos que fazem parte da cultura, bem como das formas de comunicação em cada uma delas. Tal radicalismo na centralidade da competência leitora e escritora leva a colocá-la como objetivo de todas as séries e todas as disciplinas. Desta forma, coloca aos gestores (a quem cabe a educação continuada dos professores na escola) a necessidade de criar oportunidades para que os docentes também desenvolvam essa competência – por cuja constituição, nos alunos, são responsáveis. (SEE, 2008a, p. 18).

- *Articulação das competências para aprender, que adota como referencial teórico as cinco competências apontadas no ENEM:*

- I. Dominar a norma culta da Língua Portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica...
- II. Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas...
- III. Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema...
- IV. Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente...
- V. Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaborar propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural... (SEE, 2008a, pp. 19-20).

*- Articulação com o mundo do trabalho:*

Isso supõe um outro tipo de articulação entre currículos de formação geral e currículos de formação profissional, em que o primeiro encarrega-se das competências básicas, fundamentando a constituição das mesmas em conteúdos, áreas ou disciplinas afinadas com a formação profissional nesse ou em outro nível de escolarização. E supõe também que o tratamento oferecido às disciplinas do currículo do Ensino Médio não seja apenas propedêutico nem tampouco voltado estreitamente para o vestibular. (SEE, 2008a, p. 25).

O desenvolvimento das competências que o currículo menciona estão articuladas às atividades elaboradas pelas avaliações externas, que são as competências cognitivas que devem ser trabalhadas, ou “modalidades estruturais da inteligência”, conforme apontado na matriz do SARESP:

Por isso, a concepção de competência implica uma visão ou compreensão da inteligência humana que realiza ou compreende, no nível em que o faz, como estrutura de conjunto. São vários os aspectos cognitivos em jogo: saber inferir, atribuir sentido, articular partes e todo, excluir, comparar, observar, identificar, tomar decisões, reconhecer, fazer correspondências. (SEE, 2009b, p.15).

Dentro dessa organização, de um currículo articulado com o desenvolvimento de competências e habilidades, pode-se observar também a presença da influência econômica, tanto no que diz respeito ao preparo do indivíduo para o mundo do trabalho quanto à produção de materiais (livros) que guiam o trabalho dos docentes. E isso é observado por Sacristán: “...todos os alunos de um mesmo grupo, curso e até mesmo escola têm atribuído para cada ano um mesmo grupo de textos. Dessa

forma, esses produtos têm a garantia da caducidade para seus consumidores.” (2000a, p.152).

Cabe ainda ressaltar que existem metas a serem cumpridas anualmente pelas unidades escolares controladas pelo Índice de Desenvolvimento Educacional do Estado de São Paulo (IDESP), cujo item trataremos mais adiante.

Esse processo nos obriga a ficarmos atentos a algumas questões. O que as políticas educacionais consideram como necessidade de aprendizagem no processo de seleção dos conteúdos e na profissionalização do docente? Entendemos que é preciso tomar cuidado para não desprofissionalizar os professores. O livro deve ser considerado um apoio, mas não se deve ficar totalmente limitado a segui-lo. É preciso também haver espaço para que a postura política do professor se manifeste. Postura essa que está articulada a todas as influências culturais e processos formativos que ele teve. Nesse processo é preciso considerar que essa “postura política” que mencionamos pode não ser intencional, mas simplesmente estar atuando como um currículo oculto. Para Silva Júnior e Ferreti (2004a), é necessário também considerar as influências econômicas, políticas e sociais que as unidades escolares sofrem nesse processo e como está sendo a apropriação dessas reformas.

No âmbito da proposta o currículo foi estruturado da seguinte forma. No caso dos alunos do ensino fundamental I, foi instituído o Programa Ler e Escrever que também conta com uma diversidade de materiais distribuídos aos professores e aos discentes, além de um programa de formação para os gestores das escolas que devem orientar o trabalho dos professores em Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

Com relação ao Ensino Médio, em 2008, passou a existir na grade curricular das escolas estaduais paulistas, a Diversidade de Apoio ao Currículo (DAC) sendo oferecido, desde então, um curso online aos docentes de português, matemática e geografia, denominado de “Grandes Temas da Atualidade”. Além disso, os professores passaram a acompanhar um curso online que oferece videoaulas específicas para cada tema. Foi implantado o curso “A Rede aprende com a Rede”, também online, porém estendido a todas as disciplinas. Por meio de videoaulas, os

professores podem articular as idéias dos especialistas com os conteúdos curriculares a serem aplicados em sala de aula. A mediação desse curso cabe aos Professores Coordenadores das Oficinas Pedagógicas das Diretorias Regionais de Ensino. Periodicamente são realizados encontros organizados pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) com esses profissionais para encaminhamentos dos trabalhos e acompanhamento do Currículo Oficial de São Paulo.

Com referência à Recuperação Paralela:

A Recuperação Paralela é destinada aos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio que apresentam dificuldades de aprendizagem não superadas no cotidiano escolar e necessitam de um trabalho mais direcionado, simultaneamente às aulas regulares, com duração variável em decorrência da avaliação diagnóstica, (SEE, 2009a, p. 8).

Para a Recuperação Paralela devem ser encaminhados discentes com dificuldades na alfabetização ou em conhecimentos básicos em matemática. Montagem das turmas: devem ser constituídas de 10 a 15 pessoas, em contraturno ou aos Sábados e é viável que os professores que tenham aulas atribuídas para esse trabalho constituam uma jornada de no mínimo 10 aulas semanais para que possam participar das horas de trabalho pedagógico coletivo (HTPC)<sup>5</sup>.

Com o intuito de garantir que os professores se apropriassem da proposta em 2008, os professores que se encontravam na condição de Ocupantes de Função Atividade (OFA), passaram por uma avaliação que versou sobre o conteúdo presente nos cadernos da proposta de área e dos conteúdos específicos. Tal processo, porém, foi invalidado judicialmente mediante recursos da Associação dos Profissionais de Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP). Assim, a classificação desses profissionais para efeito de atribuição de aula em 2009 continuou a seguir as regras anteriormente estabelecidas: a contagem de tempo e títulos. Mas em 2010, a secretaria de educação tornou a avaliação um dos critérios para a classificação dos docentes no processo de atribuição de aulas.

Em abril de 2009, após alguns erros apontados pela mídia no conteúdo de alguns cadernos pertencentes ao Currículo Oficial do Estado de SP, Maria Helena

---

<sup>5</sup> A recuperação contínua ainda deve ser trabalhada pelos docentes no período regular das aulas.

Guimarães de Castro pediu demissão, a gestão da SEE/SP foi assumida pelo ex-ministro da educação Paulo Renato Souza, que deu continuidade ao Currículo Oficial e continua com a mesma equipe pedagógica participante da implementação desse programa nas escolas estaduais paulistas.

Em maio de 2009, a SEE/SP publicou no Diário Oficial do Estado de SP dispositivo determinando que todos os professores temporários teriam de passar por exame obrigatório para lecionar. No caso de reprovação somente poderiam obter jornada mínima de doze horas semanais e passariam a atuar em salas de leitura ou infocentros, não podendo atuar em sala de aula. No caso de acesso por concurso para efetivação, todos deveriam passar por curso de formação para assumirem a sala de aula, isso também será válido para diretores e supervisores.<sup>6</sup>

Em Setembro de 2009 foi lançado o “Programa Alfabetiza São Paulo”, que institui vagas para a população analfabeta a partir de 16 anos a ser desenvolvido nos finais de semana nas escolas que possuem o “Programa Escola da Família”. Na rede estadual existem 2.500 escolas participantes, o curso não apresenta carga horária mínima, o que permite aos inscritos participarem durante o período em que acharem necessário.

O Caderno dos Gestores, um dos documentos do projeto São Paulo faz Escola, cita os princípios da Educação para Todos, a LDB e os indicadores de avaliações externas, ou seja, seus princípios são uma continuidade ao que já estava estabelecido nos parâmetros educacionais que até então vinham sendo mencionados:

Como já é do conhecimento de todos, o Currículo foi construído de modo a contemplar as necessidades de se estabelecer referenciais comuns que atendam ao princípio de garantia de padrão de qualidade previsto pelo inciso IX do artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 e de subsidiar as equipes escolares com diretrizes e orientações curriculares comuns que garantam ao aluno acesso aos conteúdos básicos, saberes e competências essenciais e específicas a cada etapa do segmento ou nível de ensino oferecido.(SEE, 2009a, p. 5).

---

<sup>6</sup> Recentemente os dirigentes regionais passaram por avaliação para obterem certificação e estão participando de curso elaborado pela SEE/SP.

#### 1.4. Sistemas de Avaliação do Currículo:

Todas as ações referentes ao “Programa São Paulo Faz Escola” estão atreladas aos sistemas de avaliação. A avaliação interna é de responsabilidade da escola, porém ela deve seguir o artigo 41 do Parecer CEE nº 67/98 de 18 de março de 1998 que especifica:

Artigo 41 - A avaliação interna do processo de ensino e de aprendizagem tem por objetivos:

I - diagnosticar e registrar os progressos do aluno e suas dificuldades;

II - possibilitar que os alunos auto-avaliem sua aprendizagem;

III - orientar o aluno quanto aos esforços necessários para superar as dificuldades;

IV - fundamentar as decisões do Conselho de Classe quanto à necessidade de procedimentos paralelos ou intensivos de reforço e recuperação da aprendizagem, de classificação e reclassificação de alunos;

V - orientar as atividades de planejamento e replanejamento dos conteúdos curriculares.(s/p).

As avaliações externas são:

- O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) que é aplicado anualmente nas escolas estaduais de São Paulo desde o ano de 1996.

- O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que foi criado em 1989 para avaliação do rendimento escolar das 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

- A Prova Brasil que foi criada em 2005 e usa a mesma matriz do SAEB, os resultados são por unidade escolar e servem para o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que segundo o caderno do gestor: “...vai favorecer o monitoramento da qualidade da educação de todos os sistemas públicos do país por meio da análise da evolução do desempenho dos alunos em cada escola.” (SEE, 2008c, p. 30).

- O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que foi criado em 1998 para avaliação das competências e habilidades desenvolvidas pelos jovens ao final da Educação Básica<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Em 2004 o ENEM passou a ser utilizado pelo Programa Federal de Apoio ao Acesso ao Ensino Superior (PROUNI) como um dos critérios de atribuição de bolsas para os alunos cursarem o ensino superior.

A melhoria educacional, na rede estadual de ensino de São Paulo, será avaliada pelo IDESP, um indicador de qualidade que permite às escolas obterem um diagnóstico sobre as potencialidades e fragilidades da aprendizagem educacional e, conseqüentemente, metas a serem atingidas para melhoria dessa aprendizagem.

O IDESP é calculado utilizando-se uma escala de 0 a 10, atribuído individualmente a cada unidade escolar. Considera dois critérios:

- 1- *Indicador de Desempenho (ID)* – Medido pelos resultados do SARESP, onde é possível agrupá-los por quatro níveis de proficiência: *Abaixo do Básico, Básico, Proficiente e Avançado*. O Indicador de Desempenho registra a defasagem da escola numa escala de zero a dez;

No Indicador de Desempenho são utilizadas algumas escalas de valores para se obter os níveis de proficiência, entre elas:

A) Língua Portuguesa:

\*Abaixo do Básico: (4ª série E.F < 150); (8ª série E.F < 200); (3ª E.M < 225);

\*Básico: (4ª série E.F entre 150 e 200); (8ª série E.F entre 200 e 275); (3ª E.M entre 225 e 300);

\*Proficiente: (4ª série E.F entre 200 e 275); (8ª série E.F entre 275 e 325); (3ª E.M entre 300 e 375);

\*Avançado: (4ª série E.F > 275); (8ª série E.F > 325); (3ª E.M > 375).

B) Matemática:

\*Abaixo do Básico: (4ª série E.F < 175); (8ª série E.F < 225); (3ª E.M < 275);

\*Básico: (4ª série E.F entre 175 e 225); (8ª série E.F entre 225 e 300); (3ª E.M entre 275 e 350);

\*Proficiente: (4ª série E.F entre 225 e 275); (8ª série E.F entre 300 e 350); (3ª E.M entre 350 e 425);

\*Avançado: (4ª série E.F > 275); (8ª série E.F > 350); (3ª E.M > 425). (Resolução SE de 10 de março de 2009)

Os níveis de proficiência apresentam os seguintes conceitos:

- **Abaixo do básico:** O aluno do nível Abaixo do Básico mostra desempenho equivalente a pelo menos um ano de atraso com relação ao aluno do nível Proficiente e seu conhecimento da competência medida é rudimentar.

- Básico: O nível Básico congrega os alunos que estão defasados em até seis meses em relação ao nível Proficiente e que demonstram um domínio apenas parcial e inicial da competência.
- Proficiente: O aluno classificado no nível Proficiente é aquele que demonstra um sólido conhecimento dos conteúdos e habilidades esperados para alunos de seu estágio escolar.
- Avançado: O aluno classificado no nível Avançado domina a competência de forma especialmente completa, sendo capaz de executar ações complexas que requerem a habilidade. (Resolução de 10 de março de 2009).

2- *Indicador de Fluxo (IF)* – Equivale à taxa média de aprovação em cada ciclo educacional coletada pelo Censo Escolar;

Depois de conhecidos o Indicador de Desempenho (ID) e o Indicador de Fluxo (IF), calcula-se o IDESP da escola para cada componente curricular e cada série. São estabelecidas metas a longo prazo: até 2030, 90% dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries); 80% dos alunos das séries finais do Ensino Fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) e 60% dos alunos do Ensino Médio devem dominar completamente todas as competências e habilidades requeridas para a sua série. Além disso, as escolas devem atingir as seguintes metas:

- Ensino Fundamental I: 7;
- Ensino Fundamental II: 6;
- Ensino Médio: 5;

Atualmente a média do Estado de São Paulo no IDESP apresenta os seguintes resultados:

- Ensino Fundamental I: 3,86;
- Ensino Fundamental II: 2,84;
- Ensino Médio: 1,98.

No cálculo do IDESP consideram-se apenas os resultados de Língua Portuguesa e Matemática (os resultados de Ciências da Natureza e Redação não são contemplados pelo indicador). O fluxo escolar, por sua vez, é medido pelas taxas médias de aprovação nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, coletadas pelo Censo Escolar. A partir das medidas de desempenho e fluxo,

calcula-se o IDESP de cada escola, para as séries finais de cada etapa de escolarização (4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio). Desta maneira, obtém-se uma média sintética da evolução da escola de um ano para outro [...] (SEE, 2009a, p.7).

Outra perspectiva da SEE/SP é corrigir o fluxo educacional. Através do IDESP, são avaliados os índices de aprovação, reprovação e evasão das escolas. As que não conseguirem cumprir as metas sofrerão perdas de benefícios, inclusive de bônus dos professores. Essa reforma avalia todos os envolvidos com a educação, até mesmo dirigentes regionais de ensino. Esse sistema de avaliação é semelhante ao Programa Internacional de Avaliação Comparada (PISA)<sup>8</sup> coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em que são avaliadas as habilidades desenvolvidas em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências pelos alunos com a faixa etária de 15 anos de idade.

O SARESP em 2007 passou por algumas reformulações tais como: avaliação das habilidades comuns ao SAEB; comparação dos resultados ao SAEB e à Prova Brasil e na escala de proficiência do SAEB. Em 2008, a elaboração da avaliação foi feita a partir do currículo estabelecido e ficou estipulada avaliação anual em Língua Portuguesa e em Matemática, havendo alternância para as disciplinas das áreas de Ciências da Natureza aplicadas em 2008 e Ciências Humanas, que foram aplicadas em 2009.

Os aplicadores da prova são constituídos por professores que não pertencem à unidade escolar, somente para as primeiras e segundas séries do ensino fundamental I são os professores da própria escola que aplicam a avaliação, mas não na mesma sala em que lecionam. Além disso, atualmente existe uma matriz

---

<sup>8</sup> No Brasil, o PISA é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O país aderiu desde 2.000 a esse sistema de avaliação, que tem por objetivo avaliar os conhecimentos e habilidades necessárias para o enfrentamento dos desafios da sociedade moderna. Nos Estados Unidos, por exemplo, é adotado o chamado *Curriculum Standard*, onde existe uma estrutura de conteúdos em que os professores devem aplicar testes padronizados. Esse processo de avaliação muito se assemelha ao de produtividade do sistema capitalista, no qual as empresas devem dar conta das metas a serem atingidas. No sistema educacional estas são justamente os índices a serem alcançadas, sob pena de se perderem financiamentos.

desse sistema de avaliação, que direciona quais são as competências e habilidades que serão avaliadas, seguindo os moldes do Currículo Oficial do Estado e também as avaliações nacionais e internacionais. Os resultados desse sistema apontam também a situação individual de cada discente da escola e cabe lembrar ainda, que a política de remuneração dos docentes encontra-se atrelada aos resultados do SARESP. Com relação à metodologia e séries em que o SARESP é aplicado tem-se que:

A avaliação da Educação Básica do estado de São Paulo, denominada SARESP – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, utiliza procedimentos metodológicos formais e científicos cada vez mais aprimorados para coletar e sistematizar dados e produzir informações sobre o desempenho dos alunos ao término das segundas, quartas, sextas e oitavas séries ou, no caso do ensino de nove anos, terceiras, quintas, sétimas e nonas séries do Ensino Fundamental, bem como da terceira série do Ensino Médio. (SEE, 2009b, p.7)

A formulação dessa matriz de referência para o SARESP foi lançada já na gestão de Paulo Renato Souza com a preocupação de articular o que está sendo proposto no trabalho com as unidades escolares e o que será avaliado nos índices de aprendizagem dos discentes pela aplicação do SARESP conforme apontado:

No campo da Educação, é fundamental definir uma matriz de referência em situações de aprendizagem e ensino. Por esse intermédio pode-se avaliar, mesmo que de modo indireto e inferencial, a ocorrência de efetiva aprendizagem. Pode-se ainda, estabelecer correspondências entre uma situação (o ensino e a aprendizagem em sala de aula) e outra (o que é legítimo de ser avaliado em uma prova, por exemplo). Quanto ao instrumento de avaliação em si mesmo, pode-se comparar a matriz de referência proposta (em sua perspectiva geral) com as habilidades aferidas nesse instrumento específico. (SEE, 2009b, p.10-11).

Nesse sentido, o SARESP está articulado com os conteúdos apresentados no Currículo Oficial do Estado de São Paulo, além disso:

[...] numa avaliação em larga escala como é o SARESP, em que se avalia a evolução da qualidade do sistema público de ensino de São Paulo, com a indicação das competências e habilidades básicas a serem desenvolvidas pelos alunos, em cada etapa da escolarização, a todos os atores internos do sistema de ensino e a toda comunidade externa, reafirma-se o compromisso da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo de monitorar o desenvolvimento do plano de metas vinculado à melhoria da qualidade da educação de maneira clara e objetiva, de tal forma a promover os ajustes necessários para que os alunos tenham acesso à construção dos conhecimentos a que têm direito. (SEE, 2009b, p.11).

Cabe observar que dentro das matrizes assim como no Currículo proposto para a rede estadual de São Paulo, existem as competências e habilidades atreladas às atividades. Por competência entende-se a competência cognitiva, que segundo a matriz do SARESP, são as modalidades estruturais da inteligência, inclusive apresentam os princípios de Jean Piaget, em que estão esquematizadas em três grupos:

- Grupo I: Competência para observar são os esquemas “presentativos ou representativos” : observar / identificar / reconhecer / indicar / apontar / identificar / localizar/ descrever / discriminar / constatar / representar graficamente e representar quantidades.

- Grupo II: “Esquemas procedimentais”: classificar / seriar / ordenar / conservar / compor e decompor / fazer antecipações / calcular por estimativa / medir / interpretar.

- Grupo III: “Esquemas operatórios”: analisar / aplicar relações ou conhecimentos fatos e princípios / avaliar, criticar, analisar e julgar / explicar causas e efeitos / apresentar conclusões / levantar suposições / fazer prognósticos / fazer generalizações indutivas e construtivas / justificar.

No dia 28 de outubro de 2009, foi publicada no Diário Oficial, a Lei Complementar nº 1.097 de 27 de outubro de 2009, que “Institui o sistema de promoção para os integrantes do quadro do magistério da Secretaria da Educação e dá outras providências”, em seu artigo 2º explicita:

Promoção é a passagem do titular de cargo das classes de docentes, de suporte pedagógico e de suporte pedagógico em extinção, para faixa imediatamente superior da que estiver enquadrado, mediante aprovação em processo de avaliação teórica, prática ou teórica e prática, de conhecimentos específicos, observados os interstícios, os requisitos, a periodicidade e as demais condições previstas nesta lei complementar. (s/p).

Para obter essa promoção o docente deverá passar por um processo avaliativo conforme essa lei, obedecendo-se os princípios de tempo de serviço na unidade escolar, além de frequência, estando entre os 20% melhores classificados

nesse concurso de promoção, o profissional conseguirá sua evolução funcional, deverá obter a seguinte ordem de pontuação, conforme o artigo 5º:

Em cada processo de avaliação a que se refere o “caput” do artigo 2º desta lei complementar, observada escala de 0 (zero) a 10 (dez) pontos, será exigido desempenho mínimo para promoção, na seguinte conformidade:

- I – da faixa 1 para faixa 2: 6 (seis) pontos;
- II- da faixa 2 para a faixa 3: 7 (sete) pontos;
- III- da faixa 3 para a faixa 4: 8 (oito) pontos;
- IV- da faixa 4 para a faixa 5: 9 (nove) pontos. (Ibid., s/p).

### **1.5. O Currículo Oficial do Programa São Paulo Faz Escola**

A idéia de currículo informada no Programa São Paulo faz Escola consiste na sua articulação como espaço de cultura, ou seja, deve estar atrelado aos conhecimentos da humanidade, de acordo com a definição de Sacristán (2000):

O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar. Tarefa a cumprir tanto a partir de um nível de análise político-social quanto a partir do ponto de vista de sua instrumentalização “mais técnica”, descobrindo os mecanismos que operam em seu desenvolvimento dentro dos campos escolares. (p.17).

O preparo dos discentes para o mundo do trabalho não é, segundo a secretaria, o que caracterizou a Lei 5692/1971, ou seja, a depreciação da formação geral. No discurso da secretaria a escola deve prepará-los para continuar aprendendo e a *adaptarem-se* às condições posteriores. Nesse caso, reafirma os dispositivos gerais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ao ressaltar que as novas relações “... entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, aprender a aprender” (BRASIL, 2001a, s/p).

Com a determinação de que os conteúdos devam ser seguidos bimestralmente pelos docentes, a proposta gerou polêmicas, com muitos professores questionando o direito à liberdade de cátedra. Entretanto, e indiferente ao questionamento dos professores, a SEE/SP manteve a exigência em se trabalhar

com esse currículo, reafirmando que as avaliações serão aplicadas tendo esses conteúdos como base, além de reafirmar que os resultados qualitativos teriam que melhorar. Afirmção em um dos cadernos dos gestores procura esclarecer a que cabe o papel de determinar o currículo:

Segundo a LDB nº 9.394/96, a Proposta Pedagógica da escola deve ser definida com autonomia pelos estabelecimentos, de acordo com as regras dos sistemas de ensino a que estão subordinados. Muitas vezes esse aspecto legal é pouco compreendido. A escola tem uma autonomia relativa na definição de sua Proposta Pedagógica. Há limites, e estes são prerrogativas do sistema, no caso de sua escola o estadual (há outros sistemas, como o municipal e o federal). O Currículo é um desses limites. (SEE, 2009a, p. 15).

Na análise dessa citação podemos perceber que sempre houve regimentos a serem seguidos e atualmente a SEE/SP está fazendo valer esses direitos com a construção do chamado “currículo mínimo” a ser seguido pela rede estadual de educação. Cabe indagar até que ponto os docentes nas escolas públicas tiveram sua autonomia preservada. Não é objetivo de nosso trabalho fazer essa discussão, mas cremos que ela é um item importante a ser refletido. Nesse sentido, Paro (2001a) faz algumas considerações acerca das relações entre a formulação de propostas curriculares e sua assimilação pelas instituições escolares:

[...] Trata-se na verdade de estar atento para as formas concretas que os determinantes sociais, políticos, econômicos, ideológicos, etc. assumem na realidade escolar. Sem ter presente uma adequada apreensão dessas manifestações concretas, os estudos que subsidiam propostas de políticas públicas em educação correm o risco de não se elevarem acima do senso comum, por lhes faltarem os elementos que lhes dariam sustentação e validade teórica [...] (p.33).

A fase inicial de implementação dessa proposta exigiu acompanhamento por parte dos gestores das unidades escolares. Eles deviam seguir as diretrizes do Caderno do Gestor, os quais possuem indicadores de trabalho em HTPC, levando-os a promover avaliação sobre o ambiente escolar, articular os trabalhos com essa nova proposta e estudar as diversas legislações referentes à educação.

Foram então desenvolvidas ações nas unidades escolares com o fim de alcançarem a média necessária nas avaliações, principalmente as que estão com baixos índices no IDESP. A SEE/SP passou a solicitar questionários das unidades

escolares para os supervisores de ensino ligados às diretorias regionais. Esses questionários traçam um perfil de funcionamento das escolas com relação ao trabalho dos gestores, educadores, discentes e recursos materiais. Durante o replanejamento em 2008, a avaliação que os docentes realizaram sobre os problemas enfrentados pela unidade escolar apontou: Número elevado de alunos em sala de aula; Grande número de alunos indisciplinados ou sem motivação para estudar; Ausência de acompanhamento dos pais na aprendizagem escolar de seus filhos; Falta de recursos materiais para tornar a aula mais dinâmica; Alto índice de alunos analfabetos na 5ª série do Ensino Fundamental II (mais ou menos 40% dos alunos); Falta de preparo dos professores do Ciclo II para auxiliarem na alfabetização desses alunos que estão em defasagem; Ausência da comunidade no ambiente escolar; Número elevado de docentes faltosos.

As ações que essas unidades escolares organizaram nesse replanejamento para tentarem melhorar os baixos índices no IDESP foram: mostras culturais desenvolvidas aos sábados, convidando a comunidade escolar para visitaçã; criação de espaço de leitura; estudo dos cadernos do professor, com o intuito de avançar nos conteúdos que estão atrasados.

No ano de 2009 também foram solicitados planejamentos das unidades escolares e periodicamente realizadas reuniões com diretores e professores coordenadores para orientações acerca do currículo proposto e acompanhamento das ações que vêm sendo desenvolvidas pelas unidades escolares, além disso, com relação ao SARESP, item importante considerado pela SEE/SP já que se trata de um instrumento de avaliação da qualidade educacional, houve reuniões articuladas entre a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), as diretorias regionais de ensino e as unidades escolares, onde foram estudadas as matrizes curriculares das avaliações externas além da realização de orientações sobre a aplicação da mesma aos discentes.

Esses encontros ocorrem em “pólos”, geralmente através de reuniões em municípios do interior do estado de SP. Foram convocados os Professores Coordenadores das Oficinas Pedagógicas (PCOP) de disciplinas específicas, no caso do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, ou de Ciclo I das 91 Diretorias Regionais de Ensino para se tratarem determinados assuntos condizentes com o

currículo Oficial do Estado. Entre esses assuntos estavam os conteúdos curriculares, as formas de se trabalhar com a implantação curricular, os cursos de formação online para professores da rede estadual e os sistemas de avaliação.

Após esses encontros foram organizadas reuniões pelos PCOP das Oficinas Pedagógicas para o planejamento de reuniões a serem trabalhadas com os Professores Coordenadores (PC), incumbidos pela formação de seus docentes em Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e que finalmente trabalharão o currículo em suas respectivas salas de aula.

## **2 A Reforma Curricular e o Trabalho Docente: uma primeira aproximação.**

### **Perfil da Unidade Escolar:**

A unidade escolar pesquisada foi inaugurada em 2004. A equipe técnica e administrativa da escola é formada por um Diretor, um Vice-diretor, um Professor Coordenador do Ciclo I, um Professor Coordenador do Ciclo II, um Professor Coordenador do Ensino Médio, dois Secretários, quatro Agentes de Organização Escolar, um Agente de Serviços e três Funcionários terceirizados.

### **Caracterização do grupo docente da escola:**

O corpo docente é formado por professores efetivos e contratados com curso superior completo. Possui também professores eventuais que substituem as faltas dos professores das classes e/ou disciplinas. Existe uma relativa rotatividade anual de docentes.

### **Comunidade do Entorno Escolar:**

A população urbana local é formada por migrantes, na maioria, nordestinos. As famílias apresentam número elevado de filhos e somente uma pequena parcela dos pais possui curso superior. A renda mensal das famílias é de 1 a 2 salários mínimos (com exceções). Alguns pais possuem trabalho autônomo ou estão desempregados.

### **Perfil dos Discentes:**

A maioria dos discentes pertence à nova estruturação familiar, que são pais separados que formam outra família e muitas vezes a mãe é provedora do lar. Os discentes possuem faixa etária de sete a dezoito anos aproximadamente no ensino regular e faixa etária de dezoito a cinquenta anos na Educação para Jovens e Adultos (EJA).

**Instalações da Unidade Escolar:**

A unidade escolar possui um espaço amplo e apresenta um prédio bem conservado, sem pichações, sendo dividida da seguinte forma:

**Área Interna:**

- 01 sala do Diretor
- 01 sala para Coordenação
- 02 banheiros para diretoria, secretaria, coordenação e professores (um masculino e um feminino)
- 01 sala para funcionamento da secretaria
- 01 sala para professores

**Pátio Coberto:**

- 02 banheiros para alunos (01 masculino e 01 feminino)
- 01 banheiro para portador de necessidades especiais
- 01 banheiro para funcionários
- 01 banheiro com chuveiro
- 01 almoxarifado
- 01 sala para inspetoria
- 01 sala para extra (cantina)
- 02 salas de aula
- 01 cozinha
- 01 refeitório com mesas e bancos

**Anexo:**

- 03 salas de aula
- 01 sala para depósito
- 01 sala de leitura
- 01 corredor com canteiro

**1º Andar:**

- 08 salas de aula
- 01 sala de computação (27 computadores)
- 01 sala Multiuso onde funciona a sala de vídeo

**Área Externa:**

- 02 quadras descobertas
- 01 canteiro
- 01 estacionamento
- 01 caixa d água

**2.1. A fala dos professores:**

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com um grupo de cinco professores. Inicialmente foi realizado um pré-teste com uma professora de Língua Portuguesa<sup>9</sup>. Posteriormente foi dada continuidade às entrevistas com professoras formadas em Letras e também com professoras do Ciclo I para obtermos um comparativo entre o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Com relação à primeira questão: *Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?*

---

<sup>9</sup> O pré-teste foi incluso nessa pesquisa por não ter sofrido alterações no roteiro de questões.

A primeira entrevistada mostrou-se muito pensativa para a formulação da resposta, acabou concluindo que, para os professores, houve um impacto, pois tiveram que ir se adaptando a essas reformas:

Eu penso que foram boas reformas, século XXI, informatização, valores globais, foi assim um baque, tem algumas coisas que a gente vai se acostumando, porque no começo não foi nada fácil na minha opinião e pelo que observei com os meus colegas de trabalho, agora, se você não contar com o apoio da equipe escolar... Teve mudanças, os alunos se interessam mais hoje né? A escola não é só um ponto de encontro, é um ponto de troca de cultura, troca de cultura ... de idéias...(Profa. A).

Para as outras entrevistadas, duas concluíram que foi lançado uma série de medidas pelo governo, as quais os professores não estavam preparados para receberem e trabalharem. Nessas falas é possível perceber a enorme distância entre os objetivos da política e sua consecução.

Bom, ao meu ver assim, eu vi essas mudanças justamente e assim, mudanças que para os professores muitos não conseguiram se encontrar dentro dessas mudanças, tiveram dificuldades dentro da nova proposta, então cada professor entendeu de uma maneira, então cada um acabou trabalhando da maneira que ele havia entendido, então quando começou chegar as avaliações, no caso o SARESP, ai apareceu esses conflitos, aonde veio essas divergências né? Ai vieram escolas que tiveram índices negativos, as escolas que tiveram índices em alta, por quê? Porque é a maneira do professor olhar essa proposta, muitos também olharam assim, como não aceitar, porque quando veio a avaliação, ela vem dentro da proposta e o professor ele acaba trabalhando na maneira que ele pensa, que seria na maneira tradicional ainda né?... (Profa. B).

[...] só que eu acho assim que foi muito jogado, eu acho que foi muito jogado que nem, eu sempre penso assim e acredito, que as pessoas que regem essas mudanças, que fazem essas propostas, poucos são aqueles que vivenciaram a sala de aula, porque você vivenciar uma sala de aula, num colégio pra elite, num colégio particular, se ta ali, deu aula ali, de repente você vai pra secretaria da educação faz um projeto, implanta esse projeto e solta pro estado em geral, é uma coisa, agora você ta ali na periferia, trabalhando com as crianças da escola estadual mesmo e você vendo as dificuldades e você lançar um projeto, é outra coisa totalmente diferente, então eu acho assim, por isso que até hoje, o que vem implantando do governo, o resultado não é cem por cento, porque eles vem, eles fazem coisas que eles teve experiência lá fora ou então teve experiências com escolas particulares, com crianças de outro nível e levam pra dentro da escola estadual, o que acontece? Com isso, o nosso resultado nunca é cem por cento [...] (Profa. C).

Outras duas concluem que houve aspectos positivos com relação ao método de se trabalhar a aula e com relação aos cadernos dos alunos:

Bom, percebe-se sim, uma mudança significativa, é... com relação até mesmo ao aprendizado, porque é, você ficar, naquela conduta de método tradicional, que que vai acontecer? As crianças vão ficar sistematizada a somente fazer cópia, livro, então assim, eu gostei muito da proposta, eu fiz o ler e escrever, fiz teia do saber, porque eu procuro sempre ta me aprimorando devido ta modificando e poder ter um acompanhamento melhor das crianças...(Profª. D).

Em alguns aspectos, positivos, então no caso do ensino médio né? É... as aulas de inglês, eu acho que elas ficaram mais significativas né, com essa nova proposta, é a primeira vez que nós temos um material pra trabalhar com o aluno né, é, em propostas anteriores o inglês nunca teve um material, tinha o livro didático do professor, mas o aluno não tinha ali o livro, o conteúdo pra ele ta seguindo ou poder até fazer atividades em casa, então ficava muito o quê? Lousa e caderno, com a nova proposta não, nós temos a oportunidade de usar a sala de informática, pedir pro aluno fazer um trabalho de campo e são textos dentro da realidade deles, né...(Profª. E).

Na segunda questão: *No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena Guimarães de Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?*

Com relação à Rose Neubauer, as entrevistadas apontaram desapontamento com a sua gestão, afirmando que foi impositiva: “A Rose Neubauer, o pessoal não gostou muito, os professores, acho que sobre o salário, plano de carreira” (Profª. A).

A professora B generalizou as três gestões por serem do mesmo partido:

Hahahaha, olha o problema assim, a gente ta ai mais de oito anos com o PSDB como partido, não mudou a história, a proposta é a mesma, então os três vieram com a mesma proposta, os três foram infelizes com a proposta ta? A idéia até pode ser positiva, mas dentro da escola ela não surtiu efeito nenhum, então são três do mesmo partido, é eu acho assim, a teoria eles são bons na teoria, só que na prática dentro da sala de aula é outra, é diferente daquilo que está sendo falado... (Profª. B).

É, a Rose não podemos falar também, porque ela tinha um jogo de cintura, ela veio com uma proposta até mesmo que boa, só que ela pecou em algumas atitudes dela né? Quando implantaram essa proposta, ela quis exigir dos professores, eu acho que... Tanto do professor, quanto do aluno, eu acho que não é bem por aí e tem que ser... ela era um tipo de pessoa arredia, não aceitava conversa com o professor, com o sindicato, com ninguém né? É o tipo daquela pessoa que, eu vou fazer, é assim que tem que ser e não é assim, e a partir do momento que fala que o professor tem que trabalhar unido, então a união já tem que vir lá de cima né? Acatando nós desde lá, até chegar nos alunos né? (Profª. C).

Rose Neubauer só Deus na vida né? Não, a Rose Neubauer deixa ela de lado, porque, aquela mulher tem um parafuso a menos né? Então ela é, não tem nem palavras, porque uma pessoa é... como diria assim... o professor é burro, é literalmente isso, o professor é burro, o professor não sabe nada, então ela sabia tudo...(Profª. D).

É... por exemplo... às vezes eles vem com proposta muito fora da realidade alguns assuntos que é pra você trabalhar com o aluno que é inviável porque por exemplo o aluno do ensino médio principalmente noturno ele trabalha, então ele tem o dia inteiro trabalhando e a noite, ele vem pra escola então não adianta você querer uma pesquisa muito ampla de um determinado assunto porque não rola, então o que acontece? Um faz, geralmente aquele que não trabalha e os outros só vão copiando, porque realmente eles emprestam um por outro, isso, fica um pouco a desejar. (Profa. E).

Com relação ao Gabriel Chalita, a maioria gostou de sua gestão, pois além de cursos, podiam realizar o seu próprio planejamento: “O Chalita falava em protagonismo, eu acho que o professor tem que ser comunicativo, saber conversar, é difícil? É. Há conflitos? Há, mas todo dia o professor vai se adaptando, vai vendo qual é a melhor maneira”. (Profa. A).

“Mais humana foi a do Chalita, tanto das crianças quanto do funcionalismo, dos professores em si, acho que ainda foi o mais humano”. (Profa. C).

...agora o Chalita já não, o Chalita a gente costuma brincar que o Chalita era tudo na paz, ele não perturbava ninguém, é... ele não ajudava ninguém mas também não perturbava ninguém né? Então as coisas, não corriam soltas, mas você tinha uma linhagem mais assim, é... você tinha um planejamento, você seguia o seu planejamento...(Profa. D).

Bom, dos três, o melhor, Gabriel Chalita, ele tinha... ele tem né, uma visão melhor do que é a escola pública, sendo que, os outros dois deixam um pouco a desejar, as vezes eles exigem coisas que não tem como exigir é... da clientela com que a gente trabalha. (Profa. E).

Com relação à Maria Helena, todas consideraram sua proposta impositiva, apenas uma professora (A) apontou ter sido boa, entretanto, houve controvérsia em sua fala:

A Maria Helena eu gostei, para falar a verdade, eu gostei do que ela fez, só que na hora da prova...mas eu gostei, acho que o professor estude cada vez mais, faça cursos, uma pena que ela saiu, mas ela vai continuar sendo assessora do Paulo Renato né? E o Paulo Renato é muito bom. (Profa. A).

“A Maria Helena eu acho que foi um caos, ela quis realmente mudar tudo bruscamente, não vou falar que é uma proposta ruim não, se fosse uma coisa que tivesse sido planejada, projetada, sem ser jogado, é uma coisa que daria certo...” (Profa. C).

A Maria Helena é, que foi essa última agora eu, particularmente não gostei da gestão dela né? Por que que eu não gostei? Ela, cobrava-se muito e, não dava o respaldo

pro professor, ta? É.. então assim, eu fui, assisti uma teleconferência, no ano de 2000... 2007 pra 2008, foi quando foi o ano do jornal, parece que foi isso, no dia 20 de dezembro, onde praticamente não se tem mais nenhum professor na escola, vem-se essa teleconferência, eu, como professora de Língua Portuguesa eu fui nessa teleconferência e foi colocado que nós tínhamos que desenvolver o jornal, né? É, no começo do ano nós tínhamos 45 dias pra desenvolver esse jornal, agora, os professores já estão, muitos já estão viajando, não sabiam nem o que que tava acontecendo e aí foi jogado essa bomba na mão da gente, sem curso, sem uma prévia, simplesmente os professores retornariam de férias, eles tinham 45 dias, isso no total, porque era um... tantos dias para você conhecer, a proposta, no caso o jornal e, tantos dias pra você aplicar, e tantos dias pra você já vir uma prova de lá de cima né?(Profa. D).

Na terceira questão: *A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?*

A professora A pareceu preocupada citando “Eu não sei se estou respondendo de acordo com a LDB...” e desviou da questão falando sobre cursos para professores, retomada a questão, ela respondeu:

No começo não, mas agora está havendo concordância porque eles querem deixar as escolas igualzinha. Os professores não receberam muito bem, mas depois foram se adaptando, tem que se esforçar, motivar, os coordenadores sempre presentes, a direção [...] No começo essa revista foi um baque, mas depois, a gente tem consciência de que as escolas precisam ficar iguais, não que a gente não saiba lecionar, não é isso, eu estou já a dezoito anos na rede, eu falo Estado, então eu não consigo assim, deixar, então eu me dedico, vou de cabeça, se eu quebrar a cabeça eu levanto de novo, a escola tem que ter materiais para trabalhar dentro da proposta, recursos. O professor achava cartilha, que a gente não sabe lecionar, mas depois viram que o governo quer investir no aluno e eu concordo plenamente, tem que investir, professor também, o professor tem que se esforçar para crescer. (Profa. A).

A professora B citou que na prática não funciona, relatando a progressão continuada e o trabalho docente:

É, foi o que eu falei né? (Risos...) não encontra, infelizmente não se encontra, infelizmente assim é, a gente que ta dentro da sala de aula, a gente não vê a simpatia mesmo, como eu falei pra você, eles estão saindo mesmo sem estarem alfabetizados, infelizmente, se você entrar na sala de aula, se você tiver a possibilidade de olhar, você vai ver realmente o que que ta acontecendo, infelizmente é assim, o aluno ele não tem a interpretação, igual a nós, nossa geração tinha, hoje eles não tem, eu vejo até pelo meu filho né? Então na hora que ele vai fazer um trabalho ele não tem aquela preocupação de pesquisar de perceber o que que ele ta fazendo, ele vai lá, ele abre a internet, ele copia aquilo, ele põe o nome de cinco ou seis pessoas e entrega aquilo [...] a gente vê hoje profissionais que... fraco né? Por que que eu vou me preocupar com o estudo, por causa da repetência também né? Hoje não tem repetência, é um ciclo né? É uma continuação, mas infelizmente ele não ta tendo essa continuação, então o que eu parei no primeiro ano foi até aqui, então a partir do segundo ano, mas ele não ta tendo isso, ele ta indo, ele ta indo, ele

sabe que... o aluno ele trabalha pelas faltas hoje, então tem um limite de faltas, então, se eu estourar eu sei que posso tomar uma repetência, mas no escolar é assim, então eu não tenho preocupação nenhuma, infelizmente, é assim que eu to vendo né? (Profa. B).

As professoras C, D e E concordaram que essa reforma não teve aceitação pela maioria dos professores:

Não, acho que teve, porque o medo da mudança né? O novo assusta todo mundo né, eu acredito assim, porque nas escolas a qual eu já passei, que houve bastante resistência tanto de professores quanto de direção também, e acredito que ainda há um pouco de resistência, tem professor que ainda não acredita né? Nessa nova proposta né? Eu acho assim que... ainda há resistências. (Profa. C).

... houve muita resistência, e há ainda muita resistência, é... eu dou aula numa escola particular também que tem uma amiga minha que ela se recusa, como disse não é um problema, dos livros, é... problema político, né? E... então, eles se recusam a ta trabalhando, e tanto que na escola dela, muitos dos alunos, eu falo porque eu fui lá, eu estive lá, eu tenho conhecimento com o pessoal de lá e eu cheguei lá e os alunos usam livro, o próprio livro didático, não apostila né? Tem uma professora que... ela, ela dá a apostila de cabo a rabo, do início ao fim, né? E faz aquela, intermediário, do livro, numa escola de 18 salas, ta? Os demais, todos, usam, livros, né? Então assim, a proposta então ficou assim, é, vamos dizer que... sei lá, 30%, a porcentagem é, 40% aceitou né? E os demais ainda não aceitaram não aceitaram essa proposta. (Profa. D).

Não, na grande maioria, os professores discordam, porque eles se sentem como se não fossem capazes mais de planejar as suas aulas, porque na verdade essas aulas vem planejadas, vem estratégia, conteúdo, como você abordar o assunto com o aluno, vem tudo mastigado, aliás nem todos seguem né? A maioria utiliza esse material como um material de apoio, ta? (Profa. E).

Na quarta questão: *Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma? Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?*

As respostas apresentam os seguintes pontos em comum: muitos professores ainda não compreendem essa reforma, com relação aos documentos, todos sabem que a Secretaria disponibilizou no site do Programa São Paulo Faz Escola e esses documentos não foram discutidos pelos professores antes da implantação, somente após, na formação dos professores em HTPC.

Discutidos eles foram durante a semana, durante os HTPC, mas não plenamente né? Documentos, a gente tem acesso na internet, mas teria que aprofundar mais, para

poder entender melhor. Articulação...Antes de implantar?! Não, eu acho que, bom, só se foi com os especialistas em Educação... (Profa. A).

Eu acho que não né? (risos), vamos ser claros, não, não infelizmente o governo não conseguiu passar [...] Foi, foi, foram sim, eles deram todo o material, até alguns professores tiveram capacitação pra isso né? Só que quando chega na prática não funciona né? O material é maravilhoso, se você olhar os materiais que a gente tem é maravilhoso, mas ele não ta dentro da prática [...] Foram, todo nosso HTP a gente trabalha o projeto dentro do HTPC, aí o coordenador ele vai ver como é que o professor ta trabalhando, por que que ele ta utilizando, tal, tal, olha, chegou tal proposta, assim, então ele é todo trabalhado em HTPC. (Profa. B).

Não. Não. Não. Eu acho que foi igual os outros que veio, jogado, porque quando eu entrei nessa escola, é...pra dar aula pra primeira série, aí cheguei na escola, simplesmente ela falou assim, olha, os alunos vão usar esse aqui, é o ler e escrever, não tava tendo ainda curso né? Ou talvez com os coordenadores, eu só sei que nós professores não, então você pega uma sala com 36 alunos, você dá lá um livro que ta escrito...vamos supor uma música lá, meu pintinho amarelinho tal, tal, tal, depois tem uma atividade pra criança fazer, ou então não, melhor, a primeira página é pra criança fazer a relação do nome dos alunos da sala, dos colegas e o telefone, era uma agenda, criança de primeira série que veio de EMEI, ou veio de creche direto, que não são alfabetizados, diga pra mim, como que ele ia escrever o nome do colega, se são todos, os trinta e seis colegas tinham que estar naquela agenda e o telefone e depois foi pedido, na provinha deles isso daí, que eles colocassem o nome dos três colegas na avaliação do ler, então eu acho assim que, sabe, nós não estávamos preparado nem os professores e nem os alunos pra receber. (Profa. C).

Não, não teve, é como eu to te falando, foi acho que em 2007, se não me falha a memória, foi no final de 2007 para 2008 que houve essa transição que foi onde começou com o jornal, e chegamos onde estamos, que são as apostilas, entendeu? Então não houve assim uma prévia, não houve, em dezembro, fechou o ano, tudo bem, feliz natal, feliz ano novo, tchau, vamos pra sua casa, opa! Tem reunião amanhã! Se ta na sua casa, se ficou sabendo o quê? Então tem sim, tem teleconferência, tem é... é, cursos, tem é... tem vários informes, tem até mesmo uma proposta curricular disponível na internet, foi feito um site pra isso, né? É pra todas essas informações, inclusive esse site chama-se é, São Paulo faz escola, e nesse São Paulo faz escola, é, lá você vai encontrar passo a passo dessa proposta curricular, só não lê quem não quer, ta?... (Profa. D).

De jeito nenhum, não, na verdade, é, a nova proposta curricular tem cada disciplina tem a sua proposta né? Então, na verdade, eu li, porque teria uma prova, então eu li pra estudar, mas assim, não é disponível pra todos os professores, você tem uma certa dificuldade de encontrar o material, tem que ta pedindo emprestado, só que é uma escola pra vários professores, ai dificulta você ter acesso a documentos, mas se você lê esse documento, lá é bem explicado a proposta, dá pra entender é uma coisa bem clara. Não, nenhum momento, hahaha, não. (Profa. E).

Na quinta questão: *De um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?*

Três professoras responderam que na escola em que trabalham, principalmente com relação ao ciclo I, o programa Ler e Escrever é trabalhado em

HTPC e que a escola conseguiu atingir 120% da meta do IDESP, as outras professoras falaram do trabalho do professor que, além de ser uma profissão que precisa de dedicação, eles estão acostumados a trabalharem de uma forma tradicional, fica mais fácil para os professores recém-formados, portanto, estão se adaptando ao novo método imposto. Penso ser interessante relatar nesse item, apesar da professora ter falado na quarta questão, sobre o processo de avaliação para atribuição de aulas:

Aqui nessa escola, eu vi que os coordenadores passavam as diversas maneiras de trabalhar a proposta e no ano passado atingimos 120% do índice, então eu achei que deu certo aqui e estamos vendo uma maneira de trabalhar o SARESP, dentro dos conteúdos, dentro da proposta curricular, acho que os professores não vão fugir do caderno, vamos fazer um simulado com todos os alunos, para ajudar, precisa de impressora na escola, impressora não, máquina de xerox. (Profa. A).

Ah tá é, bom, como eu cheguei agora, esse ano na escola, a gente vê assim que os professores, eles não aceitam né? Principalmente os professores que já são mais antigos na rede, eles não são tão abertos as novas propostas, os professores novos eles até aceitam por quê? Porque como eles estão chegando agora, então eles estão recebendo aquilo que eles estão vendo, mas os professores eles ainda preferem um trabalho tradicional, eles não aceitam a proposta nova porque pra ele a proposta nova não ajuda em nada o aluno, pra ele não tem benefício nenhum, ele vai continuar com as mesmas dificuldades, dentro da proposta tradicional eles vêm como o aluno vai aprender, então se você perguntar ali todo mundo vai concordar. (Profa. B).

Tão. Eu acho que daqui, dessa escola, os professores são os mais que são acatando, eles...estão trabalhando...há uma união muito boa, a gente tá trabalhando em cima do ler e escrever mesmo, as atividades, tudo, tanto com o professor de educação física, como a professora de arte, todo mundo, acho que tá, nessa escola aqui acho que tá, e nas outras também, pelo que tenho passado, as outras escolas que eu trabalhava, porque agora os coordenadores tem curso né? Eles passam pra gente o que é pra fazer, como é pra ser feito, acho que esse ano, na maioria das escolas estaduais deve tá encaminhando sim. (Profa. C).

Então eu acho que essa avaliação que eles exigem ser feita com os professores, eu acho que é bom, agora eu acho que corremos um sério risco, essa última prova que teve o que aconteceu? Os professores fizeram uma prova, ficou aquela vai fazer, não vai fazer, vai valer, não vai valer, bom, fizemos a prova, ótimo. Eu tenho colegas que se formaram no ano passado, nunca deram aula, inclusive um deles é superintendente da Embratel, e ele se formou, ele fez administração, fez bacharelado em matemática, bom enfim, professor de matemática, e ele foi muito bem obrigada nessa prova, agora, ele nunca passou numa sala de aula, será que aquela classificação boa que ele teve, como é que vai ser numa sala de aula? Ele vai segurar 50 alunos? Ele vai dar conta de 50 alunos? Uma coisa é você tá ali no papel, outra coisa é você ter a prática de sala de aula, isso não, não é significa que aquele professor que tem anos de casa, tenha... é, não compromisso, tenha um... é, ele domine bem as salas de aula e muitas vezes você passa e determinados professores que têm há anos, e muitas vezes tá uma baderna e a... atividade que é bom né? Então eu acho que isso influi, o domínio em sala de aula é a atenção, porque você tem que dar uma aula que interessa porque senão a sala se dispersa né? Então é isso que eu fico pensando, com relação a essa prova... (Profa. D).

... Mas eu acho que essa profissão além do salário também tem que ter amor e dedicação, porque senão você não funciona não no estado, se você não gosta você não fica, você encontra desafios assim horrendos ta? De aluno, eu ainda graças a Deus eu ainda não tive esse problema, pode ser que amanhã ou hoje eu tenha, mas é, você encontra colegas que fala, eu tenho uma amiga que é, que ela foi estuprada na sala de aula, entendeu? E não suporta mesmo, sabe? É coisa que na pública, você ta pra passar a qualquer momento, eu tenho uma amiga que, no trajeto da escola, o cara parou, fez ela descer e levou o carro dela, então são situações assim que você ta correndo risco, o que não tem nada a ver com o material, com a minha competência, com relação ao material, eu acho o material proveitoso, a minha parte eu tenho, estou utilizando, tenho alguns amigos que estão utilizando, tenho amigos no particular, que sabe, que quer, eles dizem, ó eu fiquei sabendo que ta chegando, nossa você não tem? Então assim, pra você ver como é que ta ai fora né?, Mas eu acho que o pessoal usa puramente por marketing, por o material ser conhecido. (Profa. D).

É, os professores eles num, eu acho que por ser novo, porque na verdade, é, começou no ano passado né e esse aqui teve uma pressão maior, então, as pessoas ainda estão se adaptando né? A trabalhar dessa forma, dessa maneira, na verdade é uma visão construtivista e o professor ta acostumado a trabalhar naquela coisa mais tradicional principalmente do ciclo II e o ensino médio, o ciclo I não, já tem uma bagagem mais antiga de levar o aluno a construir o seu conhecimento, agora no ensino médio é novo, então os professores ainda tão ali, resistindo, não tão ainda de braços abertos pra nova proposta não. (Profa. E).

Na sexta questão: *Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?*

Três professoras apontaram que alterou a sua prática com relação a romper com o método tradicional e buscar estudar, ampliar os seus conhecimentos, uma professora considera que isso não alterou em nada a sua prática e outra aponta o desenvolvimento do trabalho com competências ser mais fácil no ciclo I, onde o professor consegue identificar melhor os avanços de seus discentes, diferente do que ocorre no ensino médio, pois o professor somente tem 45 minutos para sua aula.

...Alterou minha prática?! É que antes não tinha uma proposta a gente fazia de acordo com a prática, depois foi lançando o SARESP, foi uma proposta para os professores, para os alunos e os conteúdos foram mudando de uma outra maneira, como trabalhar, bom.. eu não sou efetiva, mas a minha experiência, isso é um outro modo, fez com que eu me adaptasse também nessa nova mudança, de trazer o aluno para mim, como eles falam, fazer com que o aluno goste da escola, acho que... melhorou, na minha opinião, a dos colegas, não sei. (Profa. A)

Aham, aí fica difícil falar do lado pessoal meu né? É, bom, vamos ver assim...é, como eu entrei na rede em 88 então eu já passei por várias mudanças, então assim, eu vejo assim, que... no início o meu trabalho era mais mecânico, passar, decorar, passar, decorar, era letramentos, hoje não hoje eu tenho que pesquisar, então eu tenho que buscar, não vem mais nada pra mim, olha você vai ter que seguir isso, não, hoje eu tenho que buscar então eu não posso me limitar só naquilo, eu tenho que ta pesquisando, buscando também pra quê? Pra que eu possa enxertar mais pro meu aluno, então pra mim teve essa mudança sim nesse sentido, então eu passei a buscar mais e não ficar mais com o pronto, que é aquilo que seguia aquela linha né? Hoje eu tenho maior abertura pra buscar. (Profª. B).

Sim, eu acho que o professor, ele...pode trabalhar com alunos, é...vamos supor, diferenciado né? Então é um trabalho mais diferenciado, é, você pode...é, trabalhar com diversos recursos né? É...não é mais aquela rotina, que você segue, aquela coisa, não, você tem, é, abrange mais, vamos supor jornal, um monte de outras coisas. (Profª. C).

O currículo por competências não alterou a minha prática, alterou nada, porque o currículo por competência, o que ocorreu é uma divisão de abordagem no currículo mas, não que tenha alterado, o meu plano de trabalhar, não alterou em nada. (Profª. D).

Dentro do ensino médio você não consegue ver tanto assim competências, assim, que esse projeto, ele é ideal pra ciclo I ta? Porque quando chega no ensino médio, não tem como você ter realmente uma visão de quais são as competências e habilidades, porque você tem 45 minutos de aula, é, no caso da língua inglesa, tem sala que eu dou aula 1 vez por semana, uma vez por semana, 45 minutos, não dá pra você ter qual o diagnóstico de qual habilidade que o aluno, é, sai melhor, é impossível, aliás esse é um ponto que eu não sei porque diminuíram a quantidade de aulas de inglês do ensino médio... (Profª. E).

*Na sétima questão: O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações? Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?*

Todas as entrevistadas concordam que a elaboração dos planos sofreram alterações e uma delas inclusive, citou que atualmente houve outra mudança, seguir o material curricular encaminhado pela Secretaria da Educação.

Modificaram. Não existe mais só lousa e giz né? Não existe mais. A Lousa é só o inicial, o resumo, mas faz parte, mas hoje no século XXI as escolas modificaram, receberam lap tops , para trabalhar com produção deles mesmos, dos alunos e analisar o que eles fazem, então... dessa maneira, tem o DVD, o Datashow, isso faz com que a gente utilize cada vez mais, aprender de uma forma diferente. (Profª. A).

Sim, porque agora o nosso planejamento ele é flexível, então a todo o momento você ta discutindo é, você entra, no início, você prepara, então nós vamos trabalhar assim, então quando você vai conhecer na realidade do aluno da escola então você senta pra reformular então todo HTP você tem aquilo que você ta trabalhando, se ele ta

dentro do que você quer? Não, porque as vezes as suas expectativas acabam mudando, então você planejou lá é, trabalhar, sobre a horta, mas de repente não, surgiu pra você trabalhar sobre educação sexual ou então você tem, não tem mais, porque antes você tinha que seguir aquilo, hoje não você pode tá mudando a sua proposta de trabalho dentro daquilo que no dia a sala de aula, o aluno tá querendo tá? Então a gente tem flexibilidade sim um pouco. (Profa. B).

Eu acho que sofreram, porque nós nos baseamos tudo no ler escrever, pra montar esse plano de ensino e...assim, como eu falei na pergunta anterior que, o trabalho seria o trabalho mais diversificado né? Que seria...é, trabalharia mais livre com as crianças, mais é o dia a dia deles...o material mais é... (Profa. C).

Ah sim, isso sofreu, porque as alterações que deram foi justamente essa mudança no currículo né? E até no planejamento, porque o projeto tem que encaminhar junto com todos, se um quebra, quebra todo mundo, então quer dizer, aí você tem que fazer a campanha da boa vizinhança, então pra você agradar a Deus, você tem que agradar o outro, então você tem que fazer a campanha da boa vizinhança pra você conseguir o projeto político né? (Profa. D).

Sofreu, antes pra nós fazer o plano de ensino, isso em duas escolas, porque eu trabalho nessa e em outra, então nós nos reuníamos, sentávamos e discutíamos o plano de ensino, agora não, né, o que eu percebi tanto nessa escola quanto na outra, a gente copia o que vem na proposta do governo, então não tem mais um debate do plano de ensino, porque é seguir aquilo, acabou, então eu acho que os professores não tem mais necessidade de estar dialogando sobre isso. (Profa. E).

Na oitava questão: *Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino. Qual sua compreensão sobre essa questão? De que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?*

Algumas professoras ficaram em dúvida sobre o que é ensino contextualizado, inclusive pediram para repetir a questão, porém pensam ser importante atrelar os conteúdos associados à vida em sociedade, além de trabalhar com a interdisciplinaridade. Inclusive é importante ressaltar, como na fala de uma das professoras, que os docentes ainda estão se adaptando a esse novo método de se ensinar.

É...Através de leituras, você estudar os conteúdos antes de passar aos alunos, todo dia eu leio a revista, dessa forma. Produção de texto, tem uma professora que trabalha junto, ah que pena! Mas ela também daria uma ótima entrevista. Não existe só português, os textos que estão ali engloba todos, é uma interdisciplinaridade. (Profa. A).

Tá. Contextualização de ensino hoje, o nosso trabalho em sala de aula, você tem que planejar, como era e como é hoje né? Então hoje você tem que colocar, é, mostrar

pro aluno aquilo que você vai trabalhar durante a semana toda, toda a seqüência, então você chega na sala de aula você apresenta tudo que você vai trabalhar naquele dia ou na semana, então é esse o trabalho que a gente ta fazendo com a aula ta? (Profa. B).

Ah, trazer o de fora pra dentro da sala de aula, aproveitar o dia a dia?  
É, nós trabalhamos também assim, muito com o que a criança trás, né? Por exemplo, é...vamos supor, aqui, nosso bairro tem enchente, então assim, olha, hoje foi a chuva, então a gente, vai ta comentando sobre isso, aqui é uma avenida perigosa, tava falando sobre primeiros socorros e foi bem num dia em que uma senhora foi atropelada, então a gente aproveita isso como, a gente veio comentando como foi o socorro do bombeiro com essa senhora, quais foram os primeiros socorros, quem é que tinha ali, tudo, então a gente aproveita assim, quem é que veio de casa pra poder ta na escola, eu acho que é mais fácil a aprendizagem assim também. (Profa. C).

Eu acho bom o ensino contextualizado né? Que você tem como você ta ensinando né? Você ta trabalhando mais, com várias informações né? E... eu acho assim, quando eu faço um trabalho diferenciado, é muito mais fácil você ter uma visão, um contexto no geral, do que quando você não tem um trabalho diferenciado, eu como eu já trabalhava dessa forma, então, pra mim assim é muito bom você trabalhar com a contextualização porque você, eu acho que você acaba envolvendo mais as crianças também né? E o seu trabalho também acho que tem mais, é... você tem um pouco, você tem uma produção melhor. (Profa. D).

Se realmente ele for trabalhado, vai ser bom pro aluno né, mas isso ainda ta muito novo, muito novo, com poucas explicações, então os professores não foram capacitados pra esse tipo de modalidade de ensino, então deveria rever nesse ponto, ta capacitando os professores pra que isso realmente aconteça. (Profa. E).

*Na nona questão: Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade . Como você analisa essa questão? No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma? Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Avaliar os resultados dessas atividades? Indicar o que elas acrescentaram pedagogicamente em seu trabalho?*

De um modo geral os professores trabalham de um modo interdisciplinar durante a elaboração do planejamento do ano letivo ou na elaboração de projetos e também discutem os seus trabalhos em HTPC. Outro ponto observado por uma das entrevistadas foi com relação ao Currículo Oficial do Estado de São Paulo, Programa Ler e Escrever em que a ênfase está nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, as outras disciplinas somente estão como apoio, através de leitura de textos.

Como isso me favoreceu? Tudo isso? Na HTPC, a gente conversa, dialoga bastante, a gente tenta fazer um trabalho em conjunto, vê é... aonde que eu posso entrar, mapas, a gente vê mapas, é matemática, engloba tudo, a gente troca idéias e chega num acordo, um ajuda o outro, mas tem que ter mais tempo para isso... (Profa. A).

A interdisciplinaridade, que na segunda série a gente não tem mais história, geografia, ciências, a grade é por língua portuguesa e matemática, só que, não quer dizer que você não vá trabalhar né? Então aí entra a interdisciplinaridade, você trabalhar um texto é de ciências, e dentro desse texto você trabalha português e matemática, então dentro dessa escola a gente tem essa proposta sim, a gente tem como amarrar todos os textos em todas as matérias, aí você pode levar também pra educação física, na arte né? Todo esse texto trabalhado, então aí entra né, o planejamento né? Você planejar então seria os projetos pedagógicos né, então dentro daquele projeto pedagógico você trabalha todas as áreas, igual a gente teve festa junina, então a gente trabalhou todas as áreas, matemática, ciências, geografia, que é o caso da reciclagem né? Na arte que você pode confeccionar uns trabalhos para enfeitar a escola né? A educação física que foram as danças, to trabalhando todo o bimestre dentro de um projeto, ta? (Profa. B).

Não, a segunda série trabalha e a quarta série são, por área né? E nós da terceira série, trabalhamos só em conjunto com os professores, só assim, pra discutir planejamento. A gente discute, igual, eu do aula de canto né? Pros alunos, dentro dessa aula pro coral, a gente já envolve a letra de música com letra que é trabalhada na sala de aula, com os alunos, tanto em português, história, geografia, é tipo de textos, se é um poema, se é uma fábula, se parece ser uma fábula, dentro da saleta de música a gente coloca mural, depois trabalha ela cantada. (Profa. C).

Olha, aí cai naquela questão né? A interdisciplinaridade, você trabalha tudo, você trabalha cidadania, você trabalha... parte sexual, você trabalha tudo. Na parte de cidadania, eu tenho assim, na escola que eu trabalho nós temos assim um trabalho de ta envolvendo a comunidade, temos assim, já temos a escola da família, mas assim tem um amparo total da comunidade e... qualquer que seja o problema que nós tenhamos com o aluno, a comunidade é informada, as atividades também que nós procuramos desenvolver com os alunos, tão sempre voltadas pra os valores que é muito importante desenvolver nos alunos e na também na parte de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série, já procurar também da uma orientação mesmo que for superficial, até aonde eles podem chegar, porque o índice de gravidez é assim, é assim escandalosamente grande né?... (Profa. D).

Bom nessa escola, desde o início do ano foi desenvolvido um projeto com a interdisciplinaridade, que é o projeto nosso bairro, então os alunos estão pesquisando né, de cada área, algo no bairro que tem haver com matemática, história, geografia... (Profa. E).

*Na décima questão: A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?*

De um modo geral, as professoras concordam que a escola ainda funciona de forma mecânica e a autonomia não existe, pois sempre foram seguidos os projetos que lhe foram impostos, o modo tradicional de se trabalhar a aula continua o mesmo e que inclusive professores novos que iniciam suas atividades no cotidiano escolar devem seguir o grupo de docentes, ou é “podado” ao propor atividades diferenciadas, caso contrário, pode-se tornar excluído do mesmo. Ocorre também que os pais estão acostumados com conteúdos no caderno de seus filhos e cobram isso da unidade escolar.

“Só com o professor? Eu acho que modificou, tem professor que ainda trabalha de maneira tradicional e estão com dificuldades eu acho, ter tem, mas ai nós vamos conversando aos poucos, mas eles procuram fazer, dentro dos limites deles” (Profa. A).

Eu acho que continua o mesmo, não mudou nada, continua a mesma coisa, continua o mesmo, o professor ainda é fechado por quê? Porque ele não abriu, infelizmente o professor ele não se abre pras novas propostas [...] e as pessoas novas, elas acabam se engajando no mesma linha, porque querendo ou não, o professor antigo ele tem aquela influência né? É porque ele é novo, quando você entra num lugar novo você vai tentar se encaixar né? Se você for diferente, começar a fazer coisinha diferente, o povo exclui [...] se você tentar fazer um outro vai te quebrar porque, aí os pais vem também, mas a professora não ta dando nada, então se você passar o dia todo sem dar nada no caderno o próprio pai e a mãe ta acostumado com lição e atividades, você entendeu?... (Profa. B).

Ah houve, aumentou... eu acho que o professor, eu sei que aumentou a hora de atividade, HTP, é...a cobrança, é bem mais, a cobrança para os professores, tanto para os professores como para os alunos, que a gente também tem que cobrar dele, ah, eu acho que mudou bastante. A escola ficou mais... agilizada. (Profa. C).

Olha com essa reforma mudou... pra mim, mudou muita coisa sabe, é, a visão de conteúdo, a forma que você ta explicando, ta conhecendo o dia a dia da criança, e trazendo ela pra aquela vivência, eu acho que mudou muito mesmo essa reforma curricular. (Profa. D).

A escola ainda continua sendo uma mecânica, porque nós ainda continuamos seguindo o que querem que a gente siga, né, então não é uma escola autônoma né, então por mais que falam em diversidade né, você trazer coisas novas, ela continua dentro de um mecanismo, onde você segue o que é imposto, principalmente por parte de direção, coordenação, então você tem que ta sempre seguindo as regras. (Profa. E).

Na décima primeira questão: *A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de*

*um modo geral? O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?*

Todas concordam que o processo de avaliar o aluno mudou, antes o que media o desempenho da aprendizagem dele era somente a prova, atualmente ele é acompanhado pelas suas atividades do dia-a-dia.

Na correção dos exercícios por exemplo, você corrige dia a dia, ai ele quer saber como ele errou, em que que ele errou. O aluno é avaliado com mais de dois instrumentos. De um modo geral, os professores estão se adaptando a isso, com a nova proposta... (Profa. A).

Isso, aí voltou na outra questão né? Do trabalho pedagógico, bom, é hoje é como eu falei né? A gente tem mais liberdade pra ta discutindo, ta avaliando aquilo que ta trabalhando né? É você consegue é...com os projetos né, trabalhar a interdisciplinaridade, então você tem mais abrangência, pra ver como ta a sua sala de aula e a partir daí trabalhar né? Então, tem mudança significativa sim a partir daí. (Profa. B).

Mudou. O meu bastante, é... eu sempre avalei o aluno num todo né? Teve... eu acho assim, que uma avaliação feita que eu acho isso hiper errado, que eu até brinco com ela que se um dia eu fosse fazer um mestrado era voltado pra isso né? Que...não se tem que fazer uma avaliação e naquela avaliação, o aluno tirar nota, eu acho que o aluno tem que ser avaliado a partir do momento que ele entra na sala de aula, até...no primeiro dia até o último dia, porque no dia da prova, o aluno está lá fazendo a prova, eu sou uma, eu... falar pra mim que é prova, eu no dia da prova eu vou, eu tremo, eu esqueço tudo, agora no outro dia se você pergunta as coisa, eu respondo tudo fora da prova, então eu acho assim, tem dia que você não ta bem, e você vai avaliar o aluno basicamente pela aquela prova?... (Profa. C).

Bom a avaliação eu sempre tive isso comigo, não é através de uma prova que eu vou avaliar o aluno né? Eu, eu sempre falo pra eles que eu dou atividades, precisa de nota né? Mas não significa que é aquela avaliação que é aquela atividade é que vai me dar todo o conhecimento dele, não, eu avalio o aluno pelo dia a dia, tudo que ele faz é uma avaliação... (Profa. D).

Bastante, né, com a nova prática pedagógica a gente avalia o aluno mais assim numa situação diagnóstica, é, levando em consideração todos os aspectos e... no processo anterior como que era feito? O aluno ele era avaliado mas com uma prova né? Então, as vezes ele poderia só decorar, ele teve aquela nota, ele decorou, ele fez a prova, ele foi bem, agora não, você leva em consideração, isso até no ensino médio, a bagagem que o aluno tem, né? (Profa. E).

Na décima segunda questão: *No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?*

Os planos de ensino na escola são elaborados em conjunto entre os professores e gestores, porém, uma das entrevistadas observou que com esse Currículo Oficial do Estado de São Paulo, o planejamento já está pronto através do caderno do professor e do aluno e é exigido que isso seja seguido.

“Estão de acordo com a proposta curricular, de acordo com a proposta pedagógica da escola, estão tudo ligado um com outro, na seqüência né”. (Profa. A).

É então é, o nosso planejamento é feito assim é no início do ano a gente conhece um pouco da realidade da escola né? E aí a gente vai montar o planejamento da escola dentro da necessidade do aluno [...] a gente realiza uma sondagem com ele no início e a partir daí agente vai montar a nossa proposta dentro daquilo que o aluno ta precisando pra que? Pra você dar continuidade [...] hoje o nosso trabalho é feito em cima daquilo de onde o aluno parou e aí, a partir dali a gente vai dando seqüência pra quê? Pra não ter essa desmotivação, que você voltar tudo de novo cansa né? O aluno, putz, eu vou ver isso de novo né?... (Profa. B).

No plano, se nós... trabalhamos juntos, é... fizemos juntos no começo do ano um plano de ensino anual, a cada três meses a gente faz um plano bimestral e... qual a outra pergunta?

*12.1 Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?*

Também em conjunto, junto com os professores. (Profa. C).

No plano de ensino? Ah sim, é feita uma reunião pedagógica, é feita a reunião pedagógica onde tem o planejamento, é... é são feita a reunião de pais e isso trabalha todo mundo junto né? Trabalha todo mundo junto, diretor, professor, coordenador, há coletivo né? Porque se a escola não trabalha em grupo, entendeu, o professor que ta chegando naquela escola já é individualista, como é que vai ser? (Profa. D).

Então, as escolas estão deixando muito a desejar no fator de plano de ensino, né, então, o planejamento antes ele era feito com todos os professores como eu já falei anteriormente, agora não, entendeu? Então você entra na escola, eu peguei minhas aulas um pouco depois do início do ano letivo, então o que te entrega é o caderno do aluno né? É, o manual do professor e aquilo você segue, então, não tem uma certa cobrança de ta pedindo pra você ta entregando esse plano de ensino, não só nessa escola, isso assim no geral, eu percebi que o plano de ensino ele ficou como segundo plano ta. (Profa. E).

Na décima terceira questão: *Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?*

Para os professores essa reforma ainda não está clara, inclusive com relação à Progressão Continuada, a única professora que disse existir uma compreensão somente disse essa palavra e não prosseguiu a sua fala.

“Existe sim”. (Profa. A).

Não né? Não, os professores infelizmente não tem.

*13.1. Por que você acha que os professores não compreenderam?*

É por causa disso, é com esse ciclo, essa continuação de ciclo tem muitos professores que não entenderam que você tem que trabalhar a partir do que o aluno, então no primeiro você trabalhou o alfabeto, no segundo ano eu vou trabalhar o alfabeto? Não, eu vou trabalhar sílabas, né, um exemplo, e o terceiro ano? Vou trabalhar alfabeto e sílabas? Não, eu vou trabalhar textos e no quarto ano eu vou trabalhar interpretação, mas o professor não, ele volta tudo de novo, em vez dele continuar aquilo não, ele volta, então ele não tem essa compreensão por isso, porque o ciclo é uma continuação e não uma volta, então é por isso que não funciona, infelizmente. (Profa. B).

Parcialmente. Acho que, ainda há muita coisa ainda a esclarecer.

*13.1 Por que você acha que é parcialmente?*

Ah, porque tem um monte de professores que ainda não entende é, o por quê da reforma, vou dar um exemplo bem básico, é... tipo assim, fazer uma sondagem, então a coordenadora vem e fala que a sondagem começa, são só quatro palavrinhas, aí tem professoras que não, colocam vinte palavras ainda, mesmo sendo começando pela polissílaba, até chegar na monossílaba, então eu acho assim, ainda há muita coisa ainda a esclarecer pra alguns professores, outros já tão aceitando a proposta? Outros ainda reclamam da proposta, porque realmente é... é cansativa, você tem mesmo que ler, te obriga a ler e aqueles que não gostam de ler... sofrem bastante. (Profa. C).

Os professores até entendem sim qual é o objetivo, só o que acontece é que nem todos estão seguindo, então o objetivo fica quebrado, então fala muito em progressão continuada, tanto no ciclo I, ciclo II e no ensino médio, isso não ta acontecendo porque nem todos estão seguindo a proposta, então mas eu acredito assim, que é uma proposta boa, tem tudo pra dar certo, mas isso não vai ser agora, acho que daqui um determinado tempo, quando todos realmente começarem a trabalhar, aí vão surgir os efeitos, que vão estar melhorando o nível de aprendizado dos alunos, no momento agora eu acho que é um experimento. (Profa. E).

“Existe compreensão, existe, mas eles são tudo louco”. (Profa. D).

Na décima quarta questão: *Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do Ensino Médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?*

Todas as professoras não concordam com esses índices, por diversos problemas, entre eles: a formação do professor (deveria haver mais cursos),

conflitos emocionais trazidos pelo aluno para a sala de aula, a progressão continuada, somente o SARESP ser levado em consideração para medir os resultados da aprendizagem do aluno, a não compreensão de como o IDESP funciona.

Fundamental I eu acho que ainda falta muito para os professores, reciclagem, não é reciclagem, essa palavra é muito...é cursos para auxiliar o professor.

*14.1 Mas já teve, antes da Maria Helena, os professores podiam participar de cursos, mesmo assim?*

Não eram todos, porque todo ano tem mudança de professores e tem professor efetivo também que se aposenta., chegam os novos e ai vai, eu , toda escola que eu vou, eu procuro me adaptar aquela escola, de acordo com a meta dentro da escola mesmo, eu puxo, e tem professor que não, eu acho que deveria ter cursos preparatórios para os professores, para formação mesmo [...] Eu acho que deveria ter psicólogos nas escolas, que é o que a gente está sentindo, que não é com todos os professores que eles vão se abrir.

*14.2 Talvez por que não tenha empatia?*

... Ensino Fundamental são por causa desses problemas emocionais ai que afeta, não que nós.. acho que precisa te cursinho de vez em quando, a gente faz uma parada de vez em quando, tenta dialogar, na reunião pedagógica a gente procura ver aonde que a gente pode melhorar, não é o aluno que precisa vir até mim, entendeu? Eu vou até lá, não ele até mim, já fiz isso várias vezes e faço isso, se tiver um assim, o que que ta acontecendo? É que o aluno vem com carga emocional pesada, eu acho que tem que ajudar o aluno, tem pais que não sabem nem ler e escrever, ai falo assim, quando você chegar em casa, passa para os pais o que você aprendeu hoje comigo, eu dou nota no caderno do aluno, tem aluno que chega e fala ah professora dá um 10, eu quero mostrar para os meus pais, acho que o professor tem que ter esse compromisso, mas eu acho que os alunos estão assim de uma maneira geral... (Profa. A).

É por isso mesmo né? Como o professor, ele não tem a compreensão desses objetivos, então na hora que ele vai trabalhar as atividades dele, ele não trabalha dentro dessa proposta. Se ele não trabalha dentro da proposta, o aluno ele não vai entender, quando vier uma avaliação, ele vai ler aquilo e pra ele não vai resolver nada né? Porque as avaliações que vem pro aluno é tudo dentro dessa proposta e é tudo atividade pra ele pensar, não é mais aquele mecânico né? [...] Desde o início do ano ele trabalhar atividades que estejam dentro da proposta do ler e escrever e muitas vezes o professor só vai trabalhar quando falta um mês pra avaliação, aí não adianta e a escola ela fez uma coisa boa, então nessa semana nós tivemos um simulado, então todos os alunos realizaram uma avaliação dentro da proposta, então durante fevereiro até maio, todos os professores trabalharam dentro da proposta as atividades, como é o ler e escrever, nós depois sentamos no final de maio, elaboramos avaliações, aí foi passado pela coordenação que avaliou pra ver se estava a contento, e nos outros dois dias, que foi ontem e antes de ontem, eles fizeram um simulado... (Profa. B).

Hum, não sei se eu concordo com essa piora no Fundamental I, porque, eu acho que houve melhora no Fundamental I. Quando é, eu já dei aula pras primeiras séries, na época das três reformas que é essa, com o ler e escrever, eu tinha nessa sala que eu estava no ano passado, eu tinha vinte alunos, não alfabetizados, dezesseis, entre os dezesseis, tinha quatro alfabetizados, o restante era semi-alfabetizado, com essa proposta do ler e escrever, eu cheguei no mês de agosto com... acho que ficou oito alunos, que não alfabetizaram até agosto, dentro dessa proposta [...] é que eu não sei como que o governo faz assim, levantamento.

*(Eu) – É medido pelo SARESP.*

É, então eu não sei, é outra coisa que eu acho errado, é o SARESP porque pede-se uma coisa, como eu expliquei nas perguntas anteriores, que eu falei de... a gente trabalha com método, chega no SARESP é outra coisa que se pede e... também, avalia-se o aluno pelo aquele SARESP, o SARESP com o professor diferente [...] Que criança que vai bem numa prova, que ta acostumada lá com o seu professor, de repente entra um professor que não é nem do ensino fundamental I, é do ensino fundamental II, não tenha nada contra, mas não tem uma... preparação pra lidar com aquela criança, aí é onde acontece o caos do SARESP, porque eu também, tive alunos na terceira série que eram excelentes alunos na escola, tudo e foram muito mal no SARESP no dia. (Profa. C).

Então, esses resultados, aí é que ta o X da questão, essas crianças vem e aí cai também que eu, particularmente eu sou contra, é o... a... como é que fala? A progressão continuada, aquela coisa que vem, vem, vem e para, vem, vem, vem e para. Eu sou contra, que eu acho que se a criança é parada na primeira, é parada na segunda, lá na frente ela vai refletir, o que que ta acontecendo? Ele vem, na primeira, ele vem da segunda, ah mas tem dois professor na sala, e... se aquela criança não atingiu o objetivo, eu acho que tem que deixar sim, eu tenho alunos do primeiro ano do ensino médio que não sabem escrever, ta, ele não sabe escrever e ta no ensino médio, o que que eu vou fazer com esse aluno? Vou reprovar ele? Até gostaria, se o sistema me amparasse, acontece que ele é um aluno de presença... (Profa. D).

Eu não acredito no resultado do IDESP, ele é muito maquiado né? É um... resultado, pode-se dizer até que mentiroso, por exemplo, tem escolas que elas teriam que atingir um índice do IDESP maior né, do que o ano anterior, aí esse ano sai o quê? Aquelas escolas que tinham um índice, muito pequeno, elas saíram como vitoriosas porque elas melhoraram o índice, só que aquelas que já tinham um índice alto, 4,5, não se compara com a que melhorou que tem 2,3, então eu acho que essa que tem 2,3, que vai receber o mérito, não é um mérito verdadeiro porque a outra já tem um índice maior, com isso ela acabou sendo rebaixada, então que índice é esse? 2,3 é melhor que 4,5? Não é, então eu acho que tem, eles não estão sabendo analisar, esses resultados, porque tem muitas escolas aqui da região que a gente sabe que são escolas boas mesmo, que tem um aprendizado, que os professores trabalham, se empenham e nem bônus tiveram, porque foram... pichados como escolas de péssimos índices, mas não são péssimos índices, porque ela, mesmo não tendo atingido o índice de 2008, ela tem o índice maior do que aquelas que conseguiram atingir... então, esse resultado eu não consegui entender ainda, qual a proposta do resultado do IDESP. (Profa. E).

Na organização acima exposta procuramos organizar as falas dos professores na seqüência que as questões foram a eles feitas. Como as questões partiam dos aspectos gerais das reformas educacionais para seus aspectos mais específicos, mostrar essas falas seguindo o roteiro das entrevistas pode permitir ao leitor seguir o mesmo itinerário seguido na construção de nossa análise. Assim, a seguir, apresentamos no próximo capítulo, um conjunto de categorias que construímos a partir da análise geral das falas dos professores.

### **3 Os Impactos da Reforma Curricular Paulista: a fala de Professores da Rede Pública Estadual.**

Nesse último capítulo apresentamos as análises das entrevistas realizadas com as professoras do Ciclo I e de Letras, que gentilmente autorizaram sua gravação e transcrição. Buscamos criar categorias para aprofundar essas análises. Para tanto, buscamos na teoria de Laville e Dionne (1999), que especificam que após a coleta dos dados, os mesmos precisam ser agrupados em categorias, antes de serem analisados e interpretados. Com relação aos recortes dos conteúdos os autores afirmam que:

Uma das primeiras tarefas do pesquisador consiste, pois, em efetuar um recorte dos conteúdos em elementos que ele poderá em seguida ordenar dentro de categorias. Dado que a finalidade é evidentemente agrupar esses elementos em função de sua significação, cumpre que esses sejam portadores de sentido em relação ao material analisado e às intenções da pesquisa. Os elementos assim recortados vão constituir as unidades de análise, ditas também unidades de classificação ou de registro. (p. 216).

[...] As unidades de análise serão ainda palavras, expressões, frases ou enunciados que se referem a temas, mas esses elementos, em vez de serem enumerados ou medidos, serão vistos em função de sua situação no conteúdo, em função do conjunto dos outros elementos aos quais vêm-se ligados e que lhes fixam o sentido e o valor. (p. 217).

Portanto, somente após a criação das categorias é que se faz possível ao pesquisador visualizá-las e analisá-las, atribuindo-lhes significados.

Na análise que realizamos das entrevistas foi possível identificar seis categorias, sendo que algumas delas precisaram ser subdivididas. São elas: reformas educacionais; trabalho em sala de aula, que envolve as subcategorias trabalho com competências e habilidades, interdisciplinaridade e ensino contextualizado; avaliação, que envolve as subcategorias avaliação da SEE/SP aplicada aos discentes e avaliação externa; planejamento; material didático/pedagógico e progressão continuada. Apresentamos a seguir as categorias construídas, um quadro que procura organizá-las e nossa análise e interpretação dos elementos que obtivemos.

### **Categoria 1: Reformas Educacionais.**

Conforme Paro (2001) existe um descompasso entre as políticas públicas educacionais e a prática docente nas escolas públicas:

Quando se entra em contato com a realidade de nossas escolas públicas básicas, não é incomum constatar-se certo descompasso entre a prática que aí se desenvolve e os conteúdos de estudos acadêmicos que versam sobre as políticas públicas em educação. (p.29).

Desde a década de 1990 a educação no Estado de São Paulo passou por várias reformas. Entretanto, é possível afirmar que há certa continuidade desde a gestão da ex-secretária Rose Neubauer. Pensou-se aqui, em compreender como os docentes percebem as reformas que foram sendo propostas, principalmente a atual reforma que, implementada pelo Programa São Paulo Faz Escola, tornou homogêneo o currículo das escolas públicas estaduais paulistas.

**Tabela 1:**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	Eu penso que foram boas reformas, século XXI, informatização, valores globais, foi assim um baque, tem algumas coisas que a gente vai se acostumando, porque no começo não foi nada fácil na minha opinião e pelo que observei com os meus colegas de trabalho, agora, se você não contar com o apoio da equipe escolar...	- Reformas Educacionais incorporando valores do mundo globalizado.	Reformas Educacionais.
B- Ciclo I	Hum, hum, mas eles são da mesma linha né? No caso são do mesmo partido né? Eles são do PSDB né? Então eles seguem a mesma linha de pensamento né?  Hahahaha, olha o problema assim, a gente ta aí mais de oito	- Reformas Educacionais em SP desde a década de 90 são propostas pelo PSDB;	Reformas Educacionais.

	<p>anos com o PSDB como partido, não mudou a história, a proposta é a mesma, então os três vieram com a mesma proposta, os três foram infelizes com a proposta ta? A idéia até pode ser positiva, mas dentro da escola ela não surtiu efeito nenhum</p>	<p>- Todos os secretários da educação, ligados ao PSDB, deram continuidade às reformas educacionais.</p>	
C- Ciclo I	<p>Na década de 90, desde o CPI? Das mudanças, todas? Eu acho que assim... houve sim algumas mudanças na educação em geral, com essas mudanças propostas no governo, só que eu acho assim que foi muito jogado, eu acho que foi muito jogado que nem, eu sempre penso assim e acredito, que as pessoas que regem essas mudanças, que fazem essas propostas, poucos são aqueles que vivenciaram a sala de aula, porque você vivenciar uma sala de aula, num colégio pra elite, num colégio particular, se ta ali, deu aula ali, de repente você vai pra secretaria da educação faz um projeto, implanta esse projeto e solta pro estado em geral, é uma coisa, agora você ta ali na periferia, trabalhando com as crianças da escola estadual mesmo e você vendo as dificuldades e você lançar um projeto, é outra coisa totalmente diferente...</p>	<p>- Reformas educacionais fora da realidade das escolas públicas estaduais;</p> <p>- Reformas educacionais que incorporam a visão de escolas particulares.</p>	Reformas Educacionais.
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	<p>A Maria Helena é, que foi essa última agora eu, particularmente não gostei da gestão dela né? Por que eu não gostei? Ela, cobrava-se muito e, não dava o</p>	<p>- Imposição para o trabalho com o Currículo Oficial do Estado;</p>	Reformas Educacionais.

	<p>respaldo pro professor, ta?...</p> <p>...ficou como se o professor não soubesse dar aula, porque tinham conteúdos, no jornal, que não é da realidade estadual e sim de um colégio São Luiz, no Etapa, ta?...</p>	<p>- Professores sentiram-se incapazes de planejar sua aula.</p>	
E- Inglês Ensino Médio	<p>É... por exemplo... às vezes eles vem com proposta muito fora da realidade alguns assuntos que é pra você trabalhar com o aluno que é inviável porque por exemplo o aluno do ensino médio principalmente noturno ele trabalha, então ele tem o dia inteiro trabalhando e a noite, ele vem pra escola então não adianta você querer uma pesquisa muito ampla de um determinado assunto porque não rola, então o que acontece? Um faz, geralmente aquele que não trabalha e os outros só vão copiando, porque realmente eles emprestam um pro outro, isso, fica um pouco a desejar.</p>	<p>- Currículo fora da realidade das escolas públicas, principalmente para os alunos do período noturno que trabalham.</p>	<p>Reformas Educacionais.</p>

Seguindo os relatos das professoras entrevistadas, percebe-se que existe uma compreensão de uma única gestão governamental no estado de São Paulo desde a década de 1990 e de que as reformas propostas na educação tiveram uma continuidade. Entretanto, percebe-se que essas reformas, na leitura dos professores, estão fora da realidade do cotidiano das escolas públicas estaduais, pois exigem conteúdos de escolas particulares. O Currículo Oficial do Estado de São Paulo, implementado a partir de 2008, na visão dessas docentes, está desarticulado com a realidade de escolas periféricas que apresentam peculiaridades em suas localidades. Como é exigido o trabalho com esse currículo, pois é ele que baliza o desempenho da aprendizagem dos discentes e as metas que as unidades escolares devem atingir, os professores sentem que ficaram incapazes de planejar a sua aula.

## **Categoria 2: Trabalho em Sala de Aula.**

Existe todo um contexto cultural e histórico da sociedade que a instituição educacional está atrelada. O trabalho docente em sala de aula está condicionado por esses contextos e cada unidade escolar vai construindo vivências e características próprias, mesmo estando dentro de uma rede, conforme apontam Silva Júnior e Ferretti (2004):

O institucional, a organização e a cultura imbricam-se na construção histórica da instituição escolar orientados pelos objetivos historicamente produzidos para ela. O ordenamento jurídico educacional de cada instituição educacional traz em si as diferentes temporalidades históricas que se amalgamaram por meio de seus sucessivos processos de organização, tributários da cultura escolar que aí se constituiu. Este amálgama é potência em cada momento da prática escolar e influenciará tanto as apropriações quanto as objetivações que definem tal prática e tal cultura. Tais apropriações e objetivações, individuais ou coletivas, contribuirão para constituir a identidade de cada escola, ainda que numa rede haja similaridade entre elas. (p. 57).

Além disso, na modernidade, a educação assume as demandas do sistema capitalista, do preparo do indivíduo para o trabalho:

O ordenamento jurídico-burocrático do estado moderno institui a escola com base no princípio liberal de que a educação é direito de todos e dever do Estado. A educação religiosa formaria os fiéis; a estatal, os funcionários do novo Estado; a pública, o cidadão produtor do pacto social liberal, assim como essa educação consolidaria e contribuiria para a regulação do pacto social na era moderna. O curso das transformações da educação e da escola relaciona-se de forma muito próxima, mas não direta, com as transformações pelas quais passou o capitalismo desde sua origem até os dias atuais. (Ibid., p.57).

Nessa categoria, pretende-se analisar de que maneira os docentes foram incorporando as metodologias e trabalhos diferenciados em sala de aula. A tabela 2 descreve a categoria: Trabalho em Sala de Aula, porém, existem demandas das reformas educacionais, principalmente com relação ao Currículo Oficial do Estado de São Paulo sobre competências e habilidades a serem desenvolvidas com os discentes e sobre ensino interdisciplinar e contextualizado, por este motivo, apresentamos as categorias complementares, especificadas nas tabelas 2.1: Trabalho com Competências e Habilidades, 2.2: Interdisciplinaridade e 2.3: Ensino Contextualizado, respectivamente.

Tabela 2:

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	<p>...eles amam a minha aula, e uso junto com os cadernos do professor, tem vários assuntos polêmicos lá que eu passo lá, Copa do Mundo, falo para os meninos vamos pesquisar, o que que é verbo? Então eu uso o Google, para eles aprenderem a pesquisar, eles só sabiam MSN e Orkut, agora eles sabem mais, eu falo, anota o site, busca o verbo, e a alfabetização também tem jogos, chama smart picks, é com os jogos, e a gente leva os alunos, tem um professora que leva a tarde e eu levo de manhã, tinha um aluno que não conseguia escrever nada, na hora de passar para o papel e agora ele está conseguindo.</p>	<p>- Metodologias diferentes para trabalhar a aula com o uso da internet e de jogos.</p>	Trabalho em Sala de Aula
B- Ciclo I	<p>Bom, ao meu ver assim, eu vi essas mudanças justamente e assim, mudanças que para os professores muitos não conseguiram se encontrar dentro dessas mudanças, tiveram dificuldades dentro da nova proposta, então cada professor entendeu de uma maneira, então cada um acabou trabalhando da maneira que ele havia entendido, então quando começou chegar as avaliações, no caso o SARESP, ai apareceu esses conflitos, aonde veio essas divergências né? Ai vieram escolas que tiveram índices negativos, as escolas que tiveram índices em alta, por quê? Porque é a maneira do professor olhar essa proposta, muitos também olharam assim, como não aceitar, porque quando veio a avaliação, ela vem dentro da proposta e o professor</p>	<p>- Cada professor entende o currículo oficial de uma forma;</p> <p>- Muitos professores continuam trabalhando da mesma forma que sempre trabalharam (método tradicional), pois não assimilaram o currículo educacional e sua articulação com o SARESP (avaliação formulada pela</p>	Trabalho em Sala de Aula

	ele acaba trabalhando na maneira que ele pensa, que seria na maneira tradicional ainda né?...	SEE/SP que é aplicada aos alunos das escolas públicas).	
C- Ciclo I	Dos professores, porque é nós que não soubemos trabalhar, quer dizer, o curso, primeiro implanta-se uma... proposta, depois se dá o curso pro professor, primeiro ele vai trabalhar com o aluno, depois... e aí? Aí entra no caos, que entrou durante todo esse tempo.	- Falta formação para os professores, não se encontram preparados para o trabalho com esse currículo implantado.	Trabalho em Sala de Aula
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	Bom, percebe-se sim, uma mudança significativa, é... com relação até mesmo ao aprendizado, porque é, você ficar, naquela conduta de método tradicional, que que vai acontecer? As crianças vão ficar sistematizada a somente fazer cópia, livro, então assim, eu gostei muito da proposta, eu fiz o ler e escrever, fiz teia do saber, porque eu procuro sempre ta me aprimorando devido ta modificando e poder ter um acompanhamento melhor das crianças porque hoje em dia, é, não adianta você trabalhar com o livro didático é aquele, a cartilha, vamos dizer assim, a cartilha, que não é a realidade do aluno, não é, então não adianta ficar se prendendo no ba, be, bi, bo, bu, ali, não, eu acho que tem que trabalhar o silabário? Tem, mas assim, é... tem que ta tudo junto dentro de um contexto né?	- A importância dos professores buscarem cursos para se aperfeiçoarem;  - Trabalhar com ensino contextualizado.	Trabalho em Sala de Aula
E- Inglês Ensino Médio	Em alguns aspectos, positivos, então no caso do ensino médio né? É... as aulas de inglês, eu acho que elas ficaram mais significativas né, com essa nova proposta, é a	- A importância dos alunos terem o seu livro de atividades (caderno do aluno) para estudar com a	Trabalho em Sala de Aula

	<p>primeira vez que nós temos um material pra trabalhar com o aluno né, é, em propostas anteriores o inglês nunca teve um material, tinha o livro didático do professor, mas o aluno não tinha ali o livro, o conteúdo pra ele ta seguindo ou poder até fazer atividades em casa, então ficava muito o quê? Lousa e caderno, com a nova proposta não, nós temos a oportunidade de usar a sala de informática, pedir pro aluno fazer um trabalho de campo e são textos dentro da realidade deles...</p>	<p>implantação do currículo oficial do Estado.</p>	
--	--	--	--

## 2.1.Trabalho com Competências e Habilidades.

**Tabela 2.1.:**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
<p>A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II</p>	<p>...Alterou minha prática?! É que antes não tinha uma proposta a gente fazia de acordo com a prática, depois foi lançando o SARESP, foi uma proposta para os professores, para os alunos e os conteúdos foram mudando de uma outra maneira, como trabalhar, bom.. eu não sou efetiva, mas a minha experiência, isso é um outro modo, fez com que eu me adaptasse também nessa nova mudança, de trazer o aluno para mim, como eles falam, fazer com que o aluno goste da escola, acho que... melhorou, na minha opinião, a dos colegas, não sei.</p>	<p>- O Currículo Oficial do Estado de São Paulo está articulado com o SARESP.</p>	<p>Trabalho com Competências e Habilidades</p>
<p>B- Ciclo I</p>	<p>... no início o meu trabalho era mais mecânico, passar, decorar, passar, decorar, era letramentos, hoje não hoje eu tenho que pesquisar, então eu</p>	<p>- O professor precisa pesquisar, se atualizar para melhorar os</p>	<p>Trabalho com Competências e Habilidades</p>

	<p>tenho que buscar, não vem mais nada pra mim, olha você vai ter que seguir isso, não, hoje eu tenho que buscar então eu não posso me limitar só naquilo, eu tenho que ta pesquisando, buscando também pra quê? Pra que eu possa enxertar mais pro meu aluno, então pra mim teve essa mudança sim nesse sentido, então eu passei a buscar mais e não ficar mais com o pronto, que é aquilo que seguia aquela linha né? Hoje eu tenho maior abertura pra buscar.</p>	<p>conteúdos aplicados em sala de aula.</p>	
C- Ciclo I	<p>Sim, eu acho que o professor, ele...pode trabalhar com alunos, é...vamos supor, diferenciado né? Então é um trabalho mais diferenciado, é, você pode...é, trabalhar com diversos recursos né? É...não é mais aquela rotina, que você segue, aquela coisa, não, você tem, é, abrange mais, vamos supor jornal, um monte de outras coisas.</p>	<p>- O professor pode utilizar metodologias e recursos diferentes em sua aula.</p>	<p>Trabalho com Competências e Habilidades</p>
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	<p>O currículo por competências não alterou a minha prática, alterou nada, porque o currículo por competência, o que ocorreu é uma divisão de abordagem no currículo mas, não que tenha alterado, o meu plano de trabalhar, não alterou em nada.</p>	<p>- A prática de se trabalhar a aula continua a mesma, apesar do Currículo Oficial ter competências e habilidades a serem desenvolvidas articuladas com os conteúdos.</p>	<p>Trabalho com Competências e Habilidades</p>
E- Inglês Ensino Médio	<p>Dentro do ensino médio você não consegue ver tanto assim competências, assim, que esse projeto, ele é ideal pra ciclo I ta? Porque quando chega no ensino médio, não tem como você ter realmente uma visão de quais são as competências e habilidades, porque você tem 45</p>	<p>- Para professores que tem poucas aulas com a classe durante a semana fica difícil acompanhar e visualizar o avanço da aprendizagem dos</p>	<p>Trabalho com Competências e Habilidades</p>

	<p>minutos de aula, é, no caso da língua inglesa, tem sala que eu dou aula 1 vez por semana, uma vez por semana, 45 minutos, não dá pra você ter qual o diagnóstico de qual habilidade que o aluno, é, sai melhor, é impossível...</p>	discentes.	
--	--	------------	--

## 2.2. Interdisciplinaridade.

Tabela 2.2.:

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	<p>... Não existe só português, os textos que estão ali engloba todos, é uma interdisciplinaridade.</p> <p>Na HTPC, a gente conversa, dialoga bastante, a gente tenta fazer um trabalho em conjunto, vê é... aonde que eu posso entrar, mapas, a gente vê mapas, é matemática, engloba tudo, a gente troca idéias e chega num acordo, um ajuda o outro, mas tem que ter mais tempo para isso.</p>	<p>- Articulação de textos de diferentes disciplinas com a Língua Portuguesa.</p> <p>- Os professores podem conversar durante a HTPC em trabalhar os conteúdos articulados com as diferentes disciplinas, entretanto, o tempo é curto.</p>	Interdisciplinaridade
B- Ciclo I	<p>A interdisciplinaridade, que na segunda série a gente não tem mais história, geografia, ciências, a grade é por língua portuguesa e matemática, só que, não quer dizer que você não vá trabalhar né? Então aí entra a interdisciplinaridade, você trabalhar um texto é de</p>	<p>- No Ciclo I, o material fornecido pela SEE/SP articula as diferentes disciplinas com os conteúdos a serem aplicados em sala de aula.</p>	Interdisciplinaridade

	<p>ciências, e dentro desse texto você trabalha português e matemática, então dentro dessa escola a gente tem essa proposta sim, a gente tem como amarrar todos os textos em todas as matérias...</p>		
C- Ciclo I	<p>E nós da terceira série, trabalhamos só em conjunto com os professores, só assim, pra discutir planejamento. A gente discute, igual, eu do aula de canto né? Pros alunos, dentro dessa aula pro coral, a gente já envolve a letra de música com letra que é trabalhada na sala de aula, com os alunos, tanto em português, história, geografia, é tipo de textos, se é um poema, se é uma fábula, se parece ser uma fábula, dentro da saleta de música a gente coloca mural, depois trabalha ela cantada.</p>	<p>- A escola pesquisada tem um grupo de coral em que é trabalhado poemas, fábulas em forma de música.</p>	Interdisciplinaridade
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	<p>Olha, aí cai naquela questão né? A interdisciplinaridade, você trabalha tudo, você trabalha cidadania, você trabalha... parte sexual, você trabalha tudo. Na parte de cidadania, eu tenho assim, na escola que eu trabalho nós temos assim um trabalho de ta envolvendo a comunidade, temos assim, já temos a escola da família, mas assim tem um amparo total da</p>	<p>- A interdisciplinaridade articulada com os temas transversais e com valores comportamentais, envolvendo unidade escolar e comunidade.</p>	Interdisciplinaridade

	comunidade e... qualquer que seja o problema que nós tenhamos com o aluno, a comunidade é informada, as atividades também que nós procuramos desenvolver com os alunos, tão sempre voltadas pra os valores...		
E- Inglês Ensino Médio	Bom nessa escola, desde o início do ano foi desenvolvido um projeto com a interdisciplinaridade, que é o projeto nosso bairro, então os alunos estão pesquisando né, de cada área, algo no bairro que tem haver com matemática, história, geografia...	- Desenvolvimento de um projeto interdisciplinar na unidade escolar pesquisada denominado "Nosso Bairro".	Interdisciplinaridade

### 2.3. Ensino Contextualizado.

**Tabela 2.3.:**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	É...Através de leituras, você estudar os conteúdos antes de passar aos alunos, todo dia eu leio a revista, dessa forma. Produção de texto, tem uma professora que trabalha junto, ah que pena! Mas ela também daria uma ótima entrevista. Não existe só português, os textos que estão ali engloba todos, é uma interdisciplinaridade.	- Articular conteúdos com reportagens e informações atualizadas dos acontecimentos da sociedade.	Ensino Contextualizado
B- Ciclo I	...Então falta pra ele o significado, de estar na escola, então quando você apresenta	- O discente precisa entender	Ensino Contextualizado

	<p>a proposta, pra ele, pra ele não tem significado, onde eu vou ta utilizando isso no dia a dia, é o que a gente tenta fazer pra ele, olha você tem que aprender você vai ta colocando esse argumento em tal coisa, isso você vai usar pra isso, você entendeu? Então, mas pro aluno a escola pra ele não tem valor, não tem um significado, ele vem por vir, é como se fosse uma moda, ta todo mundo usando roupa preta, então eu também vou usar roupa preta você entendeu? A escola pra ele hoje não tem sentido, por quê? Porque hoje pra ele está tudo fácil, então tudo o que ele precisa está na mão dele, então chega lá a internet, a televisão até o próprio material, ele não batalha mais pra ter, vem tudo pronto, pra que que ele vai se esforçar? Então é por isso que é, não dá esse resultado, falta esse significado pra criança né? E pro professor também, às vezes tem professor que ele ta passando, é, ele olha, ele ouve tudo aquilo, mas pra ele tudo aquilo não tem sentido tudo isso, essa proposta, então chega na sala de aula com pouco significado né? É por isso que ele não está tendo esse resultado.</p>	<p>como utilizar os conteúdos aprendidos no seu dia-a-dia.</p> <p>- A aula precisa ter um significado ao discente.</p> <p>- Muitos professores não transmitem aos seus discentes o significado e o objetivo de se aprender determinados conteúdos.</p>	
C- Ciclo I	<p>Ah, trazer o de fora pra dentro da sala de aula, aproveitar o dia a dia?</p> <p>É, nós trabalhamos também assim, muito com o que a criança trás, né? Por exemplo, é...vamos supor, aqui, nosso bairro tem enchente, então assim, olha, hoje foi a chuva, então a gente, vai ta</p>	<p>- Articulação de acontecimentos cotidianos com os conteúdos aplicados em sala de aula.</p>	Ensino Contextualizado

	<p>comentando sobre isso, aqui é uma avenida perigosa, tava falando sobre primeiros socorros e foi bem num dia em que uma senhora foi atropelada, então a gente aproveita isso como, a gente veio comentando como foi o socorro do bombeiro com essa senhora, quais foram os primeiros socorros, quem é que tinha ali, tudo, então a gente aproveita assim, quem é que veio de casa pra poder ta na escola, eu acho que é mais fácil a aprendizagem assim também.</p>		
<p>D- Língua Portuguesa Ensino Médio</p>	<p>Tem, mas assim, é... tem que ta tudo junto dentro de um contexto né? Você aprende junto a realidade dele, pra poder você ter um... como que posso te falar? É, é, é... um, assim de um objetivo mais, é mais demorado quando você trabalha dessa forma né? Eu não acho, tão demorado assim, mas tem professores que já, tem essa idéia que trabalhar com o dia a dia da criança eles, aprendem mais devagar e eu, eu tenho minha visão que não, eu tenho várias experiências assim, o reforço mesmo, o qual eu trabalho, eu só trabalho com música, parlenda, eu trabalho junto com o dia a dia deles, então essa proposta, acho que pra mim, e pra alguns professores veio pra melhorar, eu acho.</p> <p>Eu acho bom o ensino contextualizado né? Que você tem como você ta ensinando né? Você ta trabalhando mais, com várias informações né? E... eu acho assim, quando eu faço um trabalho diferenciado,</p>	<p>- Partir da realidade dos discentes para o desenvolvimento de conteúdos.</p> <p>- Articular diferentes informações com os conteúdos em sala de aula.</p>	<p>Ensino Contextualizado</p>

	<p>é muito mais fácil você ter uma visão, um contexto no geral, do que quando você não tem um trabalho diferenciado, eu como eu já trabalhava dessa forma, então, pra mim assim é muito bom você trabalhar com a contextualização porque você, eu acho que você acaba envolvendo mais as crianças também né? E o seu trabalho também acho que tem mais, é... você tem um pouco, você tem uma produção melhor.</p>		
<p>E- Inglês Ensino Médio</p>	<p>Se realmente ele for trabalhado, vai ser bom pro aluno né, mas isso ainda tá muito novo, muito novo, com poucas explicações, então os professores não foram capacitados pra esse tipo de modalidade de ensino, então deveria rever nesse ponto, tá capacitando os professores pra que isso realmente aconteça.</p>	<p>- Existem professores que não possuem essa prática por falta de formação profissional.</p>	<p>Ensino Contextualizado</p>

Baseando-se nos relatos das entrevistadas, podemos notar que o trabalho em sala de aula continua sendo da mesma forma: método tradicional, ou seja: aula expositiva e uso da lousa. Apesar de entenderem que a aula precisa ter um significado para os discentes, que existem recursos que podem tornar a aula mais dinâmica, não se encontram aptas para o trabalho com essas demandas das reformas educacionais: trabalho com competências e habilidades, ensino interdisciplinar e contextualizado, pensam que é necessário haver cursos que possibilitem o seu preparo profissional.

### **Categoria 3: Avaliação.**

Conforme Sacristán (2000), quando o professor avalia o seu discente, está lhe atribuindo um juízo, reduzindo todas as suas atividades e participações a uma nota. Mas a avaliação é importante para o professor ter o conhecimento de como está sendo o desenvolvimento do planejamento de sua aula e da aprendizagem de seus discentes:

O currículo abarcado pelos procedimentos de avaliação é, enfim, o currículo mais valorizado, a expressão da última concretização de seu significado para professores, que, assim, evidenciam uma ponderação, e para alunos, que, dessa forma, percebem através de que critérios são avaliados [...] (p. 311).

Entretanto, Paro faz uma ressalva quando o currículo é minimizado em preparação para o trabalho e para o vestibular, excluindo o seu significado cultural:

Para o intelectual progressista, a perspectiva deve ser, certamente, a de transformação, tendo como horizonte a superação histórica da atual ordem social. Dessa perspectiva, passa a ser altamente incômodo, tanto o papel hoje de fato desempenhado pela escola básica, quanto o horizonte e a expectativa que grande parcela dos educadores têm com essa escola. Quanto a este último aspecto, continua-se com a visão tradicional de preparar para o trabalho ou para o sucesso no vestibular. Na prática, pelas já mencionadas condições de precariedade do ensino, e pela falta de um objetivo mais adequado a suas características, a escola acaba não conseguindo fazer bem nem uma coisa nem outra; mas, ao negar sua função de atualização histórico-cultural, e ao preocupar-se mais com exames e provas do que com a transmissão da cultura e com o desenvolvimento de uma consciência crítica, consegue contribuir para a “formação” de pessoas adequadas ao trabalho alienado e conformadas com o status quo. (1999, p.41).

A categoria *Avaliação* trata-se daquela que o professor realiza cotidianamente em suas aulas, entretanto, o Currículo Oficial do Estado de São Paulo possui outras demandas, entre elas: as avaliações que a SEE/SP aplica aos docentes para o processo de atribuição de aulas e de promoção funcional e a avaliação externa<sup>10</sup>, em que, através da aplicação do SARESP irá ter um controle de como está o desempenho de aprendizagem dos discentes das escolas públicas estaduais. Isso está articulado com uma matriz atrelada ao Currículo Oficial. Dentro dessa

---

<sup>10</sup> No quadro de análise das entrevistas somente retrata o processo de avaliação para atribuição de aulas, onde também é relatado o desempenho dos discentes no IDESP para o recebimento do bônus mérito dos professores, pois na época em que foram feitas as entrevistas, a SEE/SP ainda não havia aplicado a avaliação referente ao processo de promoção funcional.

perspectiva, podemos elencar as categorias complementares descritas nos itens 3.1 e 3.2 conforme se seguem.

**Tabela 3:**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	Na correção dos exercícios por exemplo, você corrige dia a dia, aí ele quer saber como ele errou, em que ele errou. O aluno é avaliado com mais de dois instrumentos.	- Avaliação pautada no acompanhamento das atividades do dia-a-dia.	Avaliação
B- Ciclo I	Isso, aí voltou na outra questão né? Do trabalho pedagógico, bom, é hoje é como eu falei né? A gente tem mais liberdade pra ta discutindo, ta avaliando aquilo que ta trabalhando né? É você consegue é...com os projetos né, trabalhar a interdisciplinaridade, então você tem mais abrangência, pra ver como ta a sua sala de aula e a partir daí trabalhar né? Então, tem mudança significativa sim a partir daí.	- O professor tem a possibilidade de avaliar o seu próprio trabalho;  - Trabalho com projetos interdisciplinares.	Avaliação
C- Ciclo I	Mudou. O meu bastante, é... eu sempre avalei o aluno num todo né? Teve... eu acho assim, que uma avaliação feita que eu acho isso hiper errado, que eu até brinco com ela que se um dia eu fosse fazer um mestrado era voltado pra isso né? Que...não se tem que fazer uma avaliação e naquela avaliação, o aluno tirar nota, eu acho que o aluno tem que ser avaliado a partir do momento que ele entra na sala de aula, até...no primeiro dia até o último dia...	- O aluno é avaliado em todas as suas participações e atividades.	Avaliação
D- Língua Portuguesa Ensino	Bom a avaliação eu sempre tive isso comigo, não é através de uma prova que eu vou avaliar o aluno	- Avalia o aluno em seu dia-a-dia, inclusive o seu	Avaliação

Médio	<p>né? Eu, eu sempre falo pra eles que eu dou atividades, precisa de nota né? Mas não significa que é aquela avaliação que é aquela atividade é que vai me dar todo o conhecimento dele, não, eu avalio o aluno pelo dia a dia, tudo que ele faz é uma avaliação, tanto a forma que ele escreve, a forma que ele se comporta ta?...</p>	comportamento.	
E- Inglês Ensino Médio	<p>Bastante, né, com a nova prática pedagógica a gente avalia o aluno mais assim numa situação diagnóstica, é, levando em consideração todos os aspectos e... no processo anterior como que era feito? O aluno ele era avaliado mas com uma prova né? Então, as vezes ele poderia só decorar, ele teve aquela nota, ele decorou, ele fez a prova, ele foi bem, agora não, você leva em consideração, isso até no ensino médio, a bagagem que o aluno tem, né?...</p>	<p>- A avaliação é diagnóstica, para o professor ter o conhecimento do nível de aprendizagem em que ele se encontra;</p> <p>- não leva em consideração somente a prova.</p>	Avaliação

Nessa categoria podemos perceber que a avaliação atualmente não está atrelada somente a prova, os docentes se utilizam das diversas atividades dos discentes e suas participações no dia-a-dia, para sua efetivação, além disso, ela serve como um diagnóstico ao professor de como está o desempenho de aprendizagem de seus discentes. Um ponto que vale destacar é quando a professora cita que além das atividades também avalia o comportamento de seus alunos.

### 3.1. Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes.

Tabela 3.1.:

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	<p>A Maria Helena eu gostei, para falar a verdade, eu gostei do que ela fez, só que na hora da prova dos professores...mas eu gostei, acho que o professor estude cada vez mais, faça cursos, que pense no aluno...pense no alunado.., mas eu gostei, é bom, uma pena que ela saiu, mas ela vai continuar sendo assessora do Paulo Renato né? E o Paulo Renato é muito bom.</p> <p>Mas tem professores por ai que fica mais difícil, quem tem filhos, então eu acho, a bonificação que o estado dá, eu não sou contra, eu sou a favor, mas se pudesse ser incorporado ao salário, né? No nosso orçamento, seria bom, mas... se o estado acha melhor o bônus, honra ao mérito, isso faz com que as escolas se esforcem cada vez mais, não fica a mesma mesmice né?</p>	<p>- O professor precisa ser aprovado em avaliações para o processo de atribuição de aulas.</p> <p>- Os discentes da unidade escolar precisam ter um bom desempenho no SARESP para que a unidade escolar alcance a meta do IDESP e consequentemente os discentes recebam bônus.</p>	Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	<p>Então eu acho que essa avaliação que eles exigem ser feita com os professores, eu acho que é bom, agora eu acho que corremos um sério risco, essa última prova que teve o que que aconteceu? Os professores fizeram uma prova, ficou aquela vai fazer, não vai fazer, vai valer, não vai valer, bom, fizemos a prova, ótimo. Eu tenho colegas que se formaram no ano passado, nunca deram aula, inclusive um deles é superintendente da Embratel, e ele se formou, ele fez administração, fez bacharelado em matemática, bom enfim, professor de matemática, e ele foi muito bem obrigada nessa prova, agora, ele</p>	<p>- Todos os Professores Ocupantes de Função-Atividade (que não são efetivos), precisam passar por uma prova, se classificados, podem atuar em sala de aula.</p> <p>- Relação entre teoria e prática: Na prova, o docente</p>	Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes

	<p>nunca passou numa sala de aula, será que aquela classificação boa que ele teve, como é que vai ser numa sala de aula? Ele vai segurar 50 alunos? Ele vai dar conta de 50 alunos? Uma coisa é você ta ali no papel, outra coisa é você ter a prática de sala de aula, isso não, não é significa que aquele professor que tem anos de casa, tenha... é, não compromisso, tenha um... é, ele domine bem as salas de aula e muitas vezes você passa e determinados professores que tão há anos, e muitas vezes ta uma baderna e a... atividade que é bom né? Então eu acho que isso influi, o domínio em sala de aula é a atenção, porque você tem que dar uma aula que interessa porque senão a sala se dispersa né? Então é isso que eu fico pensando, com relação a essa prova, por outro lado, eu acho positivo, porque tem muitos amigos que eu falo, e falo pra eles mesmo, você não tem capacidade pra ta em sala de aula, não sei o que você ta fazendo aqui, ta em profissão errada, eu falo, tem um que ta até meio assim comigo, eu falei mesmo esses dias pra ele, você não da conta nem da tua vida, olha a situação dos seus alunos ta? E é assim, eu o que tenho que falar eu falo mesmo e, então assim, ele ficou meio assim, mas ele é um professor novo...</p>	<p>pode ser bem avaliado, mas e quanto à sua prática em sala de aula?</p>	
E- Inglês Ensino Médio	Então, na verdade, eu li, porque teria uma prova, então eu li pra estudar...	- Professores que estudaram o Currículo Oficial devido a obrigação de realizar a prova para lecionar.	Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes

Com relação à categoria complementar: *Avaliação da SEE/SP aplicada aos docentes*, pode-se observar que o Currículo Oficial do Estado de São Paulo está

atrelado às avaliações, tanto a que é aplicada aos docentes para que possam atuar em sala de aula se classificados, quanto aos discentes, para que o Estado tenha controle de como está o desempenho da aprendizagem dos mesmos e da evolução do currículo aplicado. Cabe ressaltar que somente atingindo as metas estipuladas pelo IDESP os docentes recebem bônus.

### 3.2. Avaliação Externa.

**Tabela 3.2.:**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	<p>...eu falava assim olha, final do ano tem SARESP, vocês vão ser avaliados, os professores, os conteúdos estão aqui, tem que se preparar, são assuntos atuais, os alunos não tem costume de ler jornal, as vezes nem os pais.</p> <p>Aqui nessa escola, eu vi que os coordenadores passavam as diversas maneiras de trabalhar a proposta e no ano passado atingimos 120% do índice, então eu achei que deu certo aqui e estamos vendo uma maneira de trabalhar o SARESP, dentro dos conteúdos, dentro da proposta curricular, acho que os professores não vão fugir do caderno, vamos fazer um simulado com todos os alunos, para ajudar...</p>	<p>- O SARESP é aplicado obrigatoriamente aos alunos das escolas públicas estaduais de São Paulo, para a SEE/SP ter um indicativo da aprendizagem desses discentes.</p> <p>- O SARESP está atrelado ao Currículo Oficial do Estado de SP e ao IDESP que estipula anualmente metas que as escolas precisam atingir.</p>	Avaliação Externa
B- Ciclo I	<p>...então quando começou chegar as avaliações, no caso o SARESP, ai apareceu esses conflitos, aonde veio essas divergências né? Ai vieram escolas que tiveram índices negativos, as escolas que tiveram índices em alta, por quê? Porque é a maneira do professor olhar essa proposta, muitos também olharam</p>	<p>- Cada professor entende a proposta e trabalha da sua maneira, muitos continuam no método tradicional.</p>	Avaliação Externa

	<p>assim, como não aceitar, porque quando veio a avaliação, ela vem dentro da proposta e o professor ele acaba trabalhando na maneira que ele pensa, que seria na maneira tradicional ainda né?</p> <p>Como o professor, ele não tem a compreensão desses objetivos, então na hora que ele vai trabalhar as atividades dele, ele não trabalha dentro dessa proposta. Se ele não trabalha dentro da proposta, o aluno ele não vai entender, quando vier uma avaliação, ele vai ler aquilo e pra ele não vai resolver nada né? Porque as avaliações que vem pro aluno é tudo dentro dessa proposta e é tudo atividade pra ele pensar, não é mais aquele mecânico né? Então se ele não pensar naquilo, ele não vai ter resposta, então é por isso que o...o índice é baixo, mas eu vejo também no ensino médio, no ensino II, também, não é no ensino fundamental I não, porque o que falta pro aluno é a compreensão da leitura e da escrita dentro da proposta. A proposta então o que que o professor tem que fazer? Desde o início do ano ele trabalhar atividades que estejam dentro da proposta do ler e escrever e muitas vezes o professor só vai trabalhar quando falta um mês pra avaliação, aí não adianta...</p>	<p>- Para o professor ainda não está claro a maneira de se trabalhar com o Currículo Oficial, o que dificulta a aprendizagem dos alunos e seu bom desempenho na avaliação do SARESP.</p> <p>- No Currículo Oficial de SP deve ser trabalhado leitura e escrita, muitos professores trabalham com o material do estado faltando pouco tempo para o SARESP.</p>	
C- Ciclo I	<p>É assim, ele dá ,a gente trabalha com o ler e escrever, mas a princípio era pra trabalhar só o ler e escrever, não era pra gente mesclar com as outras atividades, só que quando vem o SARESP, vem o ENEM, ou vem as outras avaliações vinda pelo governo, não é isso que pede. Pede o que? O básico do que vem sempre, é igual você trabalhar só português e matemática e quando veio o SARESP caiu ciências, história,</p>	<p>- O Ler e Escrever trabalha essencialmente Língua Portuguesa e Matemática, as outras disciplinas estão atreladas em forma de textos, servem como subsídios.</p>	Avaliação Externa

	<p>geografia, a qual a criança não tinha visto, então acho que isso deixa muito a desejar, porque hoje a gente só pode pedir uma coisa, a partir do momento que você já viu, você não consegue fazer uma coisa que você não viu.</p> <p>Hum, não sei se eu concordo com essa piora no Fundamental I, porque, eu acho que houve melhora no Fundamental I. Quando é, eu já dei aula pras primeiras séries, na época das três reformas que é essa, com o ler e escrever, eu tinha nessa sala que eu estava no ano passado, eu tinha vinte alunos, não alfabetizados, dezesseis, entre os dezesseis, tinha quatro alfabetizados, o restante era semi-alfabetizado, com essa proposta do ler e escrever, eu cheguei no mês de agosto com... acho que ficou oito alunos, que não alfabetizaram até agosto, dentro dessa proposta e nós fizemos uma provinha com eles em outubro... as primeiras séries foram as que foram melhores na provinha, então assim, é que eu não sei como que o governo faz assim, levantamento.</p> <p>É, então eu não sei, é outra coisa que eu acho errado, é o SARESP porque pede-se uma coisa, como eu expliquei nas perguntas anteriores, que eu falei de... a gente trabalha com método, chega no SARESP é outra coisa que se pede e... também, avalia-se o aluno pelo aquele SARESP, o SARESP com o professor diferente [...]Que criança que vai bem numa prova, que ta acostumada lá com o seu professor, de repente entra um professor que não é nem do ensino fundamental I, é do ensino fundamental II, não tenha nada contra, mas não tem uma... preparação pra lidar com aquela</p>	<p>- Ainda não existe uma compreensão clara de como é feita a avaliação dos indicativos de aprendizagem dos alunos pelas avaliações externas do governo.</p> <p>- O SARESP é aplicado por professores de salas de aula diferentes das que lecionam.</p>	
--	--	---	--

	criança, aí é onde acontece o caos do SARESP, porque eu também, tive alunos na terceira série que eram excelentes alunos na escola, tudo e foram muito mal no SARESP no dia.		
E- Inglês Ensino Médio	Eu não acredito no resultado do IDESP, ele é muito maquiado né? É um... resultado, pode-se dizer até que mentiroso, por exemplo, tem escolas que elas teriam que atingir um índice do IDESP maior né, do que o ano anterior, aí esse ano sai o quê? Aquelas escolas que tinham um índice, muito pequeno, elas saíram como vitoriosas porque elas melhoraram o índice, só que aquelas que já tinham um índice alto, 4,5, não se compara com a que melhorou que tem 2,3, então eu acho que essa que tem 2,3, que vai receber o mérito, não é um mérito verdadeiro porque a outra já tem um índice maior, com isso ela acabou sendo rebaixada, então que índice é esse? 2,3 é melhor que 4,5? Não é, então eu acho que tem, eles não estão sabendo analisar, esses resultados, porque tem muitas escolas aqui da região que a gente sabe que são escolas boas mesmo, que tem um aprendizado, que os professores trabalham, se empenham e nem bônus tiveram, porque foram... pichados como escolas de péssimos índices, mas não são péssimos índices, porque ela, mesmo não tendo atingido o índice de 2008, ela tem o índice maior do que aquelas que conseguiram atingir... então, esse resultado eu não consegui entender ainda, qual a proposta do resultado do IDESP.	<p>- Toda unidade escolar possui uma meta a ser atingida durante o ano letivo calculada pelo IDESP.</p> <p>- O cumprimento de metas está atrelado ao recebimento de bônus dos professores.</p> <p>- Não há um entendimento claro de como funciona o cálculo do IDESP.</p>	Avaliação Externa

A categoria complementar *Avaliação externa*, para as docentes, representa algo novo, que precisam lidar, devido à obrigatoriedade de se trabalhar com o

Currículo Oficial do Estado de São Paulo já que ele está atrelado aos conteúdos aplicados no SARESP que por sua vez, está articulado ao IDESP, que verifica as metas que a unidade escolar alcançou ou não durante o ano letivo.

As professoras também relatam que não sabem muito bem como funciona o cálculo desse sistema de avaliação externa estipulado pelo IDESP, além disso, apesar das demandas do Currículo Oficial dar prioridade a leitura, escrita e cálculos matemáticos, sendo as demais disciplinas suporte, ainda não conseguiram visualizar o trabalho diferenciado em sala de aula. Muitos docentes, inclusive, adaptam os conteúdos dos cadernos de professores e alunos conforme sua formação.

#### **Categoria 4: Planejamento.**

Conforme aponta Sacristán (2000), planejar significa adequar a intenção do professor com a sua prática, nesse sentido, a importância do planejamento se revela em uma ordenação de sua intencionalidade para o objetivo que se pretende alcançar na aprendizagem dos discentes:

“[...] O plano curricular tem a ver com a operação de dar forma à prática do ensino. Desde uma ótica processual, o plano agrupa uma acumulação de decisões que dão forma ao currículo e à própria ação; é a ponte entre intenção e a ação, entre a teoria e a prática.” (p. 281).

[...] À medida que o ensino e toda a educação significam intervenção na prática guiada por certa intencionalidade, é conveniente aplicar-lhe certos princípios de organização para que a complexidade de aspectos envolvidos possa realizar-se dentro de um projeto ordenado, manejável e com alguma sistemática interna que dê forma à orientação que guia o currículo. A partir dessa posição, ordenar e fazer progredir a prática exige consolidar determinados esquemas de planejar. (Ibid., p. 281).

Na Categoria *Planejamento*, pretende-se analisar de que forma os professores o estão elaborando, pois dentro do Programa São Paulo Faz Escola, foi encaminhado materiais para as unidades escolares trabalharem. Inclusive, no caderno do professor, é especificada uma sequência didática, definida pelas “situações de aprendizagem”, para aplicação em sala de aula com os seguintes tópicos: Tempo previsto de aulas, Conteúdos, Competências e Habilidades, Estratégias, Recursos e Avaliação.

Tabela 4:

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
A – Língua Portuguesa Ensino Fundamental II	Estão de acordo com a proposta curricular, de acordo com a proposta pedagógica da escola, estão tudo ligado um com outro, na sequência né.	- O planejamento da unidade escolar está seguindo o Currículo Oficial do Estado.	Planejamento
B- Ciclo I	É então é, o nosso planejamento é feito assim é no início do ano a gente conhece um pouco da realidade da escola né? E aí a gente vai montar o planejamento da escola dentro da necessidade do aluno, então a gente vai ver o que que ele ta precisando nesse momento, a gente realiza uma sondagem com ele no início e a partir daí agente vai montar a nossa proposta dentro daquilo que o aluno ta precisando pra que? Pra você dar continuidade...	- Inicialmente é feito um diagnóstico da aprendizagem dos alunos e posteriormente elaborado o planejamento.	Planejamento
C- Ciclo I	No plano, se nós... trabalhamos juntos, é... fizemos juntos no começo do ano um plano de ensino anual, a cada três meses a gente faz um plano bimestral...	- Planejamento em equipe no início do ano letivo.	Planejamento
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	No plano de ensino? Ah sim, é feita uma reunião pedagógica, é feita a reunião pedagógica onde tem o planejamento, é... é são feita a reunião de pais e isso trabalha todo mundo junto né? Trabalha todo mundo junto, diretor, professor, coordenador, há coletivo né? Porque se a escola não trabalha em grupo, entendeu, o professor que ta chegando naquela escola já é individualista, como é que vai ser?	- O planejamento é feito com a equipe escolar.	Planejamento
E- Inglês Ensino	Então, as escolas estão deixando muito a desejar no fator de plano de ensino, né,	- O plano de ensino do	Planejamento

Médio	então, o planejamento antes ele era feito com todos os professores como eu já falei anteriormente, agora não, entendeu? Então você entra na escola, eu peguei minhas aulas um pouco depois do início do ano letivo, então o que te entrega é o caderno do aluno né? É, o manual do professor e aquilo você segue, então, não tem uma certa cobrança de ta pedindo pra você ta entregando esse plano de ensino, não só nessa escola, isso assim no geral, eu percebi que o plano de ensino ele ficou como segundo plano ta.	professor ficou para segundo plano, pois ele precisa seguir o Currículo Oficial do Estado.	
-------	--	--	--

O que os relatos das entrevistadas mostram é que apesar de haver um planejamento coletivo no início do ano letivo, os encaminhamentos são realizados de acordo com o Currículo Oficial do Estado de São Paulo, inclusive uma delas cita que isso ficou para segundo plano, pois é só seguir o caderno do professor. Partindo desse pressuposto, Sacristán (2000) afirma que

quanto mais exigente for qualquer modelo oferecido aos professores como instrumento profissional, independente da qualidade do mesmo, menos possibilidades de que eles possam aplicá-lo. Assim, a tecnificação implica, inevitavelmente, desprofissionalização do professor. (p.287).

Ou seja, assim como os livros didáticos, qualquer material que especifique seleção de conteúdos deve ser objeto de análise e adequação do docente para o seu trabalho em sala de aula e não o único meio de se organizar o trabalho docente.

### **Categoria 5: Material Didático/Pedagógico.**

Nessa Categoria pretende-se analisar de que maneira está sendo recebido e utilizado pelos docentes o material formulado pela SEE/SP. Poderíamos ter classificado esse material como parte do planejamento, já que o material está organizado de forma a orientar tanto gestores quanto professores a aplicarem sua programática. Entretanto, isolamos essa categoria por ser ela um dos elementos

centrais dessa pesquisa, pois nela estão contemplados aspectos centrais do Currículo Oficial do Estado de São Paulo.

Conforme estudos de Sacristán (2000), que tratam da formulação de materiais para a educação, mostra ele que:

A necessidade de elaborações intermediárias do currículo para os professores, sendo uma necessidade conjuntural, não pode nem deveria se converter numa prática de controle e desprofissionalização dos mesmos, mas ser um meio entre outros possíveis e necessários. Daí que a política curricular deveria se perguntar que tipos de meios podem ser mais úteis para instrumentar um determinado currículo, que sejam ao mesmo tempo eficazes no auxílio aos professores e no desenvolvimento de sua profissionalização. Além disso, deveria abordar as consequências de manter um sistema indireto de controle sobre o currículo que, de fato, torna determinados meios, como os livros-texto, elementos quase obrigatórios para guiar e controlar a própria prática [...] (p. 151).

Nesse sentido, cabe dizer que o docente precisa ter preparo para lidar com diferentes materiais e aplicá-los conforme necessidade de seus discentes em sala de aula. Além disso, Paro (2001) observa que quando uma política pública é formulada sem a devida participação dos docentes, a mesma pode não ter eficácia. Afirma ele que:

Por outro lado, talvez falte aos conteúdos dos estudos acadêmicos sobre política educacional um apelo mais sugestivo ao envolvimento dos que fazem a educação no “chão da escola”. Parece não haver dúvidas de que essa situação de alheamento dos educadores escolares se deve a uma multiplicidade de fatores, entre os quais se destacam sua inadequada formação, bem como as precárias condições em que exercem seu ofício, as quais não lhes proporcionam oportunidades mais sistemáticas de reflexão; [...] Essa preocupação é que talvez possa levar esses intelectuais a pensar em formas mais atraentes de envolver em seus debates aqueles que fazem a educação no cotidiano escolar [...]. (p.30-31).

Os professores são os que estão envolvidos diretamente na educação, portanto os profissionais que mais podem contribuir para uma educação de qualidade, já que podem refletir também acerca dos aspectos peculiares das escolas públicas. Além disso, conforme Paro (2001):

[...] No caso específico da escola, o processo educativo é uma experiência extremamente complexa que não se circunscreve à sala de aula e, mesmo nesta, não se restringe àquilo que o professor fala e o aluno ouve. Há todo um conjunto complexo de relações, rotinas, fatos, situações, interesses, concepções de mundo, enfim, toda a vida na escola que interfere no tipo de educação que está sendo

propiciada a cada aluno, que determinará em graus variados a própria qualidade de sua formação [...]. (p. 34).

**Tabela 5.**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
<p>A – Língua Portuguesa E.F.II</p>	<p>A revista do aluno, quando ela veio, esse ano, foi uma novidade, então o conteúdo está ali, são vários assuntos que podem ser abordados de várias maneiras, que são assuntos atuais, o aluno tem que saber leitura...</p> <p>No começo essa revista realmente foi um baque, mas depois, a gente tem consciência de que tem que deixar as escolas mais, não que a gente não saiba lecionar, não é isso, eu estou já a dezoito anos na rede, só do estado...</p> <p>O professor achava cartilha, que a gente não sabe lecionar, mas depois viram que.. o governo, tudo bem... quer investir no aluno? Quer investir? Eu concordo plenamente, tem que investir no, professor também, o professor tem que se esforçar para merecer, mérito.</p> <p>Porque este ano.. receberam a revista dos alunos, ai você pode acompanhar diariamente, no ano passado era só do professor, o aluno recebeu no início do ano só o jornal, foi bom, eu ainda tenho o jornal guardado em casa , não joguei fora...</p>	<p>- O caderno do aluno trabalha a leitura com diferentes gêneros textuais;</p> <p>- Os professores não gostaram de receber essa revista inicialmente, pois ficou como se eles não soubessem lecionar;</p> <p>- Caderno do professor comparado a uma cartilha;</p> <p>- Avaliação do professor atrelada ao trabalho do Currículo Oficial do Estado de SP;</p> <p>- Inicialmente receberam jornais para o trabalho com o Currículo Oficial do Estado, posteriormente</p>	<p>Material Didático/ Pedagógico</p>

		vieram os cadernos dos professores e dos alunos.	
B- Ciclo I	<p>Foi, foi, foram sim, eles deram todo o material, até alguns professores tiveram capacitação pra isso né? Só que quando chega na prática não funciona né? O material é maravilhoso, se você olhar os materiais que a gente tem é maravilhoso, mas ele não ta dentro da prática.</p> <p>Ah ta é, bom, como eu cheguei agora, esse ano na escola, a gente vê assim que os professores, eles não aceitam né? Principalmente os professores que já são mais antigos na rede, eles não tão abertos as novas propostas, os professores novos eles até aceitam por quê? Porque como eles estão chegando agora, então eles estão recebendo aquilo que eles estão vendo, mas os professores eles ainda preferem um trabalho tradicional, eles não aceitam a proposta nova porque pra ele a proposta nova não ajuda em nada o aluno, pra ele não tem benefício nenhum, ele vai continuar com as mesmas dificuldades, dentro da proposta tradicional eles vêem como o aluno vai aprender, então se você perguntar ali todo mundo vai concordar.</p>	<p>- O material formulado pela SEE/SP está fora da realidade da sala de aula;</p> <p>- Os professores antigos não aceitam o Currículo Oficial por trabalharem de forma tradicional, diferente dos professores novos, que aceitam novos métodos.</p>	Material Didático/ Pedagógico
C- Ciclo I	Os professores estão trabalhando com a proposta, porém fica alguma coisa em defasagem né? Porque ele pede uma coisa pra você, essa proposta do Ler e Escrever por exemplo que a Maria Helena lançou não deu certo, Maria Helena foi das cartilhas né? É assim, ele dá ,a gente trabalha com o ler e escrever, mas a princípio era pra trabalhar só o ler e escrever, não era pra gente mesclar com as outras atividades,	<p>- Material elaborado pela SEE/SP visto como cartilha;</p> <p>- Avaliações externas estão embasadas em português e</p>	Material Didático/ Pedagógico

	<p>só que quando vem o SARESP, vem o ENEM, ou vem as outras avaliações vinda pelo governo, não é isso que pede. Pede o que? O básico do que vem sempre, é igual você trabalhar só português e matemática e quando veio o SARESP caiu ciências, história, geografia, a qual a criança não tinha visto, então acho que isso deixa muito a desejar, porque hoje a gente só pode pedir uma coisa, a partir do momento que você já viu, você não consegue fazer uma coisa que você não viu.</p>	<p>matemática, as outras disciplinas estão articuladas com textos.</p>	
<p>D- Língua Portuguesa Ensino Médio</p>	<p>Olha é, os caderninhos, é que nem eu já falei pra você, é o seguinte, os caderninhos... eu tenho colegas que não estão trabalhando ta? Eles não, mas já não é um problema é... até de... não é um problema com os livros ta? É isso eu posso dizer, apesar de termos os erros de português, nos meus livros de Língua Portuguesa eu não encontrei nada assim, gritante né? E mesmo o livro de geografia eu acho que não precisava desse alarde todo que foi feito, houve um erro, de gráfica? Houve. Assim como foi de geografia, poderia ter sido de inglês, de qualquer outra matéria, ta? É um erro gravíssimo num mapa? É, mas espera ai, vamos redesenhar o mapa, vamos mostrar pra criança o a + b e ignorar aquela parte ali. Né? Então esses que são contra esta reforma, é que fizeram esse estardalhaço todo né? E... são coisas assim, houve muita resistência, e há ainda muita resistência, é... eu dou aula numa escola particular também que tem uma amiga minha que ela se recusa, como disse não é um problema, dos livros, é... problema político, né? E... então, eles se recusam a ta trabalhando, e tanto que na escola dela, muitos dos alunos, eu falo porque eu fui lá, eu</p>	<p>- A maioria dos professores não seguem os cadernos do início ao fim, existem professores que articulam os conteúdos com os livros didáticos.</p>	<p>Material Didático/ Pedagógico</p>

	<p>estive lá, eu tenho conhecimento com o pessoal de lá e eu cheguei lá e os alunos usam livro, o próprio livro didático, não apostila né? Tem uma professora que... ela, ela dá a apostila de cabo a rabo, do início ao fim, né? E faz aquela, intermediário, do livro, numa escola de 18 salas, ta? Os demais, todos, usam, livros, né? Então assim, a proposta então ficou assim, é, vamos dizer que... sei lá, 30%, a porcentagem é, 40% aceitou né? E os demais ainda não aceitaram não aceitaram essa proposta.</p>		
E- Inglês Ensino Médio	<p>Em alguns aspectos, positivos, então no caso do ensino médio né? É... as aulas de inglês, eu acho que elas ficaram mais significativas né, com essa nova proposta, é a primeira vez que nós temos um material pra trabalhar com o aluno né, é, em propostas anteriores o inglês nunca teve um material, tinha o livro didático do professor, mas o aluno não tinha ali o livro, o conteúdo pra ele ta seguindo ou poder até fazer atividades em casa, então ficava muito o quê? Lousa e caderno, com a nova proposta não, nós temos a oportunidade de usar a sala de informática, pedir pro aluno fazer um trabalho de campo e são textos dentro da realidade deles...</p> <p>Não, na grande maioria, os professores discordam, porque eles se sentem como se não fossem capazes mais de planejar as suas aulas, porque na verdade essas aulas vem planejadas, vem estratégia, conteúdo, como você abordar o assunto com o aluno, vem tudo mastigado, aliás nem todos seguem né? A maioria utiliza</p>	<p>- Os cadernos dos alunos servem de instrumentos para articular a aula e inclusive para realizar atividades em casa;</p> <p>- As aulas já vem planejadas aos professores com os cadernos do currículo oficial do Estado, muitos utilizam apenas como material de apoio.</p>	Material Didático/ Pedagógico

	esse material como um material de apoio, ta?		
--	--	--	--

Com relação ao recebimento do material formulado pela SEE/SP pelos docentes, segundo as entrevistadas, a impressão que se tem é a de que o professor não está apto a lecionar. Ao denominarem os cadernos como cartilhas, expõem de forma direta o sentimento de perda de prestígio, de desprofissionalização e de autonomia. Muitos professores adaptam o uso desses cadernos com os livros didáticos. O material oferecido pela SEE está estruturado para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, se utilizando para tanto de diferentes gêneros literários. Nesse contexto, as demais disciplinas, acabam sendo reduzidas à condição de apoio curricular. Esse, mais um elemento que, a medida que passa a ser incorporado, amplia a sensação de perda de prestígio, autonomia e desprofissionalização. Apesar dos docentes procurarem trabalharem os conteúdos elencados pelos cadernos, suas falas afirmam que esses conteúdos estão fora da realidade dos discentes das escolas públicas estaduais.

#### **Categoria 6: Progressão Continuada.**

Os estudos de Paro (2001) versaram sobre a Progressão Continuada e a reação dos professores diante da implantação do sistema de Ciclos no Estado de São Paulo, os resultados de sua pesquisa mostraram:

[...] Os resultados da pesquisa indicaram haver motivações profundas da parte dos docentes contra a medida. Parte de tais motivações parecem ter suas origens, quer em suas próprias histórias de vida escolar, em que a reprovação e a punição constituíam exercício corrente e legitimado por todos, e que os docentes de hoje reproduzem em sua prática, quer nas condições de trabalho docente atual, em que a inculpação do aluno, reprovando-o, constitui a última tábua de salvação do professor que, impotente para superar suas adversas condições de trabalho, procura jogar sobre os estudantes a culpa pelo fracasso escolar, que, em parte considerável da mídia, do senso comum e do discurso oficial, costuma ser atribuída à incompetência dele, professor. A pergunta a ser feita diante desse quadro [...] é se medidas de reorganização do currículo escolar em ciclos, sem providências adicionais que levem em conta essa resistência [...] poderão efetivar-se de forma a alcançar os objetivos de inovação do ensino a que se propõem. (p. 36).

O autor deixa claro que o uso da reprovação de alguma forma legitimava o professor, apesar de esse não ser o objeto central de estudo dessa pesquisa. A progressão continuada foi citada como um dos problemas que os docentes enfrentam, pois são obrigados a aprovarem os alunos e muitas vezes esse aluno, na leitura dos professores, vai passando as séries seguintes sem ter o preparo adequado.

**Tabela 6.**

Prof.	Depoimentos	Unidades de Classificação	Categoria
B- Ciclo I	Hoje não tem repetência, é um ciclo né? É uma continuação, mas infelizmente ele não ta tendo essa continuação, então o que eu parei no primeiro ano foi até aqui, então a partir do segundo ano, mas ele não ta tendo isso, ele ta indo, ele ta indo, ele sabe que... o aluno ele trabalha pelas faltas hoje, então tem um limite de faltas, então, se eu estourar eu sei que posso tomar uma repetência, mas no escolar é assim, então eu não tenho preocupação nenhuma, infelizmente, é assim que eu to vendo né?	- A reprovação ocorre apenas por faltas, pois é seguido o sistema de ciclos.	Progressão Continuada
D- Língua Portuguesa Ensino Médio	A progressão continuada, aquela coisa que vem, vem, vem e para, vem, vem, vem e para. Eu sou contra, que eu acho que se a criança é parada na primeira, é parada na segunda, lá na frente ela vai refletir, o que que ta acontecendo? Ele vem, na primeira, ele vem da segunda, ah mas tem dois professor na sala, e... se aquela criança não atingiu o objetivo, eu acho que tem que deixar sim, eu tenho alunos do primeiro ano do ensino médio que não sabem escrever, ta, ele não	- Não concorda com o sistema de ciclos, pensa que a reprovação é necessária para o aluno não ir passando sem aprender os conteúdos daquele ano letivo, principalmente sem estar alfabetizado.	Progressão Continuada

	sabe escrever e ta no ensino médio, o que que eu vou fazer com esse aluno? Vou reprovar ele? Até gostaria, se o sistema me amparasse, acontece que ele é um aluno de presença...		
E- Inglês Ensino Médio	Os professores até entendem sim qual é o objetivo, só o que acontece é que nem todos estão seguindo, então o objetivo fica quebrado, então fala muito em progressão continuada, tanto no ciclo I, ciclo II e no ensino médio, isso não ta acontecendo porque nem todos estão seguindo a proposta, então mas eu acredito assim, que é uma proposta boa, tem tudo pra dar certo, mas isso não vai ser agora, acho que daqui um determinado tempo, quando todos realmente começarem a trabalhar, aí vão surgir os efeitos, que vão estar melhorando o nível de aprendizado dos alunos, no momento agora eu acho que é um experimento.	- Muitos professores não seguem o que é proposto na Educação e o objetivo da Progressão Continuada não está ocorrendo no que diz respeito à melhoria da aprendizagem.	Progressão Continuada

Segundo as professoras entrevistadas, o sistema de Ciclos, que deveria suprir as carências de aprendizagem dos alunos, não tem alcançado seus objetivos. Para elas os docentes não possuem o hábito de retomarem o planejamento do ano letivo anterior para darem continuidade a seu trabalho. Além disso, afirmam ser um problema terem que aprovar discentes que não estão aptos a prosseguirem os seus estudos.

### **Considerações Finais:**

Após análise das entrevistas realizadas com as docentes, podemos concluir que a reforma educacional implementada pela SEE/SP a partir de 2008 nas escolas públicas da rede estadual paulista tem provocado uma série de impactos na percepção que os professores tem sobre seu trabalho no cotidiano escolar.

A estruturação de um currículo homogêneo, a ser aplicado na rede pública estadual de São Paulo, gerou desconforto e um sentimento de depreciação de seu trabalho. Outro fator que a análise das entrevistas permite identificar é a relação entre os conteúdos a serem trabalhados, que contempla o desenvolvimento de competências, e a necessidade de se preocupar em atingir os objetivos estabelecidos pela SEE/SP. Tal relação incomoda, pois as avaliações do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), que controlam o desempenho de aprendizagem dos alunos das escolas estaduais, está baseado nesses conteúdos. Assim há uma intensa relação entre conteúdos, avaliação e qualidade das escolas. Tendo em vista que a avaliação dos alunos pelo SARESP é fator importante na definição do bônus que recebem, tal situação adquire centralidade no cotidiano dos professores.

Vale ressaltar também que as docentes entrevistadas têm encontrado dificuldades em trabalhar esse currículo em sala de aula. Ao afirmarem que ele está distante da realidade de seus alunos, em decorrência das peculiaridades existentes nas escolas de bairros periféricos, questionam e não aceitam as demandas postas pela reforma. Mas não o fazem por discordarem dos elementos norteadores da proposta, ou por discordarem de suas concepções. O fazem porque não imaginam que seus alunos possuem capacidade de lidar com esse tipo de conhecimento, ou seja, não se trata de uma recusa fundada na crítica às concepções de certo modelo de educação e currículo, mas na percepção de que ele não é adequado aos seus alunos.

Outro ponto que também pode ser observado é a relação que fazem entre sua formação profissional e as demandas exigidas pela proposta curricular. Nesse caso, diante da dificuldade que enfrentam, não se sentem preparadas a trabalharem de modo diferenciado. Para elas, o ensino centrado no desenvolvimento de

competências e habilidades e o trabalho com ensino contextualizado e interdisciplinar, representam algo novo, em que precisam se adaptar e se aperfeiçoar. O sentimento de desprofissionalização é latente.

Conforme Sacristán (2000), os professores ficam pressionados a partir do momento em que as exigências com relação a sua profissão aumentam. Assim, esse novo “perfil” profissional que o Currículo Oficial do Estado de São Paulo demanda por parte dos docentes, estaria causando impactos entre o professorado.

Cria-se uma certa especulação pedagógica sobre um tipo de professor ideal, cada vez “mais completo” e complexo que contrasta com o baixo status real, econômico, social, intelectual, etc., correndo o perigo de modelar um profissional que é cada vez mais difícil de encontrar na realidade. Idealiza-se um discurso pedagógico cada vez mais distante das condições reais de trabalho, da preparação e da seleção de professores, o que inexoravelmente leva a estimular nos professores o sentimento de insatisfação sobre a instituição escolar e sobre a própria profissão. (p.97).

Necessário se faz, portanto, pensar nas condições de trabalho desses profissionais em suas diferentes localidades das escolas públicas estaduais e na sua formação enquanto professor.

Com relação a essas considerações acima descritas, Sacristán (2000), ainda nos aponta:

Currículos mais amplos e professores que se considera que devem intervir em funções, objetivos e conteúdos muito diversos levam, definitivamente, a uma transformação das relações pedagógicas. Não é o mesmo uma interação didática na qual assegurar uma determinada aprendizagem de conteúdos clássicos de matemática que uma relação na qual é preciso considerar aspectos mais pessoais, normas sociais, morais, meios de expressão, etc. Se os novos modelos educativos requeridos pela função que cumpre a escolaridade na sociedade recaem em novos currículos, para cumprir com os fins dos mesmos, é preciso toda uma transformação pedagógica, não apenas dos conteúdos, mas também dos métodos e das condições escolares. O que significa levar em consideração: a inovação do currículo, a formação de professores, a transformação das condições da escola, assim como os conflitos com o ambiente exterior pela mudança de atitudes que isso comporta basicamente nos pais. (p. 97).

A avaliação é outro ponto da reforma que incomodou os professores. Muitos, segundo a visão das docentes entrevistadas, não compreendem o funcionamento desse sistema, apesar de saberem que existem metas estipuladas pela SEE/SP, através do IDESP, que cada unidade escolar da rede pública estadual de ensino deve atingir anualmente. Além do SARESP, que é aplicado aos alunos e que avalia

a unidade escolar, os professores também estão sendo avaliados, tanto pelos índices no IDESP que seus alunos atingem, quanto em sua aptidão profissional. Os Ocupantes de Função Atividade (OFA), por exemplo, precisam passar na avaliação para terem aulas atribuídas no ano seguinte e, tanto os docentes efetivos como os OFA, somente conseguem aumento de salário através do sistema de promoção funcional em que realizam uma prova e precisam estar entre os 20% melhores classificados do Estado para garantirem sua evolução salarial.

O processo de avaliação nos remete também a uma discussão mais complexa. Para Sacristán (2000):

A avaliação para o diagnóstico e o controle democrático da qualidade do ensino e do currículo distribuído pode ser vista como uma ameaça para a autonomia das partes, especialmente dos professores, mas também é o recurso para evitar a patrimonialização de uma atividade e é necessário para o funcionamento de uma sociedade democrática. À medida que não há mais informação sobre o sistema do que a que os professores dão com a avaliação de alunos, as disfunções que esses dados possam detectar poderiam repercutir numa imputação aos professores como únicos responsáveis do sistema e não a outros condicionamentos do mesmo, além de reproduzir as condições nas quais se obtêm e os critérios que lhes servem de base. (p. 313).

Assim, se a avaliação se faz necessária, ela não pode se transformar em instrumento de opressão aos professores e nem em instrumento de imposição de políticas curriculares. Em ambos os casos, a desconsideração dos elementos que envolvem o cotidiano dos professores, suas práticas e a cultura que permeia a escola tornam-se elementos que dificultam e impedem a efetivação das políticas educacionais. Mesmo que, nesse caso, não se trate de uma recusa explícita aos princípios da reforma. De uma recusa aos seus fundamentos. De uma recusa a suas orientações e objetivos. Mas simplesmente de uma recusa que considera a reforma uma ameaça.

Nesse sentido, podemos concluir afirmando que a implementação do currículo e do processo de avaliação presentes no Programa São Paulo Faz Escola têm produzido uma série de mudanças na percepção que os professores têm de seu trabalho. Algumas dessas preocupações aparecem de forma explícita nas entrevistas que realizamos. No entanto, não é possível afirmar aqui que as reações que manifestam decorrem de uma postura contrária aos princípios da reforma. Os dados que coletamos nos permite quando muito afirmar que os impactos da reforma entram em conflito com certas práticas presentes há tempos na escola. Somente o tempo e o aprofundamento das pesquisas poderão mostrar o que efetivamente a

mudança curricular proposta pela SEE/SP tem produzido nas escolas públicas paulistas.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: SE/CENP, 2006. 136 p.

\_\_\_\_\_. **O Plano de Desenvolvimento da Educação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 23p.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001. 126 p.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2000. 98p.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 288 p.

FERNANDES DOURADO, Luiz; PARO, Vitor Henrique (Org.). **Políticas Públicas e Educação Básica**. São Paulo: Xamã, 2001. 160 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da Escola Pública**. 3. ed. São Paulo: Xamã, 2000. 335p.

SACRISTÁN, Gimeno. **O Currículo uma Reflexão sobre a Prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 352 p.

SÃO PAULO. **Caderno do Gestor: Gestão do Currículo na Escola. Vol. 1.** São Paulo: SEE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Gestor: Gestão do Currículo na Escola. Vol. 2.** São Paulo: SEE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Gestor: Gestão do Currículo na Escola. Vol. 1.** São Paulo: SEE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Gestor: Gestão do Currículo na Escola. Vol. 2.** São Paulo: SEE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Professor: Gestão do Currículo na Escola.** São Paulo: SEE, 2008.

\_\_\_\_\_. **Deliberação CEE 88/2009 15 de maio de 2009.** São Paulo: CEE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Matrizes de Referência para a Avaliação SARESP.** São Paulo: SEE, 2009. 268p.

\_\_\_\_\_. **Programa de Qualidade da Escola.** São Paulo: SEE, 2008. 16 p.

\_\_\_\_\_. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo.** São Paulo: SEE, 2008. 35 p.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 296 p.

SILVA JÚNIOR, João dos R.; FERRETTI, Celso João. **O Institucional, a Organização e a Cultura da Escola.** São Paulo: Xamã, 2004. 152 p.

## Referenciais Bibliográficos de Documentos Eletrônicos

A UNESCO e os Desafios do Novo Século. Disponível em:  
[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/unesco\\_desafios.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/unesco_desafios.pdf). Acesso em:  
10/06/2008.

Compromisso Todos pela Educação. Disponível em:  
<http://sceweb.mec.gov.br/termo/action/livreto.pdf>. Acesso em 05/02/2009.

DECRETO Nº 6.094, DE 24 DE ABRIL DE 2007. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm).  
Acesso em: 17/05/2008.

IDESP. Disponível em: <http://idesp.edunet.sp.gov.br/> . Acesso em: 01/06/2008.

Lei Complementar nº 1.097 de 27 de outubro de 2009. Disponível em:  
<http://imesp.com.br/>. Acesso em 27/10/2009.

Metas da Educação SP. Disponível em:  
<http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes/educacao/metas/#>. Acesso em: 20/05/2008.

NEUBAUER, Rose (2001). Progressão Continuada. Disponível em:  
[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/prg\\_a.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/prg_a.php?t=001). Acesso em 23/07/2009.

No Child Left Behind Act. Disponível em:  
[http://en.wikipedia.org/wiki/No\\_Child\\_Left\\_Behind\\_Act](http://en.wikipedia.org/wiki/No_Child_Left_Behind_Act). Acesso em: 13/05/2008.

Notícias Secretaria de Estado da Educação de SP. Disponível em:

<http://www.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em: 17/05/2008.

Notícias Último Segundo. Disponível em:

[http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/04/13/em\\_sp\\_150\\_municipios\\_adotam\\_apostilas\\_em\\_escolas\\_1270288.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/04/13/em_sp_150_municipios_adotam_apostilas_em_escolas_1270288.html). Acesso em 17/05/2008.

Parecer CEE nº67/98 de 18 de março de 1998. Disponível em: [www.ceesp.sp.gov.br/pareceres/pa\\_67\\_98.htm](http://www.ceesp.sp.gov.br/pareceres/pa_67_98.htm). Acesso em 11/08/2009.

Política Educacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ors/PoliticaSEE.pdf>. Acesso em 23/07/2009.

Professores Paulistas iniciam greve contra políticas de Serra. Disponível em:

<http://www.brasilefato.com.br/v01/agencia/nacional/nacional/professores-paulistas-iniciam-greve-contra-politicas-de-serra>. Acesso em 28/07/2009.

Programa Ler e Escrever. Disponível em:

<http://lereescrever.fde.sp.gov.br/site/Programa.aspx>. Acesso em 20/12/2007.

Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Disponível em:

<http://www.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em 26/05/2008.

SEADE. Disponível em: <http://www.seade.gov.br>. Acesso em 08/04/2009.

## ANEXO – Transcrição das Entrevistas

### Entrevista A.

#### Profa. de Língua Portuguesa E.F.II.

Realizada em 12 de maio de 2009.

No início da entrevista, havia uma máquina trabalhando no terreno ao lado da escola, o que dificultou ouvir algumas palavras, além disso, havia barulho dos alunos.

1. Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?

Eu penso que foram boas reformas, século XXI, informatização, valores globais, foi assim um baque, tem algumas coisas que a gente vai se acostumando, porque no começo não foi nada fácil na minha opinião e pelo que observei com os meus colegas de trabalho, agora, se você não contar com o apoio da equipe escolar... Teve mudanças, os alunos se interessam mais hoje né? A escola não é só um ponto de encontro, é um ponto de troca de cultura, troca de cultura ... de idéias...

2. No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena Guimarães Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?

A Rose Neubauer, até que eu gostei da reforma dela, mas só que o pessoal não gostou muito né? Os professores, porque exige cada vez mais né? Então, trabalho por trabalho, eu acho que mais sobre o salário né? Plano de carreira, mas o professor ganha bônus em cima daquilo que ele faz, eu acho bom, em todas as escolas eu desenvolvi projetos, e eu não sou efetiva, eu sou OFA. O Chalita? O Chalita ele é inteligente e tudo, ele tem uma vivência boa, deu aula...como é que chama? FEBEM né? É professor de filosofia, professor de filosofia e de história tem uma cabeça bem aberta, sabe ver de outra maneira, o Chalita falava que tem que ver o aluno...como é que ele falava? O aluno ser...ele ser o centro, como é mesmo? Protagonismo, eu acho que o professor tem que

ser comunicativo, saber conversar, eu acho, é difícil? É. Há certos conflitos? Há, mas todo dia o professor vai se adaptando, vai vendo qual é a melhor maneira. A Maria Helena eu gostei, para falar a verdade, eu gostei do que ela fez, só que na hora da prova dos professores...mas eu gostei, acho que o professor estude cada vez mais, faça cursos, que pense no aluno...pense no alunado.., mas eu gostei, é bom, uma pena que ela saiu, mas ela vai continuar sendo assessora do Paulo Renato né? E o Paulo Renato é muito bom.

3. A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?

Eu não sei se estou respondendo de acordo com a LDB? Mas dentro do possível né?...Mas eu concordo que os professores tenham que fazer um curso, de informática educacional, eles precisam fazer, ou dentro do horário de escola, de Sábado por exemplo, não sei, talvez a CENP, se desse informática educacional para a gente, seria dez, porque é isso que incentiva os alunos, eles amam a minha aula, e uso junto com os cadernos do professor, tem vários assuntos polêmicos lá que eu passo lá, Copa do Mundo, falo para os meninos vamos pesquisar, o que que é verbo? Então eu uso o Google, para eles aprenderem a pesquisar, eles só sabiam MSN e Orkut, agora eles sabem mais, eu falo, anota o site, busca o verbo, e a alfabetização também tem jogos, chama smart picks, é com os jogos, e a gente leva os alunos, tem um professora que leva a tarde e eu levo de manhã, tinha um aluno que não conseguia escrever nada, na hora de passar para o papel e agora ele está conseguindo.

Eu retomei a questão.

No começo não, mas agora, agora está havendo concordância porque.. eles querem deixar as escolas do estado igualzinha, não tem mais essa distinção né? De um estado para o outro, quer deixar no mesmo nível né?

3.1 Mas os professores receberam bem?

Para ser sincera não muito bem, mas.. depois foram se adaptando, tem que se adaptar não é? Tem que se esforçar, incentivar, motivar, os coordenadores sempre presentes, a direção..então, quando... no ano retrasado, veio essa revista do professor só, né? No ano passado? Tinha só do professor, depois começou o trabalho com o jornal né? Os alunos ficavam na sala de aula assim (parados), não piscavam, mas dialogavam, não piscavam, eles ficavam concentrados, eu falava assim olha, final do ano tem SARESP, vocês vão ser avaliados, os professores, os conteúdos estão aqui, tem que se preparar, são assuntos atuais, os alunos não tem costume de ler jornal, as vezes nem os pais. Eu posso explicar em português? A revista do aluno, quando ela veio, esse ano, foi uma novidade, então o conteúdo está ali, são vários assuntos que podem ser abordados de várias maneiras, que são assuntos atuais, o aluno tem que saber leitura, quando chegar em uma certa idade, prestar concurso público, prestar... tem que saber é redigir, redigir, tem que ter interpretação, ao falar, você tem que saber o que está querendo dizer com aquilo, com aquelas palavras. Eu gosto de ouvir a opinião do aluno, utilizo o protagonismo, aí eu corrijo, eu uso o aluno como protagonista mesmo, dá trabalho? Dá. Mas eu faço isso em português em inglês. No começo essa revista realmente foi um baque, mas depois, a gente tem consciência de que tem que deixar as escolas mais, não que a gente não saiba lecionar, não é isso, eu estou já a dezoito anos na rede, só do estado, então eu não consigo assim, deixar, então eu me dedico, vou de cabeça, se eu quebrar a cabeça eu levanto de novo, a escola tem que ter materiais para trabalhar dentro da proposta, recursos.

3.2 E esse baque, qual foi o maior comentário dos professores?

O professor achava cartilha, que a gente não sabe lecionar, mas depois viram que.. o governo, tudo bem... quer investir no aluno? Quer investir? Eu concordo plenamente, tem que investir no, professor também, o professor tem que se esforçar para merecer, mérito.

3.3 E esse ano você acha que os professores estão acatando melhor?

Estão.

Por quê?

Porque este ano.. receberam a revista dos alunos, ai você pode acompanhar diariamente, no ano passado era só do professor, o aluno recebeu no início do ano só o jornal, foi bom, eu ainda tenho o jornal guardado em casa , não joguei fora e não joga fora ta lá e lá tem uns textos maravilhosos, poema, poesia, tem aula que, em 2005 teve poetas inocentes, eles vão construindo poemas, receitas, a gente cobra pesquisas dos alunos, quando usa a internet eu levo, preciso reservar com antecedência, no primeiro bimestre foi meio corrido, agora no segundo bimestre a gente pode se organizar melhor, os alunos estão se acostumando já... com a revista e a gente tem que incorporar isso e a mudança faz parte. Mudança dá trabalho? Dá. Faz com que o professor(não conseguiu ouvir), o professor que tem um salário baixo, vai dar aulas em mais escolas, tem família, tenho colegas que dá aula de manhã, de tarde e de noite, eles fazem, mas fica mais difícil planejar, agora, se é professor igual eu por exemplo, eu sou OFA mas estou só no estado, então para mim é mais fácil né? Mas tem professores por ai que fica mais difícil, quem tem filhos, então eu acho, a bonificação que o estado dá, eu não sou contra, eu sou a favor, mas se pudesse ser incorporado ao salário, né? No nosso orçamento, seria bom, mas... se o estado acha melhor o bônus, honra ao mérito, isso faz com que as escolas se esforcem cada vez mais, não fica a mesma mesmice né?

4. Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma? Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?

Discutidos eles foram durante a semana, durante os HTPC, mas não plenamente né? Documentos, a gente tem acesso na internet, mas teria que aprofundar mais, para poder entender melhor. Articulação...Antes de implantar?! Não, eu acho que, bom, só se foi com os especialistas em Educação né? Então você consegue..por exemplo, ter uma visão do que cada escola necessita de acordo com as nossas... necessidades e há cursos que você presta vestibular e necessita de várias coisas, então eles estão baseando nisso né? Língua Portuguesa e leitura. No ano passado eu dei a idéia aos coordenadores que os alunos pudessem receber e eles acataram, e ai eu falei nossa, acho que minha

idéia foi boa, tanto é que os alunos receberam a revista, os professores trabalham o conteúdo? Acho que trabalha, procura trabalhar de acordo.

5. Dê um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?

Aqui nessa escola, eu vi que os coordenadores passavam as diversas maneiras de trabalhar a proposta e no ano passado atingimos 120% do índice, então eu achei que deu certo aqui e estamos vendo uma maneira de trabalhar o SARESP, dentro dos conteúdos, dentro da proposta curricular, acho que os professores não vão fugir do caderno, vamos fazer um simulado com todos os alunos, para ajudar, precisa de impressora na escola, impressora não, máquina de xerox. Mas eu cheguei e comecei a ajudar também, festa junina, mini projetos, eu procuro conversar com os professores, trocar idéia, com os que já estão aqui, com os efetivos, eu procuro aprender com eles e se eu estou fugindo em alguma coisa, onde que eu posso melhorar, cada escola tem a sua realidade. Eu passei pelo Flaminio também e atingiu sua meta, fiquei super feliz, também foi um trabalho bastante árduo, mas que valeu a pena. Eu gosto de comprometimento, depois tiraram as faltas dos professores e diminuiu a porcentagem de faltas, isso mudou demais a cabeça do aluno, eu sou OFA mas me comprometo a ajudar em várias coisas, aqui tem a sala de leitura, sala de vídeo, deixo tudo em ordem, informática, os alunos nossa! Quando é a minha aula não vê a hora de ter a minha aula, os meus colegas também, eu conversei com os meus colegas para levar os alunos de acordo com a matéria, e nossa, o aluno com o computador viaja, eu gosto da opinião deles, no dia seguinte a gente discute.

6. Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?

...Alterou minha prática?! É que antes não tinha uma proposta a gente fazia de acordo com a prática, depois foi lançando o SARESP, foi uma proposta para os professores, para os alunos e os conteúdos foram mudando de uma outra maneira, como trabalhar, bom.. eu não sou efetiva, mas a minha experiência, isso é um outro modo, fez com que eu me adaptasse também nessa nova

mudança, de trazer o aluno para mim, como eles falam, fazer com que o aluno goste da escola, acho que... melhorou, na minha opinião, a dos colegas, não sei.

7. O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações. Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?

Modificaram. Não existe mais só lousa e giz né? Não existe mais. A Lousa é só o inicial, o resumo, mas faz parte, mas hoje no século XXI as escolas modificaram, receberam lap tops , para trabalhar com produção deles mesmos, dos alunos e analisar o que eles fazem, então... dessa maneira, tem o DVD, o Datashow, isso faz com que a gente utilize cada vez mais, aprender de uma forma diferente.

8. Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino? Qual sua compreensão sobre essa questão? Dê que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?

É...Através de leituras, você estudar os conteúdos antes de passar aos alunos, todo dia eu leio a revista, dessa forma. Produção de texto, tem uma professora que trabalha junto, ah que pena! Mas ela também daria uma ótima entrevista. Não existe só português, os textos que estão ali engloba todos, é uma interdisciplinaridade.

9. Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade Como você analisa essa questão. No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma? Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Avaliar os resultados dessas atividades? Indicar o que elas acrescentaram pedagogicamente em seu trabalho?

Como isso me favoreceu? Tudo isso? Na HTPC, a gente conversa, dialoga bastante, a gente tenta fazer um trabalho em conjunto, vê é... aonde que eu posso entrar, mapas, a gente vê mapas, é matemática, engloba tudo, a gente troca idéias e chega num acordo, um ajuda o outro, mas tem que ter mais tempo

para isso. Acho que agora no segundo bimestre a gente vai estar mais articulado, no terceiro também vai estar mais ainda, no quarto então, nem se fala.

10. A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?

Só com o professor? Eu acho que modificou, tem professor que ainda trabalha de maneira tradicional e estão com dificuldades eu acho, ter tem, mas ai nós vamos conversando aos poucos, mas eles procuram fazer, dentro dos limites deles.

11. A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de um modo geral. O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?

Na correção dos exercícios por exemplo, você corrige dia a dia, ai ele quer saber como ele errou, em que ele errou. O aluno é avaliado com mais de dois instrumentos. De um modo geral, os professores estão se adaptando a isso, com a nova proposta. No início foi um baque. Será que vai ser complicado? Será que vai dar certo? Mas... eu fiquei assim pensando, puxa vida, como veio essa provinha, mas tem colegas, eu tenho uma colega, professora primária que.. não consegue chegar na proposta, caminhar junto com ela, porque ela acha difícil...tem dificuldade ainda, não nessa escola, de uma maneira geral, ler e escrever, acho bacana esse projeto e a adaptação é que é fácil trabalhar com o Ciclo I, a diretora chega junto, a gente conversa, a gente determina as práticas e... Na delegacia de ensino tinha aquelas palestras, tinha os cursos e você aprendia com pessoas de outras escolas e ai você trocava diálogo, tinha professor que não gostava de ir, mas eu gostava e eu via de uma outra maneira, de uma nova forma, de um novo instrumento.

11.1 Agora a Secretaria vedou tirar os professores da escola, você acha que isso gerou alguma dificuldade?

Quando os coordenadores vão lá eles passam as informações, direitinho, pelo menos daqui, dessa escola, eles caminham junto com a gente, estão sempre presentes, a diretora sempre junto, qualquer dificuldade a gente pergunta para ela e vai caminhando, mas eu gostaria de ter mais trocas de idéias com os outros, é um pena, um dia quem sabe, não sei. Eu aprendi no projeto leitura, participava de todas OTs de português, nossa, é por isso que faço essas coisas que eu fiz, dá trabalho essa mudança? Dá trabalho sim, mas acho que ajuda, eu já estou sentindo falta de cursos, de informática, no começo eu achava que era um bicho de sete cabeças o computador, entrar online eu tinha medo, era um bicho, agora eu uso o computador. Fiz vários cursos na delegacia, devo a ela isso, eu comecei a gostar e é bom para a escola. Todos os projetos que eu fiz eu ajudava, cada escola que eu entro eu procuro me adaptar a ela, ou eu visto a camisa da escola ou eu...ou eu me dedico bastante ou...sei lá.

12.No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

Estão de acordo com a proposta curricular, de acordo com a proposta pedagógica da escola, estão tudo ligado um com outro, na sequência né.

13.Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?

Existe sim.

14.Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do ensino médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?

Fundamental I eu acho que ainda falta muito para os professores, reciclagem, não é reciclagem, essa palavra é muito...é cursos para auxiliar o professor.

14.1 Mas já teve, antes da Maria Helena, os professores podiam participar de cursos, mesmo assim?

Não eram todos, porque todo ano tem mudança de professores e tem professor efetivo também que se aposenta., chegam os novos e ai vai, eu , toda escola que eu vou, eu procuro me adaptar aquela escola, de acordo com a meta dentro da escola mesmo, eu puxo, e tem professor que não, eu acho que deveria ter cursos preparatórios para os professores, para formação mesmo, não o professor propriamente dito, os aluninhos também, as crianças tem problemas de aprendizagem e afetivos, familiar, estrutura familiar, e já vem com essa, assim, sendo rejeitado pelos pais, eu já vi isso já, na época em que trabalhava em outro colégio e eu não esqueço isso até hoje, a mãe casou com outro homem e ele foi morar com o pai, isso afetou o cérebro da criança, e ele passava isso, ele chorava na sala, ele não conseguia ler, as crianças já vem com esses conflitos em sala de aula, problemas emocionais diferente e eles jogam para a gente. Eu acho que deveria ter psicólogos nas escolas, que é o que a gente está sentindo, que não é com todos os professores que eles vão se abrir.

14.2 Talvez por que não tenha empatia?

Ou não dá, por falta de tempo, quando eles chegam para conversar eu ouço, então eu paro, depois eu falo, hoje é a minha vez, vamos continuar? Procuro escutá-los, mas os outros... Aqui eu passo os casos para a coordenadora, mas um dia após o outro é diferente. Eu fico com dó, antigamente tinha o oftalmo, tinha que ter parceria com o oftalmo, eu tinha um aluno que não estava enxergando direito. As coordenadoras ligam para o pai, para a mãe, a mãe encaminha para o oftalmo, existem os especiais e a coordenação encaminha. Com isso eu estou fazendo, eu acho que um bom trabalho, eu acho que essa reforma ai veio para incentivar, tem várias reformas que foram um impacto... depois mudança de plano de ensino, depois com o passar do tempo a gente foi se adaptando, que se o Estado quer deixar a escola em ordem, não só de São Paulo, eu acho que tem que deixar do Brasil inteiro, eu acho que tem que incentivar, os alunos do ensino médio também, para poder arrumar um bom emprego, eu já tenho alunos que estão formados ai, psicologia, advogada, médica, fisioterapeuta, eu tenho dois alunos que são meus colegas, de

educação física, matemática, eu fico gratificada, tenho alunos daqui também que vão ser professores, eu acho que a escola precisaria de outros profissionais para ficar melhor, ou uma psicopedagoga no caso, alguém dessa área, ajudaria, eu sinto falta disso, eu sinto que o aluno sente, assim, eu queria ajudar mais o meu aluno entendeu? Às vezes eu vejo aquela carinha triste e eles querem uma palavra de apoio, agora já vi muitos colegas que chega dá sua aula e acabou, a gente perde tempo fazendo isso, mas eu acho que compensa, eu sou assim mesmo, eu gosto de ouvir aluno, eu gosto de ouvir os pais também durante a reunião, mas eu queria que os pais fossem mais presentes, eu acho que o coordenador poderia ver uma maneira de dar dinheiro para poder pagar transporte para os pais, para uma vez por bimestre, ir as reuniões, para querer saber do filho e curso para professores também, Ciclo I e outros professores, agora eu acho que sobre essas melhorias, ensino médio que teve melhoria? Ensino Fundamental são por causa desses problemas emocionais ai que afeta, não que nós.. acho que precisa ter cursinho de vez em quando, a gente faz uma parada de vez em quando, tenta dialogar, na reunião pedagógica a gente procura ver aonde que a gente pode melhorar, não é o aluno que precisa vir até mim, entendeu? Eu vou até lá, não ele até mim, já fiz isso várias vezes e faço isso, se tiver um assim, o que que ta acontecendo? É que o aluno vem com carga emocional pesada, eu acho que tem que ajudar o aluno, tem pais que não sabem nem ler e escrever, ai falo assim, quando você chegar em casa, passa para os pais o que você aprendeu hoje comigo, eu dou nota no caderno do aluno, tem aluno que chega e fala ah professora dá um 10, eu quero mostrar para os meus pais, acho que o professor tem que ter esse compromisso, mas eu acho que os alunos estão assim de uma maneira geral, até que aqui a escola conseguiu atingir a meta, superou até e eu falei para a direção esse ano vamos atingir de novo, ai eu fiz esse projetinhos dos alunos para a informática, eu tenho seis, oito, é que alunos que não estão vindo, porque tem que cuidar dos irmãos, mas na próxima reunião eu vou conversar com os pais, o número de alunos aumentou e pode aumentar mais, trabalho junto com uma outra colega que também tem boas idéias e poderia discutir isso muito bem, eu falo o que eu penso, pela minha experiência, eu vejo que na sala de aula há um conflito de gerações ali né? Se você for pensar bem, existem vários problemas familiares, e olha eu fico preocupada, eu tenho alunos que chegam e falam olha professora

hoje eu não estou muito bem, chega dormindo, tem aluno que fica até tarde no Orkut e no MSN, e a mãe não sabe controlar, a mãe fala isso para mim e eu falo diminui o horário dele, não é por nada não mas o aluno tem que ter uma hora para fazer as atividades, a lição de casa...(não deu para ouvir uma parte, barulho da máquina) eu falo para o aluno, tem que ter horário para tudo, mas eu desenvolvo várias atividades diferentes e o caderno traz isso e é isso aí.

Obs.: Após eu ter desligado o gravador, em conversa, a professora comentou que a presença dos pais é muito importante na escola, mas além disso, ela acha que deve haver reprovação, não concorda com o sistema de ciclos. Estou apontando este fato, por pensar ser relevante para a análise.

**Entrevista B.****Profa. do Ciclo I.**

Realizada em 25 de junho de 2009.

1. Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?

Bom, ao meu ver assim, eu vi essas mudanças justamente e assim, mudanças que para os professores muitos não conseguiram se encontrar dentro dessas mudanças, tiveram dificuldades dentro da nova proposta, então cada professor entendeu de uma maneira, então cada um acabou trabalhando da maneira que ele havia entendido, então quando começou chegar as avaliações, no caso o SARESP, aí apareceu esses conflitos, aonde veio essas divergências né? Aí vieram escolas que tiveram índices negativos, as escolas que tiveram índices em alta, por quê? Porque é a maneira do professor olhar essa proposta, muitos também olharam assim, como não aceitar, porque quando veio a avaliação, ela vem dentro da proposta e o professor ele acaba trabalhando na maneira que ele pensa, que seria na maneira tradicional ainda né? E aí na hora que o professor vai dar aquela avaliação, ele não compreende porque? Porque ele não foi trabalhado diferente daquilo né? Então teve mudanças é, que pra mim não foram positivas, por causa desse processo que a gente tá vendo hoje, então esses alunos eles tão chegando hoje no ensino médio ou numa faculdade e não estão alfabetizados, por causa dessas mudanças né? É esse é a minha maneira de ver, então é até isso que a gente tava discutindo aqui hoje, o que que está acontecendo com esse aluno né? Eu acho que tinha que sentar, e vamos então entrar num consenso, que que o professor tá querendo com o aluno dentro da sala de aula, porque de primeira a quarta série, a gente tá sendo cobrado, mas e o trabalho com ele depois, de quinta em diante, o que que tá acontecendo com esse aluno? Tá.

2. No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena

Guimarães Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?

Hum, hum, mas eles são da mesma linha né? No caso são do mesmo partido né? Eles são do PSDB né? Então eles seguem a mesma linha de pensamento né?

2.2E como você avalia a atuação desses três secretários?

Hahahaha, olha o problema assim, a gente ta ai mais de oito anos com o PSDB como partido, não mudou a história, a proposta é a mesma, então os três vieram com a mesma proposta, os três foram infelizes com a proposta ta? A idéia até pode ser positiva, mas dentro da escola ela não surtiu efeito nenhum, então são três do mesmo partido, é eu acho assim, a teoria eles são bons na teoria, só que na prática dentro da sala de aula é outra, é diferente daquilo que está sendo falado, então eles não foram colhidos dentro dessa proposta, eu acho que tinha que mudar , reformular de novo, mas como o partido ta ai então a gente tem que acatar o que o partido manda né? Infelizmente né? Tanto que ela até caiu, a Maria Helena acabou caindo né? Veio o Paulo, mas é a mesma coisa né? Tá dando continuidade à proposta, porque o projeto ler e escrever dentro da escola, ele não está funcionando.

2.3Não está funcionando?

Não, porque o professor não está sabendo trabalhar essa proposta.

2.4Por que o professor não está conseguindo trabalhar?

Por que o professor ele vê ainda o tradicional, ele, porque assim, o projeto ler e escrever você vai trabalhar o todo do texto, que aproveita pro aluno né? E o professor ele vê ainda assim, que ele tem que trabalhar a família silábica, o alfabeto pra ele poder chegar lá no texto, entendeu? Por causa disso, por causa da própria clientela que a gente tem dentro da sala de aula, ele tem que ter a família silábica, ele tem que ter mesmo aquele tradicional, que é cobrar deles, vamos fazer isso, entendeu? Porque esse projeto ele é bom, mas dentro do contexto da sala de aula, ele não está funcionando, por causa das crianças né?

3. A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?

É, foi o que eu falei né? (Risos...) não encontra, infelizmente não se encontra, infelizmente assim é, a gente que ta dentro da sala de aula, a gente não vê a simpatia mesmo, como eu falei pra você, eles estão saindo mesmo sem estarem alfabetizados, infelizmente, se você entrar na sala de aula, se você tiver a possibilidade de olhar, você vai ver realmente o que que ta acontecendo, infelizmente é assim, o aluno ele não tem a interpretação, igual a nós, nossa geração tinha, hoje eles não tem, eu vejo até pelo meu filho né? Então na hora que ele vai fazer um trabalho ele não tem aquela preocupação de pesquisar de perceber o que que ele ta fazendo, ele vai lá, ele abre a internet, ele copia aquilo, ele põe o nome de cinco ou seis pessoas e entrega aquilo, na hora de fazer a avaliação não tem mais aquela avaliação, é assim, o professor chega, fala hoje vamos fazer a avaliação, pode pegar o livro e consultar, ai ele dá as respostas, você entendeu? Então assim, ta muito jogado, eu acho assim, que os professores tinham mesmo que tentar repensar, que as crianças estão saindo sem ter o projeto, ela não entende aquilo que ela ta fazendo, por isso que quando ele chega no final, a gente vê hoje profissionais que... fraco né? Por que que eu vou me preocupar com o estudo, por causa da repetência também né? Hoje não tem repetência, é um ciclo né? É uma continuação, mas infelizmente ele não ta tendo essa continuação, então o que eu parei no primeiro ano foi até aqui, então a partir do segundo ano, mas ele não ta tendo isso, ele ta indo, ele ta indo, ele sabe que... o aluno ele trabalha pelas faltas hoje, então tem um limite de faltas, então, se eu estourar eu sei que posso tomar uma repetência, mas no escolar é assim, então eu não tenho preocupação nenhuma, infelizmente, é assim que eu to vendo né?

4. Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma?

Eu acho que não né? (risos), vamos ser claros, não, não infelizmente o governo não conseguiu passar.

4.1 Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?

Foi, foi, foram sim, eles deram todo o material, até alguns professores tiveram capacitação pra isso né? Só que quando chega na prática não funciona né? O material é maravilhoso, se você olhar os materiais que a gente tem é maravilhoso, mas ele não tá dentro da prática.

4.2 Então você teve acesso a esses documentos?

Tivemos, tivemos.

4.3 Eles foram discutidos pelos professores?

Foram, todo nosso HTP a gente trabalha o projeto dentro do HTPC, aí o coordenador ele vai ver como é que o professor tá trabalhando, por que que ele tá utilizando, tal, tal, olha, chegou tal proposta, assim, então ele é todo trabalhado em HTPC.

4.4 E por que você acha que na prática inviabiliza?

Porque parece que quando chega lá, na hora que você vai colocar pro aluno tem aquele choque , ele não entende, eu não sei, eu vejo mais pela parte cultural mesmo da criança, porque que você veio à escola? Ah, é porque a minha mãe trabalha, ah eu tenho que vir pra escola, porque sou obrigado a vir a escola, você entendeu? Então falta pra ele o significado, de estar na escola, então quando você apresenta a proposta, pra ele, pra ele não tem significado, onde eu vou tá utilizando isso no dia a dia, é o que a gente tenta fazer pra ele, olha você tem que aprender você vai tá colocando esse argumento em tal coisa, isso você vai usar pra isso, você entendeu? Então, mas pro aluno a escola pra ele não tem valor, não tem um significado, ele vem por vir, é como se fosse uma moda, tá todo mundo usando roupa preta, então eu também vou usar roupa preta você entendeu? A escola pra ele hoje não tem sentido, por que? Porque hoje pra ele está tudo fácil, então tudo o que ele precisa está na mão dele, então chega lá a internet, a televisão até o próprio material, ele

não batalha mais pra ter, vem tudo pronto, pra que que ele vai se esforçar? Então é por isso que é, não dá esse resultado, falta esse significado pra criança né? E pro professor também, às vezes tem professor que ele tá passando, é, ele olha, ele ouve tudo aquilo, mas pra ele tudo aquilo não tem sentido tudo isso, essa proposta, então chega na sala de aula com pouco significado né? É por isso que ele não está tendo esse resultado.

5. Dê um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?

Ah tá é, bom, como eu cheguei agora, esse ano na escola, a gente vê assim que os professores, eles não aceitam né? Principalmente os professores que já são mais antigos na rede, eles não são tão abertos as novas propostas, os professores novos eles até aceitam por que? Porque como eles estão chegando agora, então eles estão recebendo aquilo que eles estão vendo, mas os professores eles ainda preferem um trabalho tradicional, eles não aceitam a proposta nova porque pra ele a proposta nova não ajuda em nada o aluno, pra ele não tem benefício nenhum, ele vai continuar com as mesmas dificuldades, dentro da proposta tradicional eles vêem como o aluno vai aprender, então se você perguntar ali todo mundo vai concordar.

6. Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?

Aí as perguntas já são funilando né? As competências dentro da minha prática né?

6.2 Isso, você acha que alterou o seu trabalho, como que alterou, como que não alterou?

Aham, aí fica difícil falar do lado pessoal meu né? É, bom, vamos ver assim...é, como eu entrei na rede em 88 então eu já passei por várias mudanças, então assim, eu vejo assim, que... no início o meu trabalho era mais mecânico, passar, decorar, passar, decorar, era letramentos, hoje não hoje eu tenho que pesquisar, então eu tenho que buscar, não vem mais nada pra mim, olha você vai ter que seguir isso, não, hoje eu tenho que buscar

então eu não posso me limitar só naquilo, eu tenho que tá pesquisando, buscando também pra quê? Pra que eu possa enxertar mais pro meu aluno, então pra mim teve essa mudança sim nesse sentido, então eu passei a buscar mais e não ficar mais com o pronto, que é aquilo que seguia aquela linha né? Hoje eu tenho maior abertura pra buscar.

7. O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações. Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?

Sim, porque agora o nosso planejamento ele é flexível, então a todo o momento você tá discutindo é, você entra, no início, você prepara, então nós vamos trabalhar assim, então quando você vai conhecer na realidade do aluno da escola então você senta pra reformular então todo HTP você tem aquilo que você tá trabalhando, se ele tá dentro do que você quer? Não, porque as vezes as suas expectativas acabam mudando, então você planejou lá é, trabalhar, sobre a horta, mas de repente não, surgiu pra você trabalhar sobre educação sexual ou então você tem, não tem mais, porque antes você tinha que seguir aquilo, hoje não você pode tá mudando a sua proposta de trabalho dentro daquilo que no dia a sala de aula, o aluno tá querendo tá? Então a gente tem flexibilidade sim um pouco.

8. Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino, qual sua compreensão sobre essa questão? Dê que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?

Tá. Contextualização de ensino hoje, o nosso trabalho em sala de aula, você tem que planejar, como era e como é hoje né? Então hoje você tem que colocar, é, mostrar pro aluno aquilo que você vai trabalhar durante a semana toda, toda a seqüência, então você chega na sala de aula você apresenta tudo que você vai trabalhar naquele dia ou na semana, então é esse o trabalho que a gente tá fazendo com a aula tá?

9. Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade . Como você analisa essa questão. No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma?

A interdisciplinaridade, que na segunda série a gente não tem mais história, geografia, ciências, a grade é por língua portuguesa e matemática, só que, não quer dizer que você não vá trabalhar né? Então aí entra a interdisciplinaridade, você trabalhar um texto é de ciências, e dentro desse texto você trabalha português e matemática, então dentro dessa escola a gente tem essa proposta sim, a gente tem como amarrar todos os textos em todas as matérias, aí você pode levar também pra educação física, na arte né? Todo esse texto trabalhado, então aí entra né, o planejamento né? Você planejar então seria os projetos pedagógicos né, então dentro daquele projeto pedagógico você trabalha todas as áreas, igual a gente teve festa junina, então a gente trabalhou todas as áreas, matemática, ciências, geografia, que é o caso da reciclagem né? Na arte que você pode confeccionar uns trabalhinhos para enfeitar a escola né? A educação física que foram as danças, to trabalhando todo o bimestre dentro de um projeto, ta?

9.2 Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Bom, você já indicou. Avaliar os resultados dessas atividades?

São positivas, porque daí a criança, quando você trabalha esse projeto com a interdisciplinaridade, ela consegue enxergar o que é importante dentro da escola, por que que eu estou aqui, então ela consegue trazer com o projeto, o que ta dentro da forma, então você vê muita criança que é por exemplo, caiu um papel no chão ele vai lá automaticamente e pega, ele vê o coleguinha batendo no outro, ele ah, não pode brigar, ele vê um cartaz na rua, ele interpreta aquele cartaz, então é positivo, então você conseguiu trazer dentro da sala de aula pra ele usar lá no dia a dia dele, é super positivo isso sim... As perguntinhas boas né? Elas vem com 1,2,3,4,5,6 né? É porque é mestrado né? Gente mestrado... eu lembro a minha irmã quando fez, acho que ela ficou uns quatro, cinco anos lendo.

Eu – Então só que hoje em dia a gente tem dois anos, não tem mais o tempo que tinha antes.

E ela lia, lia, lia, eu falava meu Deus! Pra quê ler tanto? É, pesquisa mesmo né?

10. A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?

Eu acho que continua o mesmo, não mudou nada, continua a mesma coisa, continua o mesmo, o professor ainda é fechado por quê? Porque ele não abriu, infelizmente o professor ele não se abre pras novas propostas, porque ele tem a linha dele, ele segue, e continua do mesmo jeito, vai entrar nomes pra projetos diferentes e vai continuar na mesma linha e as pessoas novas, elas acabam se engajando no mesma linha, porque querendo ou não, o professor antigo ele tem aquela influência né? É porque ele é novo, quando você entra num lugar novo você vai tentar se encaixar né? Se você for diferente, começar a fazer coisinha diferente, o povo exclui, você começa a falar ah, eu vou fazer isso, começa levar o aluno lá para fazer o projeto, a sala dela, ah ela quer se aparecer, ah aquela lá, ah não vai dar conta da sala, você entendeu? Aí o professor ele vê que ele é diferente, vou ficar dentro da sala de aula, então dificilmente você vê...grupos em sala de aula, porque o número de alunos é muito grande, a indisciplina é terrível, então você não vai ver isso, se você tentar fazer um outro vai te quebrar porque, aí os pais vem também, mas a professora não ta dando nada, então se você passar o dia todo sem dar nada no caderno o próprio pai e a mãe ta acostumado com lição e atividades, você entendeu? Então continua do mesmo jeito, mesmo com idéias, mesmo você apresentando as propostas que da pra fazer, a própria curiosidade, não enfrenta, infelizmente.

11. A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de um modo

geral. O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?

Isso, aí voltou na outra questão né? Do trabalho pedagógico, bom, é hoje é como eu falei né? A gente tem mais liberdade pra ta discutindo, ta avaliando aquilo que ta trabalhando né? É você consegue é...com os projetos né, trabalhar a interdisciplinaridade, então você tem mais abrangência, pra ver como ta a sua sala de aula e a partir daí trabalhar né? Então, tem mudança significativa sim a partir daí.

12.No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

É então é, o nosso planejamento é feito assim é no início do ano a gente conhece um pouco da realidade da escola né? E aí a gente vai montar o planejamento da escola dentro da necessidade do aluno, então a gente vai ver o que que ele ta precisando nesse momento, a gente realiza uma sondagem com ele no início e a partir daí agente vai montar a nossa proposta dentro daquilo que o aluno ta precisando pra que? Pra você dar continuidade, não é mais igual era antes prontinho, porque antes era prontinho mas o aluno, não precisa você trabalhar o alfabeto com ele, ele já tava já fazendo o texto, e as vezes a gente voltava tudo de novo até chegar onde ele tinha parado e hoje não, hoje o nosso trabalho é feito em cima daquilo de onde o aluno parou e aí, a partir dali a gente vai dando seqüência pra quê? Pra não ter essa desmotivação, que você voltar tudo de novo cansa né? O aluno, putz, eu vou ver isso de novo né? Daí o próprio aluno se desmotiva, aí com o professor dando continuidade, mesmo com aqueles alunos que tão um pouquinho mais atrás, a gente acaba agrupando eles, então trabalhando, colocando ele com aquele que ta mais avançado, pra ta ajudando ele a avançar também, aí a gente faz, um reforço paralelo, a gente faz o reforço contínuo pra aquele aluno que não conseguiu chegar ali ou né? Ta estacionado ainda, pra ele poder avançar, tá?

13. Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?

Não né? Não, os professores infelizmente não tem.

13.1. Por que você acha que os professores não compreenderam?

É por causa disso, é com esse ciclo, essa continuação de ciclo tem muitos professores que não entenderam que você tem que trabalhar a partir do que o aluno, então no primeiro você trabalhou o alfabeto, no segundo ano eu vou trabalhar o alfabeto? Não, eu vou trabalhar sílabas, né, um exemplo, e o terceiro ano? Vou trabalhar alfabeto e sílabas? Não, eu vou trabalhar textos e no quarto ano eu vou trabalhar interpretação, mas o professor não, ele volta tudo de novo, em vez dele continuar aquilo não, ele volta, então ele não tem essa compreensão por isso, porque o ciclo é uma continuação e não uma volta, então é por isso que não funciona, infelizmente.

14. Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do ensino médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?

É por isso mesmo né? Como o professor, ele não tem a compreensão desses objetivos, então na hora que ele vai trabalhar as atividades dele, ele não trabalha dentro dessa proposta. Se ele não trabalha dentro da proposta, o aluno ele não vai entender, quando vier uma avaliação, ele vai ler aquilo e pra ele não vai resolver nada né? Porque as avaliações que vem pro aluno é tudo dentro dessa proposta e é tudo atividade pra ele pensar, não é mais aquele mecânico né? Então se ele não pensar naquilo, ele não vai ter resposta, então é por isso que o...o índice é baixo, mas eu vejo também no ensino médio, no ensino II, também, não é no ensino fundamental I não, porque o que falta pro aluno é a compreensão da leitura e da escrita dentro da proposta. A proposta então o que que o professor tem que fazer? Desde o início do ano ele trabalhar atividades que estejam dentro da proposta do ler e escrever e muitas vezes o professor só vai trabalhar quando falta um mês pra avaliação, aí não adianta e a escola ela fez uma coisa boa, então nessa

semana nós tivemos um simulado, então todos os alunos realizaram uma avaliação dentro da proposta, então durante fevereiro até maio, todos os professores trabalharam dentro da proposta as atividades, como é o ler e escrever, nós depois sentamos no final de maio, elaboramos avaliações, aí foi passado pela coordenação que avaliou pra ver se estava a contento, e nos outros dois dias, que foi ontem e antes de ontem, eles fizeram um simulado. Então quer dizer, a gente já ta preparando eles, porque quando chegar aquele simulado, o aluno ta pronto, e aí sim vai ter um resultado positivo, mas se a escola não fizer isso, sai índice baixo mesmo, um mês não tem como você trabalhar né? Por que a proposta já ta aí a quantos anos? Como é que o professor só lembra de trabalhar um mês antes? Entendeu? É aí que ta o problema né? Por isso que ta tendo esse choque, é isso mesmo.

## Entrevista C.

### Profa. do Ciclo I.

Realizada em 25 de junho de 2009.

1. Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?

Na década de 90, desde o CPI? Das mudanças, todas? Eu acho que assim... houve sim algumas mudanças na educação em geral, com essas mudanças propostas no governo, só que eu acho assim que foi muito jogado, eu acho que foi muito jogado que nem, eu sempre penso assim e acredito, que as pessoas que regem essas mudanças, que fazem essas propostas, poucos são aqueles que vivenciaram a sala de aula, porque você vivenciar uma sala de aula, num colégio pra elite, num colégio particular, se ta ali, deu aula ali, de repente você vai pra secretaria da educação faz um projeto, implanta esse projeto e solta pro estado em geral, é uma coisa, agora você ta ali na periferia, trabalhando com as crianças da escola estadual mesmo e você vendo as dificuldades e você lançar um projeto, é outra coisa totalmente diferente, então eu acho assim, por isso que até hoje, o que vem implantando do governo, o resultado não é cem por cento, porque eles vem, eles fazem coisas que eles teve experiência lá fora ou então teve experiências com escolas particulares, com crianças de outro nível e levam pra dentro da escola estadual, o que acontece? Com isso, o nosso resultado nunca é cem por cento e a culpa vem em cima de quem? Dos professores, porque é nós que não soubemos trabalhar, quer dizer, o curso, primeiro implanta-se uma... proposta, depois se dá o curso pro professor, primeiro ele vai trabalhar com o aluno, depois... e aí? Aí entra no caos, que entrou durante todo esse tempo.

2. No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena Guimarães Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?

Dos três, o Chalita foi o que pra mim parecia que...é, ia dar tudo certo. Mas acho que também é outro que entrou com uma visão, segundo ele que tinha

dado aula na periferia tudo, no caso acreditava, eu acreditava que ele ia ver mesmo o lado da criança em si, da escola estadual, eu acho que do... Volta a pergunta pra mim.

Refiz a questão.

Mais humana foi a do Chalita, tanto das crianças quanto do funcionalismo, dos professores em si, acho que ainda foi o mais humano.

2.2E a Rose e a Maria Helena? A Rose foi anterior ao Chalita.

É, a Rose não podemos falar também, porque ela tinha um jogo de cintura, ela veio com uma proposta até mesmo que boa, só que ela pecou em algumas atitudes dela né? Quando implantaram essa proposta, ela quis exigir dos professores, eu acho que... Tanto do professor, quanto do aluno, eu acho que não é bem por aí e tem que ser... ela era um tipo de pessoa arredia, não aceitava conversa com o professor, com o sindicato, com ninguém né? É o tipo daquela pessoa que, eu vou fazer, é assim que tem que ser e não é assim, e a partir do momento que fala que o professor tem que trabalhar unido, então a união já tem que vir lá de cima né? Acatando nós desde lá, até chegar nos alunos né?

2.3E a Maria Helena?

A Maria Helena eu acho que foi um caos, ela quis realmente mudar tudo bruscamente, não vou falar que é uma proposta ruim não, se fosse uma coisa que tivesse sido planejada, projetada, sem ser jogado, é uma coisa que daria certo, porque esse ler e escrever, esses livros que tem, é um guia pro professor, não to elogiando não, mas acho que é um guia, até melhor mesmo do que os próprios livros que vinham antes, porque ali você tem como trabalhar o aluno, porque trabalhar, é, você tem passo a passo, então eu acho que foi válido, só que como ela passou e como ela colocou as exigências, pecou nisso e falhou bastante né?

3. A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os

professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?

Não, acho que teve, porque o medo da mudança né? O novo assusta todo mundo né, eu acredito assim, porque nas escolas a qual eu já passei, que houve bastante resistência tanto de professores quanto de direção também, e acredito que ainda há um pouco de resistência, tem professor que ainda não acredita né? Nessa nova proposta né? Eu acho assim que... ainda há resistências.

3.2 Mas essa resistência está de que forma? Os professores estão trabalhando?

Os professores estão trabalhando com a proposta, porém fica alguma coisa em defasagem né? Porque ele pede uma coisa pra você, essa proposta do Ler e Escrever por exemplo que a Maria Helena lançou não deu certo, Maria Helena foi das cartilhas né? É assim, ele dá ,a gente trabalha com o ler e escrever, mas a princípio era pra trabalhar só o ler e escrever, não era pra gente mesclar com as outras atividades, só que quando vem o SARESP, vem o ENEM, ou vem as outras avaliações vinda pelo governo, não é isso que pede. Pede o que? O básico do que vem sempre, é igual você trabalhar só português e matemática e quando veio o SARESP caiu ciências, história, geografia, a qual a criança não tinha visto, então acho que isso deixa muito a desejar, porque hoje a gente só pode pedir uma coisa, a partir do momento que você já viu, você não consegue fazer uma coisa que você não viu.

3.3 E no ler e escrever não tem essas outras disciplinas?

Agora ta tendo, mas é tudo junto da matéria, do livro só, que nem, pecou, no ler e escrever quando jogou para 3ª e 4ª série, porque veio o livro só do professor, não tem o livro do aluno, é, não se pode pedir material do aluno suficiente, então você pede folha sulfite, porque como é que você vai fazer as atividades que ele pede lá no livro, por exemplo, ele dá uma... fábula, aí depois ele fala do caderno é, fazer as atividades do caderno II-D, só que não dá pra você passar na lousa, porque às vezes é três folhas, então você tem, dá as fábulas para eles lerem, então você precisa de folha de sulfite, você não pode pedir dinheiro da xerox, tudo, quer dizer, se torna difícil de você

estar fazendo um trabalho que não veio o livro, é lindo, é bonito?É. Mas ficaria melhor se tivesse o livro das atividades do aluno, assim como tem as primeiras séries, porque eu já dei aula o ano passado pra primeira e, sabe, então pegava o meu guia, junto com o deles.

3.4 Então é só a primeira série que tem o caderno?

Só a primeira. Agora não sei se esse ano veio pra segunda porque eu estou com a terceira. Terceiras e quartas só o livro do professor mesmo, você tem que ficar fazendo matriz, tem que tirar xerox do seu bolso, pra poder ta seguindo o livro.

4. Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma? Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?

Não. Não. Não. Eu acho que foi igual os outros que veio, jogado, porque quando eu entrei nessa escola, é...pra dar aula pra primeira série, aí cheguei na escola, simplesmente ela falou assim, olha, os alunos vão usar esse aqui, é o ler e escrever, não tava tendo ainda curso né? Ou talvez com os coordenadores, eu só sei que nós professores não, então você pega uma sala com 36 alunos, você dá lá um livro que ta escrito...vamos supor uma música lá, meu pintinho amarelinho tal,tal, tal, depois tem uma atividade pra criança fazer, ou então não, melhor, a primeira página é pra criança fazer a relação do nome dos alunos da sala, dos colegas e o telefone, era uma agenda, criança de primeira série que veio de EMEI, ou veio de creche direto, que não são alfabetizados, diga pra mim, como que ele ia escrever o nome do colega, se são todos, os trinta e seis colegas tinham que estar naquela agenda e o telefone e depois foi pedido, na provinha deles isso daí, que eles colocassem o nome dos três colegas na avaliação do ler, então eu acho assim que, sabe, nós não estávamos preparado nem os professores e nem os alunos pra receber.

5. Dê um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?

Aqui. Aqui é meu primeiro ano, não sei.

### 5.2 Mas esse ano os professores estão acatando?

Tão. Eu acho que daqui, dessa escola, os professores são os mais que tão acatando, eles...estão trabalhando...há uma união muito boa, a gente ta trabalhando em cima do ler e escrever mesmo, as atividades, tudo, tanto com o professor de educação física, como a professora de arte, todo mundo, acho que ta, nessa escola aqui acho que ta, e nas outras também, pelo que tenho passado, as outras escolas que eu trabalhava, porque agora os coordenadores tem curso né? Eles passam pra gente o que é pra fazer, como é pra ser feito, acho que esse ano, na maioria das escolas estaduais deve ta encaminhando sim.

6. Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?

Sim, eu acho que o professor, ele...pode trabalhar com alunos, é...vamos supor, diferenciado né? Então é um trabalho mais diferenciado, é, você pode...é, trabalhar com diversos recursos né? É...não é mais aquela rotina, que você segue, aquela coisa, não, você tem, é, abrange mais, vamos supor jornal, um monte de outras coisas.

7. O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações. Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?

Eu acho que sofreram, porque nós nos baseamos tudo no ler escrever, pra montar esse plano de ensino e...assim, como eu falei na pergunta anterior que, o trabalho seria o trabalho mais diversificado né? Que seria...é, trabalharia mais livre com as crianças, mais é o dia a dia deles...o material mais é...

### 7.2 Saiu do trabalho tradicional?

Saiu do trabalho tradicional, é, saiu bastante, pelo menos eu sai bastante, eu já não trabalhava tradicionalmente desde que eu entrei no estado, não sei se

a Sandra (coordenadora) comentou isso, sempre gostei de ficar diversificando.

8. Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino? Qual sua compreensão sobre essa questão? Dê que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?

... Não entendi.

8.2 Ensino, assim, o que você entende por ensino contextualizado?

Minha explicação: Contextualizado é assim, bom o que eu entendo é assim, geralmente Ciclo II e Ensino Médio, as pessoas, tem uma questão de interdisciplinaridade, de contextualizar o que o aluno ta tendo com fora da sala de aula, do cotidiano.

Ah, trazer o de fora pra dentro da sala de aula, aproveitar o dia a dia?

É, nós trabalhamos também assim, muito com o que a criança trás, né? Por exemplo, é...vamos supor, aqui, nosso bairro tem enchente, então assim, olha, hoje foi a chuva, então a gente, vai ta comentando sobre isso, aqui é uma avenida perigosa, tava falando sobre primeiros socorros e foi bem num dia em que uma senhora foi atropelada, então a gente aproveita isso como, a gente veio comentando como foi o socorro do bombeiro com essa senhora, quais foram os primeiros socorros, quem é que tinha ali, tudo, então a gente aproveita assim, quem é que veio de casa pra poder ta na escola, eu acho que é mais fácil a aprendizagem assim também.

9. Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade . Como você analisa essa questão. No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma? Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Avaliar os resultados dessas atividades? Indicar o que elas acrescentaram pedagogicamente em seu trabalho?

No geral?

9.2 É, no geral, os professores trabalham com a interdisciplinaridade?

Não, a segunda série trabalha e a quarta série são, por área né? E nós da terceira série, trabalhamos só em conjunto com os professores, só assim, pra discutir planejamento. A gente discute, igual, eu do aula de canto né? Pros alunos, dentro dessa aula pro coral, a gente já envolve a letra de música com letra que é trabalhada na sala de aula, com os alunos, tanto em português, história, geografia, é tipo de textos, se é um poema, se é uma fábula, se parece ser uma fábula, dentro da saleta de música a gente coloca mural, depois trabalha ela cantada.

10. A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?

Ah houve, aumentou... eu acho que o professor, eu sei que aumentou a hora de atividade, HTP, é...a cobrança, é bem mais, a cobrança para os professores, tanto para os professores como para os alunos, que a gente também tem que cobrar dele, ah, eu acho que mudou bastante. A escola ficou mais... agilizada.

11. A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de um modo geral. O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?

Mudou. O meu bastante, é... eu sempre avaliei o aluno num todo né? Teve... eu acho assim, que uma avaliação feita que eu acho isso hiper errado, que eu até brinco com ela que se um dia eu fosse fazer um mestrado era voltado pra isso né? Que... não se tem que fazer uma avaliação e naquela avaliação, o aluno tirar nota, eu acho que o aluno tem que ser avaliado a partir do momento que ele entra na sala de aula, até... no primeiro dia até o último dia, porque no dia da prova, o aluno está lá fazendo a prova, eu sou uma, eu...

falar pra mim que é prova, eu no dia da prova eu vou, eu tremo, eu esqueço tudo, agora no outro dia se você pergunta as coisa, eu respondo tudo fora da prova, então eu acho assim, tem dia que você não ta bem, e você vai avaliar o aluno basicamente pela aquela prova? Que é o que acontece, então eu acho que, no meu mudou muito, mas do que eu já, vinha fazendo, né? Que é essa sondagem, a gente aprender a avaliar os alunos pela sondagem, pela escrita, pela leitura, não só pelo geral da prova como era antes, eu acho que mudou bastante sim.

12.No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

No plano, se nós... trabalhamos juntos, é... fizemos juntos no começo do ano um plano de ensino anual, a cada três meses a gente faz um plano bimestral e... qual a outra pergunta?

12.1 Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

Também em conjunto, junto com os professores.

13.Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?

Parcialmente. Acho que, ainda há muita coisa ainda a esclarecer.

13.2 Por que você acha que é parcialmente?

Ah, porque tem um monte de professores que ainda não entende é, o por quê da reforma, vou dar um exemplo bem básico, é... tipo assim, fazer uma sondagem, então a coordenadora vem e fala que a sondagem começa, são só quatro palavrinhas, aí tem professoras que não, colocam vinte palavras ainda, mesmo sendo começando pela polissílaba, até chegar na monossílaba, então eu acho assim, ainda há muita coisa ainda a esclarecer pra alguns professores, outros já tão aceitando a proposta ta? Outros ainda reclamam da proposta, porque realmente é... é cansativa, você tem mesmo que ler, te obriga a ler e aqueles que não gostam de ler... sofrem bastante.

14. Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do ensino médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?

Hum, não sei se eu concordo com essa piora no Fundamental I, porque, eu acho que houve melhora no Fundamental I. Quando é, eu já dei aula pras primeiras séries, na época das três reformas que é essa, com o ler e escrever, eu tinha nessa sala que eu estava no ano passado, eu tinha vinte alunos, não alfabetizados, dezesseis, entre os dezesseis, tinha quatro alfabetizados, o restante era semi-alfabetizado, com essa proposta do ler e escrever, eu cheguei no mês de agosto com... acho que ficou oito alunos, que não alfabetizaram até agosto, dentro dessa proposta e nós fizemos uma provinha com eles em outubro... as primeiras séries foram as que foram melhores na provinha, então assim, é que eu não sei como que o governo faz assim, levantamento.

(Eu) – É medido pelo SARESP.

É, então eu não sei, é outra coisa que eu acho errado, é o SARESP porque pede-se uma coisa, como eu expliquei nas perguntas anteriores, que eu falei de... a gente trabalha com método, chega no SARESP é outra coisa que se pede e... também, avalia-se o aluno pelo aquele SARESP, o SARESP com o professor diferente, vou só dar um exemplo do meu sobrinho, não é porque ele é meu sobrinho não, mas é excelente aluno, recebemos elogios dele, por ele ser ótimo aluno na escola e no SARESP, ele foi pessimamente, mas muito mal mesmo, primeira coisa, o professor entrou na sala gritando, ele era de terceira, de quarta série, não eu acho que de segunda série na época, o professor de ensino fundamental II, um enorme, entrou gritando, vocês calam a boca porque se abrir a boca comigo vocês vão ver só, eu pego a prova e rasgo, eles começaram a tremer, meu sobrinho foi um, começou a chorar e ficou chamando de mulherzinha, você é mulherzinha, fala pra mim? Que criança que vai bem numa prova, que ta acostumada lá com o seu professor, de repente entra um professor que não é nem do ensino fundamental I, é do ensino fundamental II, não tenha nada contra, mas não tem uma...

preparação pra lidar com aquela criança, aí é onde acontece o caos do SARESP, porque eu também, tive alunos na terceira série que eram excelentes alunos na escola, tudo e foram muito mal no SARESP no dia.

## Entrevista D.

### Profa. De Língua Portuguesa do Ensino Médio .

Realizada em 25 de junho de 2009.

1. Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?

Bom, percebe-se sim, uma mudança significativa, é... com relação até mesmo ao aprendizado, porque é, você ficar, naquela conduta de método tradicional, que vai acontecer? As crianças vão ficar sistematizada a somente fazer cópia, livro, então assim, eu gostei muito da proposta, eu fiz o ler e escrever, fiz teia do saber, porque eu procuro sempre ta me aprimorando devido ta modificando e poder ter um acompanhamento melhor das crianças porque hoje em dia, é, não adianta você trabalhar com o livro didático é aquele, a cartilha, vamos dizer assim, a cartilha, que não é a realidade do aluno, não é, então não adianta ficar se prendendo no ba, be, bi, bo, bu, ali, não, eu acho que tem que trabalhar o silabário? Tem, mas assim, é... tem que ta tudo junto dentro de um contexto né? Você aprende junto a realidade dele, pra poder você ter um... como que posso te falar? É, é, é... um, assim de um objetivo mais, é mais demorado quando você trabalha dessa forma né? Eu não acho, tão demorado assim, mas tem professores que já, tem essa idéia que trabalhar com o dia a dia da criança eles, aprendem mais devagar e eu, eu tenho minha visão que não, eu tenho várias experiências assim, o reforço mesmo, o qual eu trabalho, eu só trabalho com música, parlenda, eu trabalho junto com o dia a dia deles, então essa proposta, acho que pra mim, e pra alguns professores veio pra melhorar, eu acho.

2. No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena Guimarães Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?

A Maria Helena é, que foi essa última agora eu, particularmente não gostei da gestão dela né? Por que que eu não gostei? Ela, cobrava-se muito e, não

dava o respaldo pro professor, ta? É.. então assim, eu fui, assisti uma teleconferência, no ano de 2000... 2007 pra 2008, foi quando foi o ano do jornal, parece que foi isso, no dia 20 de dezembro, onde praticamente não se tem mais nenhum professor na escola, vem-se essa teleconferência, eu, como professora de Língua Portuguesa eu fui nessa teleconferência e foi colocado que nós tínhamos que desenvolver o jornal, né? É, no comecinho do ano nós tínhamos 45 dias pra desenvolver esse jornal, agora, os professores já estão, muitos já estão viajando, não sabiam nem o que que tava acontecendo e aí foi jogado essa bomba na mão da gente, sem curso, sem uma prévia, simplesmente os professores retornariam de férias, eles tinham 45 dias, isso no total, porque era um... tantos dias para você conhecer, a proposta, no caso o jornal e, tantos dias pra você aplicar, e tantos dias pra você já vir uma prova de lá de cima né? Da Secretaria da Educação, pra ser aplicado só pra aquele jornal. Jornal esse que veio, faltando folha, erros de grafia, veio faltando mesmo o jornal, tínhamos que ta ligando de uma escola pra outra, pra fazer um encaixe e, então assim, eu achei que foi assim, talvez, lógico né? Ninguém pega de má intenção. Foi uma boa intenção ela dar esse respaldo pro professor, ao mesmo tempo, é... ficou como se o professor não soubesse dar aula, porque tinham conteúdos, no jornal, que não é da realidade estadual e sim de um colégio São Luiz, no Etapa, ta? Foi perguntado pra ela nessa teleconferência, temos 45 dias pra cumprir com esse jornal, é... o aluno que não sabe ler e escrever? O que que a gente vai fazer com esses alunos? Ela deu uma enrolada, não respondeu, em outras palavras, se vira, o prazo é isso, se ele sabe ler ou não problema é seu, você é o professor, você vai dar conta do negócio, e assim foi feito, as crianças que não sabiam ler nem escrever, não pense que veio jornal diferenciado, ou com uma proposta, olha você pode adaptar essa música pra determinada, texto da língua portuguesa, não, veio como disse, com erros de grafia, erros de impressão né da gráfica, tinha lugares que você não enxergava o que tava escrito, tinha frases inacabadas, então assim, foi uma decorrência de trabalhos assim, sem contar que era um jornal assim, é, é, é, ruim de eles tarem carregando aquilo pra casa, pra escola, pra casa e pra escola, que era um volume né? Em tamanho também desproporcional a um livro então foi muito complicado, muito complicado, apesar dela ter tido essa boa intenção,

mas muitos colegas, é, trabalharam, porque fomos assim, é não foi uma, você trabalha junto com o seu planejamento, não, não foi imposto, é, não foi sugestivo, foi imposto, não é? E eu acho que tudo que se impõe, que você é obrigado a fazer, não funciona, porque aonde está o livre arbítrio? Né? Então as coisas ficaram meio conturbadas com relação a essa gestora e eu tenho essa crítica devido a esse fator do jornal que foi uma bagunça, o jornal não chegou em tempo hábil, e depois teve a prova, então assim, foi realmente nós tivemos bastante problemas, teve escola que foi tudo lindo, maravilhoso, todo mundo trabalhou, foi tudo né? Os jornais, vieram todos inteiros e teve né, na escola mesmo que eu trabalho, que não é necessário acho que citar o nome né? Então a escola mesmo onde que eu trabalho é, é uma escola grande né? Tem um índice grande de analfabetismo, e foi uma escola que mais problemas de jornal nós tivemos, então assim, nós recebíamos um bloco de jornal correto, o outro bloco nós tínhamos que adaptar, pegar um de outro, ah não sobrou, faltou, liga pra tal escola e vai pra diretoria, e foi assim, até o término, 45 dias, aí veio a prova... não lembro se foi a prova Brasil, mas eu me lembro que veio uma prova, não me recordo o nome do logotipo agora, mas veio uma prova, pra ver se o aluno tinha aprendido aquelas atividades, que tinha coisa ali, vou ser sincera, é, atividades, que, que, nem o professor lembrava mais, né? Tivemos que discutir, talvez até foi bom, por um lado, foi bom, pra poder, os colegas né, não ficarem se achando sou autodidata, eu já sei tudo, não preciso de nada, por um lado, eu até achei que foi bom, por outro lado, ficou essa imposição, que eu não achei legal, porque você não teve liberdade neste ano de trabalhar o seu planejamento, você teve que adequar o seu planejamento ao que eles estavam pedindo, e assim é até hoje, né? E assim é até hoje, ai depois disso foi que vieram os livros né? Essas, os cadernos né? Mais os cadernos né? Eu gostei, eu gostei muito dos cadernos, eu acho que tem conteúdo sim, eu acho que dá, é proveitoso sim, os alunos tem interesse sim, são aulas, que como eu disse, eu gosto de trabalhar diferenciado ta? Não gosto de giz, lousa então é, são aulas que você tem como você ta é montando e fazendo um trabalho diferenciado, né? São sugestões bem, que dá pra você acatar e falar não, isso aqui é legal, realmente dá pra fazer, algumas coisas assim que fogem um pouco ainda porque os filmes que eles dão sugestão ali pro professor esta, adequando

também a matéria, é alguns filmes, então tínhamos, é tinha que ta baixando pela internet e, e, na escola não tem como você baixar, não tem esse programa e, assim, você tem que ta baixando em casa, em casa você não tem tempo, bom, enfim, eu, é muito mais fácil um filme é, é, mais recente né? Que você vai até uma locadora e você aluga e trás pras crianças do que os filmes né? Eu to com dificuldade até hoje de achar o tal de Mal, Marvada Carne, e eu preciso só do trecho dessa Marvada Carne e assim, diversos locadoras que eles desconhecem, pra eu baixar pela internet meu computador ta com problema, então assim, é com relação a alguns tipos sugestivos que tem no livro, é que eu tenho essa ressalva que já é a gestão do Renato né? É, mas fora isso... agora o Chalita já não, o Chalita a gente costuma brincar que o Chalita era tudo na paz, ele não perturbava ninguém, é... ele não ajudava ninguém mas também não perturbava ninguém né? Então as coisas, não corriam soltas, mas você tinha uma linhagem mais assim, é... você tinha um planejamento, você seguia o seu planejamento, você tinha... eu sou a favor das avaliações, então, você tinha a sua avaliação, não era como é agora ou você faz ou você faz, não tem meio termo né? Eu gostei muito da gestão do Chalita que foi aonde eu fiz o ler e escrever né? Que hoje é o ler e escrever né? Porque era letra e vida e... fiz teia do saber, tudo na gestão do Chalita e fiz alguns outros cursos, conheci em Suzano a produção da folha de sulfite mas tudo dentro de um conteúdo, eu fui também pra... pelo circuito, numa reunião né, em Águas de Lindóia, é teve um... foi Museu dos Imigrantes também, então assim, eram alguns passeios né? Passeios que você aproveitava e muito na gestão do Chalita né? E do outro, do anterior ai, da Rose, da Rose Neubauer só Deus na vida né? Não, a Rose Neubauer deixa ela de lado, porque, aquela mulher tem um parafuso a menos né? Então ela é, não tem nem palavras, porque uma pessoa é... como diria assim... o professor é burro, é literalmente isso, o professor é burro, o professor não sabe nada, então ela sabia tudo. Dessa parte ai, só.

3. A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?

Não entendi, você pode repetir.

### 3.1. Repeti.

Reforma? Do professor fazer a prova?

### 3.2. Não, essa reforma, dos cadernos, como que os professores receberam?

Olha é, os caderninhos, é que nem eu já falei pra você, é o seguinte, os caderninhos... eu tenho colegas que não estão trabalhando ta? Eles não, mas já não é um problema é... até de... não é um problema com os livros ta? É isso eu posso dizer, apesar de termos os erros de português, nos meus livros de Língua Portuguesa eu não encontrei nada assim, gritante né? E mesmo o livro de geografia eu acho que não precisava desse alarde todo que foi feito, houve um erro, de gráfica? Houve. Assim como foi de geografia, poderia ter sido de inglês, de qualquer outra matéria,ta? É um erro gravíssimo num mapa? É, mas espera ai, vamos redesenhar o mapa, vamos mostrar pra criança o a + b e ignorar aquela parte ali. Né? Então esses que são contra esta reforma, é que fizeram esse estardalhaço todo né? E... são coisas assim, houve muita resistência, e há ainda muita resistência, é... eu dou aula numa escola particular também que tem uma amiga minha que ela se recusa, como disse não é um problema, dos livros, é... problema político, né? E... então, eles se recusam a ta trabalhando, e tanto que na escola dela, muitos dos alunos, eu falo porque eu fui lá, eu estive lá, eu tenho conhecimento com o pessoal de lá e eu cheguei lá e os alunos usam livro, o próprio livro didático, não apostila né? Tem uma professora que... ela, ela dá a apostila de cabo a rabo, do início ao fim, né? E faz aquela, intermediário, do livro, numa escola de 18 salas, ta? Os demais, todos, usam, livros, né? Então assim, a proposta então ficou assim, é, vamos dizer que... sei lá, 30%, a porcentagem é, 40% aceitou né? E os demais ainda não aceitaram não aceitaram essa proposta.

### 3.3. Você acha que a maioria não aceitou?

Eu acredito que a maioria não tenha aceitado não, porque mesmo que tenha pego o livro, que esteja assim em sala de aula, mas eles estão mais dando ênfase ao livro didático, não que tenha que deixar de usá-lo, que ele é essencial também, que é um apoio, mas a apostila tem conteúdo, tem coisas

boas ali, que dá pra você passar pro aluno sem ter aquela coisa isso não vai servir de nada não, são apostilas boas, ta numa linguagem muito bem, é uma linguagem padrão bem esclarecida, ta muito bem clara, não é dificuldade pro aluno entender como no jornal, que era tudo apagado, tudo. Então assim, eu acho que é, problema político mesmo, não é pela... pelo material não. É mais um problema político mesmo.

4. Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma? Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?

Não, não teve, é como eu to te falando, foi acho que em 2007, se não me falha a memória, foi no final de 2007 para 2008 que houve essa transição que foi onde começou com o jornal, e chegamos onde estamos, que são as apostilas, entendeu? Então não houve assim uma prévia, não houve, em dezembro, fechou o ano, tudo bem, feliz natal, feliz ano novo, tchau, vamos pra sua casa, opa! Tem reunião amanhã! Se ta na sua casa, se ficou sabendo o quê? Então tem sim, tem teleconferência, tem é... é, cursos, tem é... tem vários informes, tem até mesmo uma proposta curricular disponível na internet, foi feito um site pra isso, né? É pra todas essas informações, inclusive esse site chama-se é, São Paulo faz escola, e nesse São Paulo faz escola, é, lá você vai encontrar passo a passo dessa proposta curricular, só não lê quem não quer, ta? Então não é não é dizer que o professor está mal informado não, ta? Ele ta sim ta sim sendo é, obrigado a trabalhar com essa proposta, mas ele tem assim, vamos dizer que um bom par né? Agora, tem professor que não sabe mexer no computador né? E também não se interessa, eu acho que, eu, eu fico besta que eu tenho uma madrinha de 79 anos e ela mora na, agora, atualmente ela ta em Portugal e ela conversa comigo pelo MSN, no, no, na webcam e eu esses dias eu tava com um namorado novo, 79 anos, ela faz 80 agora, no mês de julho, ela falou assim, manda ele ficar em pé, que eu quero ver ele, em pé, olha só, e ali ela conversando, entendeu? Então assim, porque que um colega de 30, 40, 50 anos não tem essa habilidade? Então é um pouco falta de interesse, ta aí, você não tem pra onde correr, ou você faz, ou você faz, então vamos procurar

fazer o melhor, tem que fazer o melhor, eu pelo menos penso dessa forma e, e, e há resistência sim, entendeu? Mas não é dizer que não tem documento, não é dizer que não tem material pra você dá uma lida, opa, que que é proposta curricular? Tá lá, o que que tem? Não é isso, ta? Então tem sim, é um site é São Paulo faz escola, e lá tem é, se você não quiser ler, tudo isso eles pensaram ta? Se você não quiser ler, tem a parte de, de, videoconferência, você clica lá e você vai assistindo, você vai ouvindo, você vai lendo, então é assim, tudo no profissional, se o profissional tem bom interesse ele segue a frente, mas se não... é como um médico né? Se ele vai te dar uma receita ele nem olha pro seu rosto ele receita um AS e muitas vezes ele nem sabe pra que que serve aquele AS, então é, o professor ta no mesmo patamar, ele, simplesmente ele entra na sala de aula, ele acha que a lousa e o giz é o suficiente, então assim é, eu até nem contesto sobre essa prova, lógico, a diminuição de aula, tudo, que ta pra ocorrer, que foi aprovada, eu com 18 anos de magistério, sou uma pessoa nova não tenho 40 anos ainda... mas eu acho que serve pra dar uma sacudida, entendeu? Porque eu procuro me reciclar, eu vejo colegas que tão saindo da faculdade, tão entrando na sala de aula sem nunca ter, visto um aluno na frente, então assim, se ele é professor de história, ele não ta preocupado se você ta alfabetizado ou não, ele vai dar a matéria dele, se você vai acompanhar, ótimo, se não acompanhar, você que saia da escola, então eu acho que isso não é legal, porque você tem que trazer o aluno pra você, você tem que fazer que o aluno vista a tua camisa e você tem que falar a língua do aluno também porque o que que adianta você dar aula pra meia dúzia e os outros? Então eu acho que essa avaliação que eles exigem ser feita com os professores, eu acho que é bom, agora eu acho que corremos um sério risco, essa última prova que teve o que que aconteceu? Os professores fizeram uma prova, ficou aquela vai fazer, não vai fazer, vai valer, não vai valer, bom, fizemos a prova, ótimo. Eu tenho colegas que se formaram no ano passado, nunca deram aula, inclusive um deles é superintendente da Embratel, e ele se formou, ele fez administração, fez bacharelado em matemática, bom enfim, professor de matemática, e ele foi muito bem obrigada nessa prova, agora, ele nunca passou numa sala de aula, será que aquela classificação boa que ele teve, como é que vai ser numa sala de aula? Ele vai segurar 50 alunos?

Ele vai dar conta de 50 alunos? Uma coisa é você tá ali no papel, outra coisa é você ter a prática de sala de aula, isso não, não é significa que aquele professor que tem anos de casa, tenha... é, não compromisso, tenha um... é, ele domine bem as salas de aula e muitas vezes você passa e determinados professores que têm há anos, e muitas vezes tá uma baderna e a... atividade que é bom né? Então eu acho que isso influi, o domínio em sala de aula é a atenção, porque você tem que dar uma aula que interessa porque senão a sala se dispersa né? Então é isso que eu fico pensando, com relação a essa prova, por outro lado, eu acho positivo, porque tem muitos amigos que eu falo, e falo pra eles mesmo, você não tem capacidade pra tá em sala de aula, não sei o que você tá fazendo aqui, tá em profissão errada, eu falo, tem um que tá até meio assim comigo, eu falei mesmo esses dias pra ele, você não dá conta nem da tua vida, olha a situação dos seus alunos tá? E é assim, eu o que tenho que falar eu falo mesmo e, então assim, ele ficou meio assim, mas ele é um professor novo, entrou agora na rede, então ele tá perdido ali, ele pode até ser um bom professor, mas ele não tá conseguindo passar essa mensagem pro aluno, e aí... quer dizer, ele não sabe lidar com aluno que não sabe escrever, ele deixa de lado, isso é errado, ele manda pra fora, ele põe carteira no corredor, sabe, ele põe carteira assim, na sala de aula, ele põe na porta, ele põe uma cadeira e aquele infeliz, lógico, o que ele vai fazer numa sala que você tá falando inglês e ele não sabe nem o português? Ele vai pentelhar, ele vai perturbar. E você não percebe que o aluno tá chamando atenção, opa, então eu vou fazer raiva, dá pra você prestar atenção em mim? Então ele faz tudo o que não é pra fazer, e é onde ele se estressa com esse coitado e põe pra fora.

5. Dê um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?

Como assim um impacto?

5.1. Um impacto assim, de aceitação ou não.

Ah é que nem eu disse, os livros assim, é são conteúdos bons, eu particularmente eu acho, eu gostei dos livros, não acho que são ruins não, mas tem esse problema político, não é nem o que eu penso, não seja nem

uma questão dos livros em si, porque se o livro, se não é bom pra mim não é bom pra você, por que que eu uso, você usa, o outro usa, o outro usa, e uma meia dúzia, então eu acho que isso é um problema político, acho que não é do conteúdo não, porque veja bem, eu na minha época eu não tive esses kits aqui, não sei se você já viu? Isso aí é do aluno, entendeu? Foram mandados, três obras, Machado de Assis, a... Clarice Lispector, a... tem um outro, é Érico Veríssimo e mais umas outras obras que eu não me recordo agora porque também são de outra série, cada série tem uns livros né? São livros para os alunos, que nós sabemos o valor, tudo bem, são alunos de periferia, são alunos que vendem droga, são alunos que o pai ta preso, a mãe ta presa, bom, eles não vão dar valor pra esse livro, eles vão jogar esse livro no lixo, vão da pra criança brincar, rabiscar, mas quanto que ele não gastou esse livro? É dinheiro nosso, não é do bolso deles, é dinheiro nosso que ele investiu, eu precisei de livros, quando eu fiz a minha faculdade de português e livros que, hoje ta aí, livros que se você for ver, o Érico Veríssimo, ta o que, uns R\$50,00 ou R\$40,00 reais. Então assim são livros que eles investiam, agora, daí a criança aproveitar é outra coisa, mas o material em si, que eles estão investindo, é um material bom, não é um material ruim não, é um material muito bom, eu, como professora do ensino médio, eu sempre falo pra eles, não joguem fora, não dêem pro cachorro comer porque isso lá na frente, pra quem pensa num futuro vai precisar ta? Então assim, eu acho um material bom, acho que eles estão investindo muito entendeu? Agora tem a sala de leitura e mandaram alguns livros né? Eu vi que ontem estavam entregando, veio livro, não sei se ele ta por aqui pra eu poder te mostrar, do Sherlock Holmes, veio Shakespeare, livros novos, não são livros usados, são livros novos ta? Então eu acho que é proveitoso sim, eu acho que o governo ta investindo pesado tudo, agora é aquela coisa, tem o profissional e tem o profissional, tem o profissional que ta abraçando a causa e ta investindo, e tem o profissional que ta assim, oh que chame, eu acho que não é por aí, então tem o salário, que eu acho que, o salário é bom, ajuda, ótimo, maravilha, quem não gosta de dinheiro? Mas eu acho que essa profissão além do salário também tem que ter amor e dedicação, porque senão você não funciona não no estado, se você não gosta você não fica, você encontra desafios assim horrendos ta? De aluno, eu ainda graças a Deus eu ainda

não tive esse problema, pode ser que amanhã ou hoje eu tenha, mas é, você encontra colegas que fala, eu tenho uma amiga que é, que ela foi estuprada na sala de aula, entendeu? E não suporta mesmo, sabe? É coisa que na pública, você ta pra passar a qualquer momento, eu tenho uma amiga que, no trajeto da escola, o cara parou, fez ela descer e levou o carro dela, então são situações assim que você ta correndo risco, o que não tem nada a ver com o material, com a minha competência, com relação ao material, eu acho o material proveitoso, a minha parte eu tenho, estou utilizando, tenho alguns amigos que estão utilizando, tenho amigos no particular, que sabe, que quer, eles dizem, ó eu fiquei sabendo que ta chegando, nossa você não tem? Então assim, pra você ver como é que ta ai fora né?, Mas eu acho que o pessoal usa puramente por marketing, por o material ser conhecido.

6. Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?

O currículo por competências não alterou a minha prática, alterou nada, porque o currículo por competência, o que ocorreu é uma divisão de abordagem no currículo mas, não que tenha alterado, o meu plano de trabalhar, não alterou em nada.

7. O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações. Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?

Ah sim, isso sofreu, porque as alterações que deram foi justamente essa mudança no currículo né? E até no planejamento, porque o projeto tem que encaminhar junto com todos, se um quebra, quebra todo mundo, então quer dizer, aí você tem que fazer a campanha da boa vizinhança, então pra você agradar a Deus, você tem que agradar o outro, então você tem que fazer a campanha da boa vizinhança pra você conseguir o projeto político né?

8. Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino? Qual sua compreensão sobre essa questão?

Dê que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?

Eu acho bom o ensino contextualizado né? Que você tem como você ta ensinando né? Você ta trabalhando mais, com várias informações né? E... eu acho assim, quando eu faço um trabalho diferenciado, é muito mais fácil você ter uma visão, um contexto no geral, do que quando você não tem um trabalho diferenciado, eu como eu já trabalhava dessa forma, então, pra mim assim é muito bom você trabalhar com a contextualização porque você, eu acho que você acaba envolvendo mais as crianças também né? E o seu trabalho também acho que tem mais, é... você tem um pouco, você tem uma produção melhor.

9. Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade . Como você analisa essa questão. No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma? Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Avaliar os resultados dessas atividades? Indicar o que elas acrescentaram pedagogicamente em seu trabalho?

Olha, aí cai naquela questão né? A interdisciplinaridade, você trabalha tudo, você trabalha cidadania, você trabalha... parte sexual, você trabalha tudo. Na parte de cidadania, eu tenho assim, na escola que eu trabalho nós temos assim um trabalho de ta envolvendo a comunidade, temos assim, já temos a escola da família, mas assim tem um amparo total da comunidade e... qualquer que seja o problema que nós tenhamos com o aluno, a comunidade é informada, as atividades também que nós procuramos desenvolver com os alunos, tão sempre voltadas pra os valores que é muito importante desenvolver nos alunos e na também na parte de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série, já procurar também da uma orientação mesmo que for superficial, até aonde eles podem chegar, porque o índice de gravidez é assim, é assim escandalosamente grande né? E muitas vezes um pouco de informação porque, eles vêm no professor, o amigo que eles não tem em casa, então quantos professores já receberam a notícia de que determinada aluna tava grávida, umas que, não abre a boca na sala de aula, e ta grávida né? Algumas que foi estuprada pelo próprio pai, algumas pelo tio, então assim, eu acho que, é, a

interdisciplinaridade, tem muitas mulheres que tá nessa questão, mas eu vejo que muitas escolas eles tem essa preocupação com a gravidez, com palestras né? É... palestras tantas quanto forem possíveis, palestras sobre drogas, é palestras mesmo de valores né? (sinal da escola, não consegui ouvir).

10. A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?

Olha com essa reforma mudou... pra mim, mudou muita coisa sabe, é, a visão de conteúdo, a forma que você tá explicando, tá conhecendo o dia a dia da criança, e trazendo ela pra aquela vivência, eu acho que mudou muito mesmo essa reforma curricular.

11. A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de um modo geral. O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?

Bom a avaliação eu sempre tive isso comigo, não é através de uma prova que eu vou avaliar o aluno né? Eu, eu sempre falo pra eles que eu dou atividades, precisa de nota né? Mas não significa que é aquela avaliação que é aquela atividade é que vai me dar todo o conhecimento dele, não, eu avalio o aluno pelo dia a dia, tudo que ele faz é uma avaliação, tanto a forma que ele escreve, a forma que ele se comporta tá? Então assim, eu tenho muito aluno do ensino médio que não me dão problema, nenhum deles porque eu sei da vida praticamente de cada um, então você tem que respeitar o espaço do aluno, que ele também respeita o seu e eu não vejo um problema assim com relação a isso porque é aquela coisa, você tem que fazer aquele meio de campo né, professor aluno, pra poder você ter o seu espaço né? Mas eu não vejo problema nenhum nisso.

12.No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

No plano de ensino? Ah sim, é feita uma reunião pedagógica, é feita a reunião pedagógica onde tem o planejamento, é... é são feita a reunião de pais e isso trabalha todo mundo junto né? Trabalha todo mundo junto, diretor, professor, coordenador, há coletivo né? Porque se a escola não trabalha em grupo, entendeu, o professor que ta chegando naquela escola já é individualista, como é que vai ser? (Um aluno entrou na sala para perguntar sobre o reforço e interrompeu).

13.Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?

Como é que é?

13.1 Repeti.

Existe compreensão, existe, mas eles são tudo louco.

14.Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do ensino médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?

Então, esses resultados, ai é que ta o X da questão, essas crianças vem e ai cai também que eu, particularmente eu sou contra, é o... a... como é que fala? A progressão continuada, aquela coisa que vem, vem, vem e para, vem, vem, vem e para. Eu sou contra, que eu acho que se a criança é parada na primeira, é parada na segunda, lá na frente ela vai refletir, o que que ta acontecendo? Ele vem, na primeira, ele vem da segunda, ah mas tem dois professor na sala, e... se aquela criança não atingiu o objetivo, eu acho que tem que deixar sim, eu tenho alunos do primeiro ano do ensino médio que não sabem escrever, ta, ele não sabe escrever e ta no ensino médio, o que que eu vou fazer com esse aluno? Vou reprovar ele? Até gostaria, se o sistema me amparasse, acontece que ele é um aluno de presença (fomos interrompidas com a entrada de uma professora). Então ai, você... ai a

progressão continuada, eu acho que até veio em alguns casos né, que são mínimos né? Aqueles alunos que tão em defasagem mas que já sabem ler, escrever, entendeu? Então eu acho que já veio pra dar uma levantada, da uma empurrada pro cidadão ir mais depressa, agora nos outros casos não, sabe eu ainda sou a favor de fazer o aluno refazer, amadurecer, tem muitos que são muito imaturos, então é, eu acho que ficou complicado esse negócio da, agora, se pudesse voltar atrás seria... seria melhor né? Mas, enfim... não tem muito o que fazer.

## **Entrevista E.**

### **Profa. de Inglês do Ensino Médio .**

Realizada em 25 de junho de 2009.

1. Qual é a sua opinião sobre a reforma da educação em geral iniciada na década de 1990? Dê um modo geral, você percebe mudanças significativas no processo escolar? Quais mudanças?

Em alguns aspectos, positivos, então no caso do ensino médio né? É... as aulas de inglês, eu acho que elas ficaram mais significativas né, com essa nova proposta, é a primeira vez que nós temos um material pra trabalhar com o aluno né, é, em propostas anteriores o inglês nunca teve um material, tinha o livro didático do professor, mas o aluno não tinha ali o livro, o conteúdo pra ele ta seguindo ou poder até fazer atividades em casa, então ficava muito o quê? Lousa e caderno, com a nova proposta não, nós temos a oportunidade de usar a sala de informática, pedir pro aluno fazer um trabalho de campo e são textos dentro da realidade deles, né, então no caso do ensino médio a gente ta trabalhando textos de trabalhos voluntários, como que isso pode ser utilizado numa entrevista de emprego, é uma coisa que eles precisam porque eles estão saindo pro mercado de trabalho, então nesse aspecto achei, favorável, como sempre tem o positivo e o negativo, negativo é que é repetitivo, então o caderno do aluno do primeiro semestre, é o mesmo assunto, com textos muito parecidos e dentro da, eles dão sugestões de outros textos pra você trabalhar mas também muito parecido então acaba sendo um pouco cansativo, poderia ser um pouco mais diversificado.

2. No caso da SEE, desde 1995, as reformas foram efetuadas por três secretários distintos. Rose Neubauer, Gabriel Chalita e a Maria Helena Guimarães Castro. Como você avalia a atuação desses três secretários no processo de reforma da educação em São Paulo?

Bom, dos três, o melhor, Gabriel Chalita, ele tinha... ele tem né, uma visão melhor do que é a escola pública, sendo que, os outros dois deixam um pouco a desejar, as vezes eles exigem coisas que não tem como exigir é... da clientela com que a gente trabalha.

2.1. Que tipos de coisas por exemplo?

É... por exemplo... às vezes eles vem com proposta muito fora da realidade alguns assuntos que é pra você trabalhar com o aluno que é inviável porque por exemplo o aluno do ensino médio principalmente noturno ele trabalha, então ele tem o dia inteiro trabalhando e a noite, ele vem pra escola então não adianta você querer uma pesquisa muito ampla de um determinado assunto porque não rola, então o que acontece? Um faz, geralmente aquele que não trabalha e os outros só vão copiando, porque realmente eles emprestam um por outro, isso, fica um pouco a desejar.

3. A partir de 2007, na gestão do Governador Serra, uma nova proposta curricular passa a ser implantada na Rede Estadual em São Paulo. Como os professores, de um modo geral, receberam essa reforma? Em sua opinião ela encontra simpatia e concordância?

Não, na grande maioria, os professores discordam, porque eles se sentem como se não fossem capazes mais de planejar as suas aulas, porque na verdade essas aulas vem planejadas, vem estratégia, conteúdo, como você abordar o assunto com o aluno, vem tudo mastigado, aliás nem todos seguem né? A maioria utiliza esse material como um material de apoio, ta?

4. Em sua opinião a SEE esclareceu de forma plena, para os professores, o significado da reforma? Foram produzidos documentos de caráter explicativo? Você teve acesso a esses documentos? Eles foram discutidos pelos professores?

De jeito nenhum, não, na verdade, é, a nova proposta curricular tem cada disciplina tem a sua proposta né? Então, na verdade, eu li, porque teria uma prova, então eu li pra estudar, mas assim, não é disponível pra todos os professores, você tem uma certa dificuldade de encontrar o material, tem que ta pedindo emprestado, só que é uma escola pra vários professores, ai dificulta você ter acesso a documentos, mas se você lê esse documento, lá é bem explicado a proposta, dá pra entender é uma coisa bem clara.

a. E eles foram discutidos pelos professores?

Não, nenhum momento, hahaha, não.

5. Dê um modo geral quais foram os impactos da reforma da educação profissional na escola em que você trabalha?

Em que sentido seriam esses impactos, nos professores ou nos alunos?

a. Dos professores com esse trabalho.

É, os professores eles num, eu acho que por ser novo, porque na verdade, é, começou no ano passado né e esse aqui teve uma pressão maior, então, as pessoas ainda estão se adaptando né? A trabalhar dessa forma, dessa maneira, na verdade é uma visão construtivista e o professor ta acostumado a trabalhar naquela coisa mais tradicional principalmente do ciclo II e o ensino médio, o ciclo I não, já tem uma bagagem mais antiga de levar o aluno a construir o seu conhecimento, agora no ensino médio é novo, então os professores ainda tão ali, resistindo, não tão ainda de braços abertos pra nova proposta não.

6. Um dos aspectos centrais da reforma é a introdução do currículo baseado no desenvolvimento de competências. No seu trabalho diário, de que forma você percebe que o currículo por competências alterou sua prática?

Dentro do ensino médio você não consegue ver tanto assim competências, assim, que esse projeto, ele é ideal pra ciclo I ta? Porque quando chega no ensino médio, não tem como você ter realmente uma visão de quais são as competências e habilidades, porque você tem 45 minutos de aula, é, no caso da língua inglesa, tem sala que eu dou aula uma vez por semana, uma vez por semana, 45 minutos, não dá pra você ter qual o diagnóstico de qual habilidade que o aluno, é, sai melhor, é impossível, aliás esse é um ponto que eu não sei porque diminuíram a quantidade de aulas de inglês do ensino médio, porque o inglês eu acho que é realmente importante no ensino médio, onde o aluno realmente vai sair pro mercado de trabalho e lá fora sempre pede uma segunda língua como opção, deveria ter mais opções dessas aulas, não diminuir essas aulas.

7. O processo de elaboração dos planos de ensino sofreu alteração? Você poderia especificar essas alterações. Elas modificaram os procedimentos didático-pedagógicos?

Sofreu, antes pra nós fazer o plano de ensino, isso em duas escolas, porque eu trabalho nessa e em outra, então nós nos reuníamos, sentávamos e discutíamos o plano de ensino, agora não, né, o que eu percebi tanto nessa escola quanto na outra, a gente copia o que vem na proposta do governo, então não tem mais um debate do plano de ensino, porque é seguir aquilo, acabou, então eu acho que os professores não tem mais necessidade de estar dialogando sobre isso.

- a. E tão seguindo?

A maioria, nessa escola sim, a maioria.

8. Outro aspecto significativo presente na reforma é a idéia de contextualização do ensino? Qual sua compreensão sobre essa questão? Dê que forma sua rotina de aula foi modificada por essa questão? Qual sua opinião sobre o ensino contextualizado?

Não entendi, repete por favor.

- 8.1 Agora, a reforma está em cima da idéia de contextualizar o ensino, qual é a sua opinião sobre o ensino contextualizado?

Se realmente ele for trabalhado, vai ser bom pro aluno né, mas isso ainda tá muito novo, muito novo, com poucas explicações, então os professores não foram capacitados pra esse tipo de modalidade de ensino, então deveria rever nesse ponto, tá capacitando os professores pra que isso realmente aconteça.

9. Também é importante no contexto da reforma a questão da interdisciplinaridade. Como você analisa essa questão. No caso da escola em que você trabalha essa questão foi trabalhada de que forma? Você poderia indicar exemplos de atividades pedagógicas que você realizou baseado na interdisciplinaridade? Avaliar os resultados dessas atividades? Indicar o que elas acrescentaram pedagogicamente em seu trabalho?

Bom nessa escola, desde o início do ano foi desenvolvido um projeto com a interdisciplinaridade, que é o projeto nosso bairro, então os alunos estão pesquisando né, de cada área, algo no bairro que tem haver com matemática, história, geografia...

a. E você acha importante trabalhar com a interdisciplinaridade?

Sim, facilita bastante o trabalho.

10.A escola é uma instituição que produziu ao longo do tempo todo um ritual de funcionamento que, aparentemente, faz com que ela funcione mecanicamente. Que mudanças podem ser percebidas na rotina e no cotidiano escolar como consequência da reforma? O que mudou na sua condição de professor com a reforma?

A escola ainda continua sendo uma mecânica, porque nós ainda continuamos seguindo o que querem que a gente siga, né, então não é uma escola autônoma né, então por mais que falam em diversidade né, você trazer coisas novas, ela continua dentro de um mecanismo, onde você segue o que é imposto, principalmente por parte de direção, coordenação, então você tem que ta sempre seguindo as regras.

a. E o que alterou na condição dos professores?

Por enquanto nada, os professores continuam os mesmos.

11.A prática pedagógica constitui-se no momento mais importante do trabalho educativo, pois ela se caracteriza pela razão de ser da escola. Com a reforma da educação como você analisa sua prática pedagógica de um modo geral. O que mudou efetivamente no ato de ensinar, de avaliar, de verificar se o aluno aprendeu ou não?

Bastante, né, com a nova prática pedagógica a gente avalia o aluno mais assim numa situação diagnóstica, é, levando em consideração todos os aspectos e... no processo anterior como que era feito? O aluno ele era avaliado mas com uma prova né? Então, as vezes ele poderia só decorar, ele teve aquela nota, ele decorou, ele fez a prova, ele foi bem, agora não, você leva em consideração, isso até no ensino médio, a bagagem que o aluno tem, né? O conhecimento, o desempenho dele, então muitas vezes ele se esforça

pra fazer, mas tem dificuldade, não consegue, mas o professor consegue avaliar que ele pelo menos ta se esforçando pra isso, diferente do que acontecia anteriormente.

- 12.No caso específico dos planos de ensino como eles são elaborados? Há uma orientação geral e coletiva? Os professores trabalham juntos? Como os procedimentos de aula e de avaliação são decididos?

Então, as escolas estão deixando muito a desejar no fator de plano de ensino, né, então, o planejamento antes ele era feito com todos os professores como eu já falei anteriormente, agora não, entendeu? Então você entra na escola, eu peguei minhas aulas um pouco depois do início do ano letivo, então o que te entrega é o caderno do aluno né? É, o manual do professor e aquilo você segue, então, não tem uma certa cobrança de ta pedindo pra você ta entregando esse plano de ensino, não só nessa escola, isso assim no geral, eu percebi que o plano de ensino ele ficou como segundo plano ta.

- 13.Existe, em sua opinião, uma clara compreensão dos professores acerca dos objetivos da reforma e, portanto, dos caminhos que devem ser seguidos para que seus objetivos sejam alcançados?

Os professores até entendem sim qual é o objetivo, só o que acontece é que nem todos estão seguindo, então o objetivo fica quebrado, então fala muito em progressão continuada, tanto no ciclo I, ciclo II e no ensino médio, isso não ta acontecendo porque nem todos estão seguindo a proposta, então mas eu acredito assim, que é uma proposta boa, tem tudo pra dar certo, mas isso não vai ser agora, acho que daqui um determinado tempo, quando todos realmente começarem a trabalhar, aí vão surgir os efeitos, que vão estar melhorando o nível de aprendizado dos alunos, no momento agora eu acho que é um experimento.

- 14.Os dados apresentados pelo IDESP em 2009 mostram que houve uma pequena melhoria nos índices do ensino médio, pouca melhoria no Fundamental II e uma piora nos índices do Fundamental I. Como você analisa esses resultados?

Eu não acredito no resultado do IDESP, ele é muito maquiado né? É um... resultado, pode-se dizer até que mentiroso, por exemplo, tem escolas que elas teriam que atingir um índice do IDESP maior né, do que o ano anterior, aí esse ano sai o quê? Aquelas escolas que tinham um índice, muito pequeno, elas saíram como vitoriosas porque elas melhoraram o índice, só que aquelas que já tinham um índice alto, 4,5, não se compara com a que melhorou que tem 2,3, então eu acho que essa que tem 2,3, que vai receber o mérito, não é um mérito verdadeiro porque a outra já tem um índice maior, com isso ela acabou sendo rebaixada, então que índice é esse? 2,3 é melhor que 4,5? Não é, então eu acho que tem, eles não estão sabendo analisar, esses resultados, porque tem muitas escolas aqui da região que a gente sabe que são escolas boas mesmo, que tem um aprendizado, que os professores trabalham, se empenham e nem bônus tiveram, porque foram... pichados como escolas de péssimos índices, mas não são péssimos índices, porque ela, mesmo não tendo atingido o índice de 2008, ela tem o índice maior do que aquelas que conseguiram atingir... então, esse resultado eu não consegui entender ainda, qual a proposta do resultado do IDESP.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)